

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO**

LUCIMARA NABOZNY

**MODOS DE VIVER E TRABALHAR EM ITAIACOCA:
TEMPO DE INDUSTRIALIZAÇÃO EM LUGAR DE MINÉRIOS (1940-2018)**

**PONTA GROSSA
2018**

LUCIMARA NABOZNY

MODOS DE VIVER E TRABALHAR EM ITAIACOCA:
TEMPO DE INDUSTRIALIZAÇÃO EM LUGAR DE MINÉRIOS (1940-2018)

Dissertação apresentada ao Mestrado em História, Cultura e Identidades, Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosangela Maria Silva Petuba.

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Izabel de Carvalho.

PONTA GROSSA
2018

N117	Nabozny, Lucimara Modos de viver e trabalhar em Itaiacoca: tempo de industrialização em lugar de minérios / Lucimara Nabozny. Ponta Grossa, 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Orientadora: Profa. Dra. Rosangela Maria Silva Petuba. Coorientadora: Profa. Dra. Alessandra Izabel de Carvalho. 1. Itaiacoca. 2. Mineração. 3. Identidades. I. Petuba, Rosangela Maria Silva. II. Carvalho, Alessandra Izabel de. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. IV.T.

CDD: 981.62



TERMO DE APROVAÇÃO

LUCIMARA NABOZNY

MODOS DE VIVER E TRABALHAR EM ITAIACOCA: TEMPO DE INDUSTRIALIZAÇÃO EM LUGAR DE MINÉRIOS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História - Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 09 de novembro, pela seguinte banca examinadora:

Prof.ª Dr.ª ROSÂNGELA MARIA SILVA PETUBA (UEPG)

(Orientadora)

Prof. Dr. CEZAR KARPINSKI (UFSC)

Prof.ª Dr.ª ALESSANDRA IZABEL DE CARVALHO (UEPG)

Ponta Grossa, 09 de novembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Aos amigos pai e mãe (Thadeu e Odária)

A quem sou grata por tudo, tudo nessa vida. Em especial, pelos incentivos e pelo companheirismo. Nosso gosto comum por viver e ouvir Itaiacoca fez esse trabalho “adentrar e aparecer”. Obrigada por todas as indicações de fontes, por todos os debates na mesa do café e por todas as orações. Amo vocês!

À Professora Rosangela Petuba

Mulher corajosa, mulher de luta. Obrigada por me acolher, assumir esse projeto e fazê-lo nosso. Obrigada por todas as leituras atentas. Sei de todo o trabalho que cerca uma mulher como você, mas isso não te impediu de marcar comigo entre um e outro compromisso e me olhar com calma. Te admiro muito.

À Professora Alessandra

Que me convidou para uma comunidade de sentidos que ouve a montanha, os dragões, o ambiente... Obrigada pelas aulas incríveis, e por mostrar como é imenso o universo do historiador. Sinto que não consegui traduzir em texto as tantas reflexões que você me proporcionou, mas elas agora fazem parte de mim.

Ao professor Cezar Karpinski

Que emprestou sua forma gentil e empática de ser para qualificar esse trabalho. O meu “seguir em frente” carrega muito desse seu cuidado. Obrigada!

Ao Professor Robson Laverdi

Que me falou: “vai pro mestrado”. E eu acreditei. Sempre acredito muito em você, professor. Minha gratidão por cada reflexão sensível, por cada leitura indicada e especialmente por me arrebatrar tantas vezes para viagens admiráveis com perspectivas tão lindas da vida ordinária.

À Lillian

Amiga da vida inteira que conheci no mestrado. Obrigada por me escutar, me situar e me presentear com sua amizade. Pessoa linda, inteligente e forte, que tenho o prazer de chamar de “amiga de casa”.

Às Assistentes Sociais do Hospital Regional

Por segurar todas as pontas nas minhas ausências, e assim construir um verdadeiro significado para palavra “equipe”. E aqui, especialmente, para as amigas de carreira Ines, Kelly, Benildes e Ana Maria, cujos caminhos a percorrer juntas é árduo e longo. E também as flores da estação, residentes da neonatologia, que estão passando um período conosco, enfeitando nosso caminho: Amanda, Isabela, Shirley e Hellem. Obrigada!

Aos Itaiacocanos

Em especial aos que nos presentearam com esse trabalho de construção de memória. Seu Vítório, Tio Eliceu, Seu Pedro (Pedrão), Seu Divar, Seu Bernardo, Seu Francinha, Seu Janguinho, Dona Eudosia, Seu Gustavo, José Alberto, Marilei e Celso. Sinto que nunca conseguiria expressar aqui a profundidade do que me disseram e de tudo o que esse lugar significa para nós. Mas obrigada por me deixarem tentar e me confiar tantas preciosas narrativas.

E um agradecimento especial aos amigos não nomeados, que por serem amigos não vão se aborrecer, pois sabem das suas imensas contribuições.

RESUMO

Este trabalho traz uma discussão sobre como moradores e trabalhadores da agricultura em Itaiacoca, um distrito rural de Ponta Grossa-PR, vivem a complexidade de experiências que emergem pelo surgimento e intensificação da indústria de minérios no lugar, e como expressam suas inquietações sobre o que significa viver em Itaiacoca. Para isso, o estudo lança olhar inicialmente para os modos de retirada da cal como uma atividade da propriedade familiar por meios de conhecimentos tradicionais, e percorre um caminho de transformações provocadas pelas instalações das fábricas. Os impactos dessas transformações foram colhidos a partir de entrevistas de história oral com onze sujeitos, moradores do local. Outra fonte aqui discutida relaciona-se com a possibilidade da implantação do novo complexo mineroindustrial, conhecida como “a fábrica de cimento”, quando começa a ganhar forma a partir das audiências públicas e da apresentação do estudo de impacto ambiental. Ao final desse percurso de pesquisa, o que encontramos permite pensar sobre a maneira como se experimenta o viver nesse lugar de minérios. O tempo de industrialização em um ambiente de afetos impacta os modos de viver e trabalhar em Itaiacoca. A construção identitária incorporou a mineração, porém, mantém o desejo de manter-se itaiacocano, pois existem referências da memória que resistem e interatuam diante da industrialização.

Palavras-chave: Itaiacoca. Mineração. Identidades.

ABSTRACT

This research brings forward a discussion about how agricultural residents and workers in Itaiacoca, a rural district in Ponta Grossa-PR, live the complexity of experiences that emerge from the appearance and intensification of the mining industry in the area, and how their worries are expressed about what it means to live in Itaiacoca. For this, the study initially looks at the known methods for extracting lime cement as a properly family activity through traditional means, and follows the path of transformations brought in by the installment of factories. The impact of these transformations were collected from historical oral interviews with eleven local subjects. Another source discussed in this study relates to the possibility of implementation of a new industrial mining complex, known as a “cement factory”, when it begins to gain form from public hearings and the presentation of a study about the environmental impact. At the end of this research course what we found allows thinking about how living in this mining area is experienced. The industrialization time in an affectionate environment impacts the ways of living and working in Itaiacoca. The identity construction incorporated mining, however, the desire to remain an Itaiacoca citizen remains, as there are memory references that resist and interact through the industrialization.

Keywords: Itaiacoca. Mining. Identities.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1:	Localidades de Itaiacoca.....	13
Imagem 2:	Forno de barranco desativado, imagem interna.....	25
Imagem 3:	Forno de barranco desativado, imagem externa.....	25
Imagem 4:	Fábrica de Cal Durval Meneses na localidade de Três Barras - Itaiacoca.....	29
Imagem 5:	Trabalhador extraíndo talco.....	34
Imagem 6:	Talco do Distrito de Itaiacoca Considerado o Melhor da América.....	37
Imagem 7:	Rodovia dos Minérios e aeroporto: obras de PG.	38
Imagem 8:	Trabalhadores perfurando mina de talco em 1961.....	47
Imagem 9:	Mapa com localidades e mineradoras elaborado por Bernardo Nabozny.....	55
Imagem 10:	Informativo Complexo Minero Industrial.....	61
Imagem 11:	Cenário Diagnóstico de acordo com o NCA da NBR 10.151:2000 para área rural.....	73
Imagem 12:	Cenário Prognóstico de acordo com o NCA da NBR 10.151:2000 para área rural.....	74
Imagem 13:	Mapa de distanciamento em relação às comunidades tradicionais ...	79
Imagem 14:	Vegetação pioneira - arbustiva em terrenos abandonados após exploração agrícola.....	89

LISTA DE SIGLAS

CONAMA	– Conselho Nacional do Meio Ambiente
EIA	– Estudo de Impacto Ambiental
IAP	– Instituto Ambiental do Paraná
IPHAN	– Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).
NBR	– Normas Brasileiras
NCA	– Nível de critérios de avaliação
RIMA	– Relatório de Impacto Ambiental

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
CAPÍTULO 1 - MODOS DE VIVER E TRABALHAR NA MINERAÇÃO EM ITAIACOCA	22
1.1 UMA FORNADA DE CAL NO INTERVALO DA LAVOURA.....	22
1.2 A CHEGADA DO FORNO GRANDE	28
1.3 TRABALHAR FICHADO E MORAR NA CASA DA FIRMA.....	32
CAPÍTULO 2 - NOVO COMPLEXO MINEROINDUSTRIAL: PROCESSO CATALISADOR DE TENSÕES E INTERESSES EM ITAIACOCA	53
2.1 O TEMPO PRESENTE COMO EXPRESSÃO DE MEMÓRIAS E EXPECTATIVAS SOBRE MINERAÇÃO.....	53
2.2 AUDIÊNCIAS PÚBLICAS SOBRE “ESTUDO DE IMPACTOS AMBIENTAIS E RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL”: CONDENSAÇÃO DE CONFLITOS E DISPUTAS	64
CAPÍTULO 3 - PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DA MINERAÇÃO E SEUS IMPACTOS NAS MEMÓRIAS SOBRE O ESPAÇO RURAL DE ITAIACOCA	82
3.1 CAUSOS DE PANELA DE OURO, DE VISAGEM E DE MINA. IMPACTOS E INCORPORAÇÕES DA INDUSTRIALIZAÇÃO DA MINERAÇÃO NO ESPAÇO “RURAL” DE ITAIACOCA	82
3.2 TÁ VINDO UMA CIMENTEIRA. ESSE OURO É NOSSO OU TEM VISAGEM? EXPECTATIVAS SOBRE MINERAÇÃO E O VIVER EM ITAIACOCA	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS.....	103
ANEXOS	110
ANEXO A - DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE ENTREVISTAS.....	111
ANEXO B - CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL.....	116

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A modernização do meio rural é um conceito conhecido por levar o progresso e desenvolvimento, através da implantação de tecnologias que permitam às atividades rurais se tornarem mais produtivas. Essa ideia de modernização não é nova aos nossos olhares, e tampouco exclusiva para o meio rural. Suas nuances, no entanto, são passíveis de muitos exames, pois as consequências da modernização carregam consigo transformações que ultrapassam as fronteiras econômicas, impactando modos de vida, culturas e identidades que se transformam e resistem em meio a esse processo. É neste contexto que este estudo se propôs a investigar como trabalhadores da mineração em Itaiacoca percebem suas identidades durante as transformações nos processos de exploração de minérios na região.

O Distrito de Itaiacoca¹, neste trabalho, está sendo entendido como um espaço rural, pois, existe na história desse lugar formas de manejo da natureza não industriais, construídos com base em conhecimentos não científicos que se configuram importantes para o modo de vida das pessoas que se sentem pertencentes a esse espaço. Não se trata aqui de um conceito de espaço “rural” estritamente relacionado à dependência da agricultura, coleta, caça ou pesca, mas de um conceito mais ampliado desse termo, ligado ao “pertencer à uma comunidade de sentidos” que faz suas construções dos significados de ser Itaiacocano a partir de memórias, crenças e modos de se fazer do cotidiano, e de viver esses significados no espaço rural, mesmo que cortado pela industrialização. Existe aqui algumas resistências e disputas para a manutenção da vida rural em Itaiacoca.

A transformação do trabalho é uma evidência clara, pois o modelo organizacional industrial do trabalho levou as pessoas a se organizarem socialmente no seu entorno. O eixo central da articulação social passou a ser o trabalho. Itaiacoca é um lugar de minérios, mas foi o desenvolvimento da mineração que trouxe a modernização ao espaço rural de Itaiacoca.

A escolha do tema se deu a partir de uma vivência em um espaço de mineração. Cresci acreditando, a exemplo da atividade da minha família, que Itaiacoca era lugar rural, daqueles de plantar e criar animais. No entanto esse entendimento

¹ Itaiacoca: distrito rural de Ponta Grossa, criado pela Lei nº 203 de 3 de janeiro de 1909, está localizado em uma região bastante acidentada dos Campos Gerais.

construiu-se permeado de causos de mineração ouvidas de maneira informal em espaços diversos, que fomentaram o interesse pessoal e acadêmico em compreender como os trabalhadores de antigamente operavam os fornos de barranco e os fornos contínuos. Primos de segundo grau, pais de amigas de infância, tio, vizinhos da comunidade, frequentadores em comum da igreja e das festas, e mesmo na escola me faziam sentir que estava em um espaço de minérios. Queimar pedra me parecia intrigante. Saber por via de relatos de memórias, sobre a transformação do material dentro de um método muito mais próximo do ambiente e das pessoas que ali viviam.

Itaiacoca que é um distrito rural do município de Ponta Grossa, distante do centro urbano aproximadamente 40 km. A topografia acidentada desse distrito rural, inserido no 2º Planalto Paranaense é belíssimo aos olhos dos turistas², ao tempo que não permite a mecanização da agricultura.

A formação geológica do distrito é de solo rico em minerais, principalmente talco, cal e calcário. As jazidas da região foram descobertas em 1917 e desde então se tornaram uma das principais fontes de renda do distrito, tendo seu auge na década de 1960, quando descobriu-se que estas eram uma das melhores jazidas de talco do mundo. É uma região rica em minérios, mas sobretudo é um local onde histórias de moradores e trabalhadores sofrem e causam impactos sociais e culturais em decorrência das transformações nos modelos econômicos e interesses nos minérios.

Pensando nessas mudanças, um evento chama nossa atenção: o projeto de instalação de uma fábrica de cimento de grande porte, que se desenha na região, mais propriamente na localidade de Conceição – Itaiacoca. Para melhor compreender o distrito de Itaiacoca, abaixo o mapa com as localidades divididas entre norte e sul, nos dá noção da extensão do território e das inúmeras localidades que compõem a região:

² Itaiacoca conta com diversos atrativos naturais, como: Buraco do Padre - é uma fuma de 43m de altura e 30m de diâmetro. A origem do nome se deve aos Jesuítas que passaram pela região. Furnas Gêmeas - formadas por duas furnas de aproximadamente 40 m de profundidade cada uma delas, com diâmetros similares. Dolina Grande - é uma formação geológica típica do segundo planalto. Cachoeira da Mariquinha: uma queda d'água com aproximadamente 500 m, abrigando formas exóticas de rochas e capões de mato, formando um rico conjunto paisagístico. Mirante da Pedra Grande - destaque à "gruta mirante", com um efeito visual belíssimo para a imagem das matas. Gruta Olhos D'Água - formações calcárias salvas pela presença da sílica. Foi uma antiga mina de extração e ainda há a presença dos fornos.

Imagem 1: Localidades de Itaiacoca



Fonte: LUZ (2016)

Nota: Distritos Administrativos de Ponta Grossa. Elaborado por John Goes. 2015. Documento digital.

No mapa (Imagem 1), é possível visualizar, em azul, as localidades da região norte, e em vermelho as localidades do sul do Distrito. A mineração está atualmente instalada na região norte, onde se encontram as jazidas talcíferas e calcáreas. A região sul sofre, até o momento, menor influência da mineração, sendo que as principais atividades econômicas são a agricultura familiar e o reflorestamento de pinus. Mas isso tende a mudar, pois o processo de instalação de um novo complexo mineroindustrial está previsto para a localidade de Conceição e a comunidade foi recentemente chamada para as audiências públicas de apresentação da proposta.

Assim, este estudo se voltou para um distrito rural com particularidades culturais, estabelecido em local de riquezas minerais, e consequentemente sujeitos com histórias de vida resultantes de suas experiências nesse contexto em que se emaranham ruralidades, industrialização, modos de vida tradicionais e exploração de minérios. Somado a isso, o projeto de instalação de um novo complexo mineroindustrial nos revela muitas tensões, ambiguidades, desejos, medos e

diferentes compreensões entre os próprios moradores. Perguntamo-nos, então: o que teria em Itaiacoca de especial para que se possa lançar um estudo sobre como se constroem as identidades dos sujeitos, trabalhadores da mineração, ou moradores de local de mineração em Itaiacoca?

Pensando nessas questões, procurei produções acadêmicas atuais sobre Itaiacoca e encontrei uma grande variedade de olhares para o lugar. Na historiografia, meus colegas Angélica da Luz³, Matheus Kosloski⁴, Paulo Souza⁵, Adriane Glinski⁶, José Aparício⁷ lançam olhares diversificados, que convergem para a discussão da existência de identidades e culturas que expressam o “ser Itaiacocano”. Além dos historiadores, estudiosos da área da educação como Ronir Nascimento⁸ e Marilei Ferreira Gonçalves⁹ também foram consultados para esta construção. Ainda entre geógrafos, encontrei tanto estudos voltados à paisagem, aos minerais e à ocupação do espaço e construção do lugar. Percebi, então, que não estava sozinha na minha hipótese de que existe uma construção identitária que liga o sujeito ao lugar.

Assim segui, e para dar forma a este estudo, o embasamento teórico se deu relacionado à história social da cultura, que vem aqui compreendida como aquela que tem como objetivo olhar para uma sociedade e seus sujeitos, utilizando, para tanto, uma interpretação dos costumes e das relações dos grupos sociais. Quando propõe pensar a sociedade a partir de suas relações culturais, Thompson diz: “Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do obsoleto tear manual, o artesão utópico [...]. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência” (THOMPSON, 1987, p.13).

³ LUZ, Angélica Nobre da. As festas de santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos Itaiacocanos da roça velha (1960- 2014). Dissertação de Mestrado em História, UEPG, 2016.

⁴ KOSLOSKY, Matheus. Viver, conviver, Trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR- (1970- 2014). Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

⁵ SOUZA, Paulo Alexandre Lourenço de. Uma proposta da História de Itaiacoca para crianças do Ensino Fundamental. Trabalho de conclusão de Licenciatura em História. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

⁶ GLINSKI, Adriane. De Umbará à Itaiacoca: impactos sociais, culturais e econômicos sofridos e causados pela chegada de migrantes descendentes de poloneses em Itaiacoca. Trabalho de Conclusão de Licenciatura em História. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2006.

⁷ SILVA, JOSÉ APARICIO. Fatores endógenos e exógenos que levaram à imigração/ resistência de pequenos produtores do distrito de Itaiacoca- Ponta Grossa- PR. Na década de 1970, Ponta Grossa, 2008.

⁸ NASCIMENTO, Ronir. A expansão das Escolas Rurais no Distrito de Itaiacoca, no município de Ponta Grossa – PR (1930-1960). Dissertação de Mestrado em Educação. UEPG, 2017

⁹ GONÇALVES, Marilei de Fátima Ferreira. Povos e comunidades tradicionais: relações com a escola do/no campo. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Tuiuti do Paraná. 2017

Este estudo, então, se interessa pela experiência dos trabalhadores da mineração em Itaiacoca, e busca compreender como uma condensação de conflitos expressados em uma audiência pública pode nos remeter a trajetórias de vida, e revelar, no tempo presente, pensamentos e expressões de memórias e experiências, a partir das quais os sujeitos constroem suas expectativas. Afinal, em que aspectos, para os moradores de Itaiacoca, a mineração trata-se de “Maldição ou dádiva?”. (ENRIQUEZ, 2008).

Para o questionamento acima, este estudo não pretende apresentar resposta única, tendo em vista que estamos adentrando em uma teia de relações que envolvem, sobretudo, cultura, identidades, relações interpessoais e com o ambiente, interesses econômicos distintos, modos de vida e subjetividades. Essas relações não estão estáticas, o que pode nos levar a observar que um mesmo sujeito pode carregar consigo essa dúvida, sem poder resolvê-la em definitivo.

A industrialização foi e está sendo um processo que convive com um modo de viver tradicional. Essa reflexão me levou a ensaiar alguns pensamentos sobre a história da mineração em Itaiacoca, que se tornou tema da especialização da UEPG em História, Arte e Cultura. Para o artigo final, que se denominou “Modos de trabalhar na mineração pré-industrial em Itaiacoca: 1940 – 1970”, foram realizadas três entrevistas, utilizando história oral.

Os entrevistados inicialmente¹⁰ foram Vítório Toczec, Eliceu Glinski e Pedro Nabozny. A intenção de se ouvir esses sujeitos foi a de compreender um modo de extração e produção de cal que antecedeu a chegada das fábricas. Os resultados dessas entrevistas, no entanto, apontaram para um modo de organização econômica, social e cultural que concordam muito com a construção uma ideia de vida no campo. A história oral serviu como processo de construção, desvelamento e aproximação com essa história de sujeitos e ambiente.

As narrativas dos sujeitos com o quais construímos as fontes desse trabalho estão aqui compreendidas como repletas de significados, que vão além da “verdade”, pois, segundo Portelli (1997, p. 31): “A primeira coisa que torna a história oral diferente é que ela nos conta menos sobre eventos e mais sobre significados, o que não significa dizer que a história oral não tenha validade factual”. À medida que os sujeitos

¹⁰ Detalhamentos sobre os entrevistados e o processo de entrevista, ver anexos.

foram convidados a falar das suas experiências com a mineração em Itaiacoca, falaram também de suas socialidades. Ao falar de si, falaram também dos processos que os cercam e do espaço nesse lugar chamado Itaiacoca, em que vivem e trabalham. Lembrando do passado e o reconstruindo em narrativa, muitos viram a possibilidade de perceberem suas vozes ampliadas para serem ouvidas para além do seu próprio círculo.

As entrevistas foram organizadas para serem temáticas, pois tiveram a intencionalidade de levantar o assunto da mineração e suas memórias. Porém, o trânsito com a história oral de vida¹¹ se deu naturalmente durante o narrado, uma vez que a vida e trabalho são componentes de uma mesma rede de relações que se tece na vida diária. Observando a necessidade de flexibilidade, na maioria das entrevistas o roteiro foi abandonado, numa tomada de posição de escuta.

Buscando o respeito tão caro à Portelli (2012), em relação à construção das narrativas de fontes orais, temos que considerar, durante as análises, a interferência do próprio ato da entrevista e da transcrição, que perpassam pelo olhar do pesquisador. As transcrições das entrevistas foram realizadas procurando atribuir o ritmo de fala, e respeitando particularidades da forma de dizer. Porém, transformar a oralidade em linguagem escrita sempre está sujeito a fazer com que os descompassos com a linguagem padrão percam significados que não são possíveis de se reproduzirem na escrita.

Existe uma responsabilidade com aquilo que foi confiado ao pesquisador, que tem o papel de documentar e fazer a produção científica do narrado. As análises propostas nesse trabalho, então, buscam considerar que a fonte produzida não revela apenas o sujeito entrevistado, mas é material produzido por entrevistados e entrevistadora, e que, portanto, não partem dos discursos, mas da narrativa, que é o processo constitutivo das representações que as pessoas fazem da história.

O primeiro resultado desse olhar para o tema foi o artigo da especialização, que desencadeou o desejo pela continuidade da aproximação com o assunto. Na avaliação, foi-me chamada a atenção para uma tendência de análise muito

¹¹ Para Meihy (1996), na história oral de vida, o sujeito tem maior autonomia para falar livremente sobre sua experiência pessoal; na história oral temática, há maior objetividade: a partir de um assunto específico e preestabelecido, busca-se o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre algum evento definido.

“apaixonada”, talvez tendenciosa, voltada para uma certa defesa das práticas “pré-industriais”, como melhores para o ambiente.

Para dar sequência à pesquisa, fui ouvir trabalhadores das fábricas de cal e talco, e o processo de industrialização apareceu compreendido muitas vezes como intrínseco ao lugar. Para esses sujeitos, a mineração surge como a principal atividade e representa o progresso desejado na região. A complexidade desse processo não se encerra no gosto ou desgosto em se trabalhar na mineração, mais do que isso, na convivência das identidades múltiplas dos sujeitos desse processo. Campo, cidade e indústria são convergidos no espaço de Itaiacoca, convivem e disputam lugar. E essas disputas se expressam nas memórias e expectativas.

As fontes orais construídas para o artigo foram muito ricas. Mereciam aprofundamento de análise e continuidade. E por isso, numa segunda fase, que constituiu a aplicação do projeto de mestrado, denominado: “Mineração em Itaiacoca: identidades construídas ao viver e trabalhar nos processos de industrialização (1940 a 1970)”.

O objetivo deste trabalho foi o de revisitar as fontes orais construídas para o artigo da especialização, propondo novas análises, e seguir aprofundando e construção de novas fontes. Ouvir sujeitos que trabalharam como empregados da mineração foi tarefa iniciada na busca de compreender os significados das transformações das formas de minerar. Do forno de barranco à fábrica industrial. A exploração de talco e os incentivos pelo progresso possível com essa atividade. Como essa nova perspectiva interagiu e interage com o lugar dito rural de Itaiacoca? Foram entrevistadas outras nove pessoas¹²: José Divar Moreira, Francelino Lemes da Silva, Bernardo Nabozny, Gustavo Angelo Mandalozo, João Maria Santos, Eudósia Maria Iansen Santos, José Alberto Rodrigues, Marilei Ferreira Gonçalves e Celso Amadeu de Paula Antunes.

Ainda, muitas pessoas poderiam ser ouvidas, mas pelos limites de um trabalho acadêmico, as 11 entrevistas serviram como fontes para apontar algumas percepções das pessoas que vivem nessa relação campo/indústria que se constrói em Itaiacoca.

Para dar forma a este estudo, o diálogo teórico foi relacionado à história social da cultura. Thompson,¹³ quando olha para Marx no viés cultural, nos abre caminhos

¹² Detalhamentos sobre os entrevistados e o processo de entrevista, ver anexos.

¹³ Edward Palmer Thompson: Historiador britânico (1924-1993)

para percebermos o trabalho humano a partir de questões que nos permitiram entender melhor o sujeito histórico como ser ativo. Em seu escrito “Folclore, antropologia e história social”,¹⁴ o autor apresenta seu encontro com práticas costumeiras que se mostraram impossíveis de serem apreciadas somente pela história econômica. Com base nesses pressupostos de Thompson, pensamos que a questão do trabalho dá sentidos para além dos econômicos, e certos modos de trabalho costumeiros herdados são tratadas pelos moradores como relíquias antigas, que revelam uma identidade com o lugar.

Este trabalho segue buscando em Thompson sua base teórica para outros debates, como, por exemplo, quando encontramos o estranhamento e, ao mesmo tempo, encantamento descrito pelo autor pela chegada de uma fábrica algodoeira no vale pastoral de Yorkshire ,em 1792¹⁵. Essa passagem nos inspira a refletir sobre os novos hábitos de pensamento e ação nos arredores de uma fábrica que ocupa o espaço rural e sobre como o historiador pode lançar seu olhar a um acontecimento que muda as relações sociais e de trabalho construídas em um local de campo.

A concepção que aqui fazemos dos trabalhadores também se pauta em Williams (1987), que critica o conceito de “cultura de massas” e categoriza o senso comum, ou cultura ordinária como necessária para o campo científico, entendendo que cultura não se desarticula do campo econômico e social, e dialoga com a estrutura de sentimentos que move a realidade. Williams (2011) nos dá suporte para compreendermos as ideias construídas sobre as relações entre campo e cidade. Para o autor, a vida do campo e da cidade é móvel e presente: “move-se ao longo do tempo, através da história de uma família, de um povo; move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões.” (WILLIAMS, 2011, p. 21).

Assim, os conceitos que temos hoje de campo e cidade, e o evento da industrialização de um lugar rural como Itaiacoca, são complexas teias de relações, que em movimento expressam construções históricas que por vezes relacionam o campo como lugar de tranquilidade, e cidade como lugar de desenvolvimento. Ao tratar de sentimentos e relações de trabalhos inscritos em Itaiacoca, fez-se necessário desnaturalizar algumas questões sobre a identidade do trabalhador da mineração. A mineração não é natural. O espaço é de minérios, porém, a mineração é atividade

¹⁴ In: As peculiaridade dos Ingleses e outros artigos, 2001

¹⁵ A formação da classe operária inglesa II. A Maldição de Adão (1988)

humana. A relação dos sujeitos com o ambiente rural também expressa cultura e identidade.

Outras reflexões foram possíveis a partir da participação na disciplina de tópicos especiais em “História, Cultura e Natureza”, ofertada pelo programa de mestrado, que me permitiu conhecer autores e linhas historiográficas que caminham em consonância com a história ambiental. As leituras e aproximações possíveis durante esse momento de estudos me fizeram sentir que este trabalho não deseja ignorar a dimensão ambiental, mas sim compreendê-la como constitutiva da história do lugar, como campo de investigação que ilumina a discussão política. Para compreender a mineração em Itaiacoca, é preciso considerar que as relações humanas não ocorrem no vazio, e sim situadas. E nessas relações interagem, entre outras, com a questão do afeto pelo lugar, expresso aqui pela obra *Topofilia* de Yu-Fu Tuan (1980).

Topofilia é o termo definido por Tuan como “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107). Para o autor, todos os seres humanos compartilham órgãos sensoriais comuns, mas ainda assim têm “noções de mundo” diferentes, porque estas sofrem influências da cultura em que estão inseridos e a experiência com o ambiente. Encontramos, em Itaiacoca, sujeitos que vivem uma experiência sensorial com o ambiente, que os faz sentir deslocados no mundo urbano. Essas experiências são narradas na construção das fontes orais.

As narrativas construídas com as fontes orais para este trabalho apresentaram feitos de retirada e usos de minerais, baseadas em sabedorias dos antepassados. Toledo e Bassols (2015) embasam esse debate quando no deparamos com memórias de formas de cooperação e de saberes oriundos da forma pré-moderna do trabalho com a cal em Itaiacoca, a referência aqui mencionada nos ajuda a compreender os aspectos da conexão da agricultura e natureza tão expressados pelos entrevistados.

O trabalho resultante dos apontados questionamentos acadêmicos segue apresentado em três capítulos. O primeiro, denominado “Modos de viver e trabalhar na mineração em Itaiacoca”, apresenta um panorama sobre transformações experimentadas pelos sujeitos que vivem em lugar de minérios e mostra um modo endógeno de minerar, aprendido pela oralidade, pela experiência, que por hora aproxima-se de um trabalho da memória tradicional, conceito que apresenta as ações

de sociedades rurais baseadas no manejo da natureza de modo não industrial, e utilizando, para tanto, um saber que remonta o seu passado tradicional.

Neste primeiro momento do trabalho, já podem ser sentidos os impactos de uma transformação, com a chegada do forno grande, surgiu pelos apontamentos dos entrevistados sobre a essência da prática de se fazer/fabricar cal. A construção dessas fábricas se deu entre os anos de 1960 e 1980.

Durante o processo da pesquisa para esta pesquisa, um novo movimento em direção à instalação desse complexo mineroindustrial fez repensar as memórias da mineração. Para repensar essas questões, o segundo capítulo, que foi denominado “Novo complexo mineroindustrial: processo catalisador de tensões e interesses em Itaiacoca”, tem o objetivo de problematizar, a partir do tempo presente, as muitas vozes que compõem um lugar em disputa. O prolongamento de uma expectativa plantada sobre a chegada desse complexo gera um presente estendido em contraponto a memórias muito zeladas, traz à tona essas tensões pela expectativa de “um futuro que nunca chega, e que não permite vislumbrar outros futuros”. (TOLEDO; BASSOLS, 2015, p. 17).

O terceiro capítulo, denominado “Processo de Industrialização da mineração e seus impactos nas memórias sobre o espaço rural de Itaiacoca”, foi desenhado com o objetivo de refletir sobre as expressões de memórias dos sujeitos e sua relação com a mineração e com o lugar e suas expectativas de futuro. A mineração está tão presente no cotidiano dos moradores que passou a se incorporar na forma em que o sujeito fala de si. Olhando para as narrativas das fontes orais, percebi a recorrência de “causos” que surgiam de maneira aparentemente despretensiosa, mas que estavam ali para ilustrar o cotidiano e as formas de pensar e se inserir no mundo. Um caso interage de forma muito concisa com passado e futuro. A lenda da panela de ouro, mudada do original, surge como uma analogia do sentimento do morador local em relação à mineração.

Este trabalho vem, então, como uma tentativa de sintetizar uma história de mineração em Itaiacoca, considerando os sentimentos em relação ao lugar e o movimento de industrialização. Além das experiências já vividas, também busca compreender algumas interpretações de um acontecimento futuro, e especialmente quais as transformações vivenciadas no lugar em decorrência dessa espera?

Enquanto esperam, os moradores agem em resposta a esse porvir, e se perguntam, “essa riqueza é nossa?”.

O morador não é autorizado a mexer no minério, e pela experiência já conhece seu atual lugar na mineração, que é o trabalho assalariado. Esse trabalho, por sua vez, representa o meio de permanecer nesse ambiente de afeto. Mas esse lugar continuará a existir depois de tamanha transformação prometida? Essa complexidade de questionamentos nos instiga a refletir sobre as expectativas para o futuro de Itaiacoca. Por fim, o trabalho tem o objetivo de olhar para a questão das identidades dos trabalhadores da mineração e moradores de Itaiacoca, que são impactadas durante o processo de industrialização ocorrido nesse ambiente, com o qual as pessoas expressam cultura.

CAPÍTULO 1

MODOS DE VIVER E TRABALHAR NA MINERAÇÃO EM ITAIACOCA

1.1 UMA FORNADA DE CAL NO INTERVALO DA LAVOURA

O povo sabia né?! (GLINSKI, 2016)

A história da mineração na região, assim como outras áreas ricas em minérios no Brasil, passou por muitas transformações, seguindo de acordo com as variações econômicas e sociais do uso e valor dado aos produtos derivados dos minérios. Assim, atentando aos últimos 60 anos, podemos nos referir a intensas transformações nas formas de exploração, venda, objetivos e meios de relação com o ambiente de extração.

Dessa forma, também muitas mudanças na relação do homem com o ambiente se estabeleceram. As principais transformações estruturais sofridas no distrito de Itaiacoca se relacionam com a industrialização da mineração. Segundo informações disponibilizadas por uma das principais mineradoras instaladas na região na atualidade, a Calponta¹⁶, as atividades de exploração pioneiras das jazidas se deram nos idos de 1970, quando o Eng. Civil Ernani Batista Rosas iniciou a exploração pioneira de jazidas calcárias em sua propriedade, a Fazenda Três Barras, situada no Distrito de Itaiacoca, em Ponta Grossa-PR.

O referido pioneirismo é relativo, pois trata de uma forma de uso que foi antecedido por modos tradicionais de trabalho, que ficaram, por sua vez, subjugadas a um novo paradigma de produção, que se tornou, por sua capacidade de ser contínua, uma amostra do desenvolvimento em pauta. Assim, um antigo modelo de extrair minerais passa a ser ressignificado por uma sociedade que prima pela industrialização.

A antiga forma de extração, no entanto, permanece nas memórias e presente na formação identitária dos trabalhadores da mineração. O narrado se compõe pelos sujeitos que têm um desejo de inscrição em uma categoria histórica. Para Williams

¹⁶ CALPONTA – cal e calcário. Disponível em: www.calponta.com.br/index.php, Acesso em: 4 jul. 2016.

(1987), em suas narrativas, os sujeitos assumem uma identidade embrenhada do lugar em que se produzem.

Anteriormente à chegada das indústrias mineiras na região, os moradores locais, que viviam e trabalhavam em propriedades familiares de agricultura, extraíam e processavam cal para venda para comerciantes que por ali passavam.

Ao abordar a mineração, encontramos memórias de técnicas antigas que extraíam quantidade pouco expressiva de minérios quando comparadas a épocas posteriores. Da mesma forma, os objetivos da mineração para os proprietários das minas e dos processos de trabalho eram outros. A prática consistia em retirar apenas o possível para atender uma necessidade do momento. Não podemos afirmar os motivos desta condição, pois o acesso aos métodos de extração mais eficientes talvez não estivesse ao alcance dos proprietários das minas calcárias das pequenas propriedades rurais. No entanto, a mineração parecia atender princípios da subsistência.

Da mesma forma que a agricultura, a mineração realizada pelo morador local e sua família visava a retirada do necessário, que tinha outra dimensão. Tirar uma fornada de cal servia para casar a filha. Tirar uma fornada de cal no intervalo da lavoura, fazendo um dinheiro para comprar o que faltava em casa no comércio local. Emprestar o forno para o vizinho que estava passando por um aperto financeiro. Todos esses relatos mostram as diferenças de modos de extração e usos. Apesar de o produto ser vendido como matéria-prima para fábricas, podemos observar algumas particularidades na relação do homem com o meio ambiente, bem como as diferentes técnicas que antecederam a chegada da indústria de mineração na região. Tudo isso apresentado através de uma memória relacionada com o ambiente. A memória permite que as pessoas ou as sociedades lembrem de eventos que os ajudam a compreender o presente.

No período que antecedeu a instalação da indústria da mineração, os métodos da exploração do minério de cal eram manuais. Uma das principais diferenças desse processo em relação ao aqui chamado industrial diz respeito a todo o ciclo realizado pelo próprio morador e proprietário da terra. As memórias dos sujeitos desta pesquisa relatam com detalhes todo o processo de retirada, queima e venda da pedra cal. O processo da queima da pedra era um trabalho necessário para transformá-la em cal virgem, como era vendida para seus usos. Os conhecimentos empíricos e da tradição

local revelam significados atribuídos a essa forma de trabalho e relação com a natureza.

Sobre os processos de trabalho, contou Pedro sobre a detonação das rochas:

A munição que era feita, era feita aqui mesmo. Era enxofre, carvão, salitre, essa era a pólvora. Daí colocava estopim e ia socando lá de baixo fazia uma aboque de pedrinha miúda. Ía socando desde lá debaixo e colocava fogo, daí detonava. Às vezes tinha que detonar de novo, quando caía alguma pedra graúda. Daí era carregado com pedra feito crivo e pedra chata embaixo. Daí ia indo, indo até fechar, até ficar tipo uma casa, uma cunheira. Na frente fazia com outras pedras, rebocava de barro, era taipa que dizia. As pedras perto da boca era a soleira, uma pedra grande, mas essas não era pedra de cal, era pedra ferro, que tinha que ter. E quando partia uma tinha que achar outra. Daí ia carregando: as pedras graúdas pelo meio, as mais miúdas pras veradas senão derretia o paredão. Daí em cima ia amiudando, amiudando até abafar, pro fogo não sair de vez. Quando queimava bem era com quarenta e poucas horas, às vezes ía sessenta horas ou mais, dia e noite. Os homens ficavam com o olho vermelho de tanto queimar. Usava quarenta metros de lenha, lenha de dois metros, lenha cumprida. Se fosse jogar muita brasa embaixo daí afogava e não tinha entrada de ar por baixo pra ir queimando a lenha, tinha uma boca por cima e outra por baixo, que era o cinzeiro. Tinha que puxar com a enxada e ir tirando um pouco daquela brasa, senão afogava e não pegava fogo naquela lenha, não queimava direito. Tudo puxado com carroça. (NABOZNY, 2016)

Ainda é possível encontrar em Itaiacoca alguns fornos que eram utilizados pelos agricultores para queima de cal. Um exemplo é o forno que fica na antiga propriedade da família Kostrevicz, conhecida na região por Kocheba. Os fornos eram construídos utilizando um barranco que permitisse o acesso tanto pela boca de fogo, quanto pelo topo. Internamente recobertos de pedra ferro e, no acesso inferior, o fogo era aceso e alimentado. Os fornos desativados assemelham-se a grutas, conforme Imagens 2 e 3, a seguir:

Imagem 2: Forno de barranco desativado, imagem interna
Imagem 3: Forno de barranco desativado, imagem externa



Fonte: Acervo da autora

Na primeira imagem, vemos o forno internamente. Existe uma parte cujas pedras desabaram, que nos permite observar a composição do revestimento de pedra ferro, cujos tamanhos vão se reduzindo até a boca do forno. A segunda imagem mostra o forno visto de fora, com a entrada que era abastecida de lenha. A abertura vista nesta imagem era utilizada para a feitura e o controle do fogo, que conforme os relatos poderiam ter que durar até 60 horas, sem cessar.

Durante as entrevistas, os depoimentos apareceram marcados por uma necessidade de conhecimentos sobre a extração e preparação da pedra em cal virgem. A forma como esse processo especializado chegou a ser praticado pelos moradores de Itaiacoca, como complementação de atividade rural, aparece nas memórias de maneira não sistematizada, assemelhando-se, assim, ao próprio conhecimento biocultural que vem da experiência. Trechos que nos mostram esse saber tradicional: “Tem a técnica pra fazer, só que os caboclos sabiam fazer, eles faziam. É uma coisa meio que milenar né... Isso aí já teve quando os primeiros

entraram na região”. (GLINSKI, 2016). “Os antigos já tinham suas ideias como preparar ele pra poder fechar e como fazia”. (TOCZEK, 2016).

Sobre essa sabedoria, chamada por Maffesoli (2006, p.267) de “instintiva”, pode-se dizer que não remete obrigatoriamente à razão, e exprime a sabedoria popular que resiste frente às transformações correntes. Sobre o processo de queima da cal, utilizado pelos moradores por volta dos anos de 1940 até 1970, Vitório explica:

Então a pedra na pedreira você tem que detonar. Nós fazia tudo no braço assim, as mina. Fazia a pólvora, com carvão, salitre e enxofre dá uma explosão! Então nós explodia a pedra naquele jeito ali. Aí, trazer pro forno. Lá no forno você tinha que fazer tipo um sistema de um crivo: todas pedra empilhadinha desde o começo até fechar... Aí continuava fechando até em cima. Depois de pronto isso ali, aí que você começava o fogo. O fogo não podia parar com ele, então do início de por o fogo e continuar até ele queimar tudo. Levava de setenta e cinco a oitenta horas pra queimar a pedra pra se transformar em cal, sem poder parar. Aí era cal virgem que era chamada. (TOCZEK, 2016)

Ainda na mesma perspectiva, Eliceu conta:

Era atividade dos agricultores de antigamente. Tinham as minas, os fornos que queimavam a cal. Eles faziam o crivo, queimavam, deixavam esfriar, descarregavam, nos intervalos da lavoura. Era posto em cesto de taquara, forrado, tirava a taquara com folha e tudo. E enquanto queimava o cal eles tavam fazendo o cesto, daí forravam o fundo dos cestos e punham o cal virgem, que eles dizem, em pedra. E abocavam, cobriam de novo a boca do cesto com folha de taquara, abocava, era tecido e fechavam. Eram aquelas bolas, pesava em média 80 ou 100 quilos aquilo. Era levado de carretão pra Ponta Grossa pra vender. Dinamite não existia. Era tudo com pólvora que os próprios caboclos faziam. Cortavam uma madeira que chamam de carne de vaca, até hoje muito usada na fabricação de pólvora. Então, usava o carvão dela, o enxofre, tudo sobre medida, sobre peso, e salitre. E isso é a pólvora. Mas tem a medida certa pra fazer, tem a técnica pra fazer, só que os caboclos sabiam fazer, eles faziam. E com isso era explodido as pedras. Hoje a dinamite facilita, agora aquele tempo era só isso... A pedra era arrebetada com material daqui, feita por eles. O povo sabia né?! E era puxado pra Ponta Grossa, tudo era puxado com cavalo. (GLINSKI, 2016).

De forma muito particular, os entrevistados demonstraram a propriedade do saber que os trabalhadores tinham sobre o processo. A extração da pedra requeria um conhecimento, especializado, importante em sua forma tradicional. Método que sem o conhecimento recebido e experimentado não se poderia executar a ação. Mesmo não havendo nenhum “forno de barranco” em uso na atualidade, os antigos

trabalhadores da mineração relatam o processo como quem ensina fazer. Nas suas memórias, o processo continua vivo em sua identificação com o lugar. Conhecer as ferramentas, o modo de trabalhar, a matéria-prima, o destino e uso do produto final conferia ao trabalhador o domínio, tanto do seu ambiente, quanto do trabalho. Isso significa que os sujeitos desenvolveram, nessa atividade, a capacidade organizar e reconhecer os elementos encontrados no ambiente.

O trabalho representa, dessa forma, a sua ação de transformação, sua capacidade de manejar a natureza produzindo com os meios que lhe conferem uma identidade. Segundo Vitório, acerca de seus conhecimentos:

Tinha que conhecer a pedra. Que a pedra de cal tem uma que dá um pouco de areia, sabe como? Tem outra que dá tipo uma lousa e tem a outra que da cal puro, dá cal bom. Tem três tipos de pedra... tem que conhecer! No tirar ela você já conhece, quando da cal bom e quando não, esse é o segredo. Com aquilo ali você trazia o alimento pra casa, era com o dinheirinho dali. Isso aqui tá fazendo que nós trabalhamos com isso, faz cinquenta anos. Durou uns dez anos mais ou menos. Depois já não deu mais. O forno foi nós mesmos que fizemos. Os antigos já tinham suas ideias como preparar ele pra poder fechar e como fazia: não é fácil... Tudo sofrido. Tirar a pedra da pedreira: vá lá com uma marreta, você não tira, porque tem que saber fazer. Saber o tamanho da pedra pra colocar no forno. Não é só pegar a pedra e chegar fogo (risos). Pode chegar fogo do jeito que você queira que não queima. A pedra se queima no normal. Não precisa ser aquele fogo enorme, mas precisa ser fogo sempre, contínuo, por uma quantidade de horas. Pelo contrário não queima. (TOCZEK, 2016)

Reconhecer-se como conhecedor da técnica tradicional implicava ao trabalhador o controle e com isso a importância do seu papel naquele meio produtivo. Então proprietário, conhecedor e transformador, em seu ambiente, o morador local identificava-se como guardião de uma técnica antiga, que necessitava preservar, assim como o ambiente que oferecia os recursos e a oportunidade de exercê-la. Segundo Toledo e Bassols (2015, p. 147, 148), a família agricultora tradicional vive em contato e apropria-se do universo natural. Tal relação faz manter em funcionamento o “metabolismo” entre sua sociedade e natureza e também dá sentido à sua existência, identidade e cultura. A manutenção da memória do trabalhador tradicional não se dá de maneira escrita, mas pelos rituais de trabalho.

Um trabalho difícil, mas recompensador para os entrevistados. O momento final, em que se observava o sucesso da queima, era comemorativo. Hora do “gole

dos queimador”. Final de um trabalho-ritual que só era possível pelo acúmulo de conhecimentos de gerações. Assim como o fim da colheita se dava com baile, o fim da queima era comemorativo. Uma forma de trabalhar ainda lembrado, mas que foi deixando de existir objetivamente a partir da instalação das primeiras fábricas de cal na região, ou como dizem os moradores, com a “chegada do forno grande”.

1.2 A CHEGADA DO FORNO GRANDE

Quando começou a aparecer esses fornos contínuos, esses aí [de barranco] já decaiu. Porque o forno contínuo venceu tudo a freguesia...
(TOCZEK, 2016)

A fala de Vitório aponta para um momento de mudança. A fábrica chega e vence o modelo anterior. No novo modelo não tem espaço para quem produz pouco. Um novo sistema revela toda uma lógica de comércio que vigora no mundo do trabalho e da produção. Com essa transformação, a identidade do morador e trabalhador da mina também se impacta. O sujeito passou a ser visto como um componente de uma força de trabalho, e se viu transformado de sujeito de seu trabalho para apenas mão de obra.

Essa transformação não se dá apenas pela impossibilidade de competir com a fábrica, mas implica também mudanças legais na forma de exploração. No tempo dos fornos de barranco, o proprietário da lavra poderia explorá-la de sua forma. Segundo Nunes (2006, p. 99):

A Constituição de 1967 eliminou a preferência do proprietário do solo na exploração, isto é, na obtenção da concessão. Entretanto, ficou assegurada ao proprietário a participação nos resultados da lavra, salvo naquelas em que se constitui monopólio da União, cabendo, neste caso, ao proprietário apenas indenização (art. 161).

Sobre essa transformação, Pedro afirma:

Os fornos contínuos foram feito depois. Primeiro eram os forno pequeno. Dos contínuo, nós conhecia aqui era dos Meneses, Durval Meneses, na entrada dos Santos ali. O contínuo é fogo direto e ele próprio dá a descarga... é outro sistema. Desse tempo em diante já não era carroça. Mas lá do Meneses bardiavam de carroça e de lá longe. E de lá vinha num vagonete, num trilho e lá basculhavam pra ir carregando. Daí umas duas pessoas puxavam de carrinho e levavam por esse trilho. Desse tempo era forte, os Meneses tinham uns 150 funcionários. Porque cortado lenha a machado. Não existia nem moto serra, e puxado com carroça e depois eles tinham uns caminhãozinho pra puxar. Quem tinha funcionário

era só os Menezes. Ele era forte porque ele aproveitava e fazia lavoura grande e criava gado também. O terreno dele era 400 alqueires. (...) Alguns tinham bloco de nota e tudo. Nós não tinha. Por isso nós paramos mais cedo. Precisava de bloco de nota pra transporte. (NABOZNY, 2016)

Não havendo, então, mais possibilidade legal de mineração da cal pelo proprietário do terreno, o morador local passa então a ocupar outras funções dentro da mineração. João Maria (Janguinho) detalha sua perspectiva de morador de Itaiacoca, convidado a ser construtor de fornos e trabalhador da fábrica.

Um forno veio gente de outras pedreira pra fazer, aquele forno de lá. O do meio um cunhado meu empreitou o forno e eu ajudei fazer. E o de cá é construção minha mesmo! O de cá foi construído em (19)78. Era dos Menezes. Passou pro genro tocar o serviço. Esse último de cá quando tava terminando o forno deu problema nas firmas, venderam pra Incepa. A Incepa aproveitou muita coisa no terreno aí, que agora é da Águia o terreno. É grande essa propriedade. Parece que é 420 alqueires de reflorestamento. Pinus, eucalipto...

Os primeiros dois fornos eu ajudei a fazer. Daí saí trabalhar em outras firmas, depois que voltei fazer o último forno. Ajudei fazer mais dois ali no Passo do Pupo, do Dr Ernani que ta no mato, e ajudei fazer mais dois fornos nas Três Barras. Ajudei a cortar pedra e construir. (SANTOS, 2018)

O forno a que Janguinho se refere como sendo “obra minha mesmo” ainda pode ser visto de sua casa. Trata-se da edificação desativada de três fornos grandes, apresentados na Imagem 4, que segue:

Imagem 4: Fábrica de Cal Durval Menezes na localidade de Três Barras - Itaiacoca



Fonte: Acervo da autora.

O processo de incorporação da técnica de trabalho e construção do forno da fábrica pelo morador local nos fala também sobre a construção de uma nova identidade, que com a chegada da mina é inserida no modo de vida do lugar. Janguinho conta que o primeiro forno foi feito por “gente de fora”, o segundo pelo seu cunhado ao qual ajudou e o terceiro construído por si mesmo, demonstrando aprendizagem das técnicas, passando a ser reconhecidamente um construtor de fornos grandes. Mas esse forno não era seu. Apesar de apontar “sua obra” vista de casa, sabe que quem hoje usufrui o espaço da mina são empresas, a exemplo da Incepa e a Águia. O forno construído por Janguinho está sem uso e nunca foi usado. Assim também sua identidade de construtor de forno grande é uma memória, que fala além da construção, também de um modo de viver gerada em torno da fábrica.

Era tudo braçal. Levava as pedras, assentava, voltava buscar outras. No carrinho de mão. Ponhava a pedra no carrinho e ia pondo. Depois que não tinha mais jeito, subia no barranco, e fazia uma ponte pra subir o material. Era difícil difícil. Dava um cansativo na gente que Deus o livre. Esse foi cinco ou seis meses. Eram três ou quatro trabalhando, e tinha mais os serventes, que era fazer massa e servir pra gente. Era complicado o serviço. Pedra de areia, cortava nas serras aí. Os caminhão traziam. Era pedra que um só não erguia, tinha que levar tombando. E aquele forno de cá nem usaram. Ta bem novinho ele. Os véio não puderam, daí o genro dele vendeu quase tudo. Ali é três fornos que tem. Aquele de lá foi usado bastante, o do meio só começaram e o bem de cá é bem novo. Eu ia de apezinho lá nas serras pra cortar pedra, o caminhão puxava e a gente construía. Devagar mas construía. Esse forno aqui demorou ficar pronto, que era só eu e mais dois pra construir. (SANTOS, 2018)

O modo de relação de trabalho se transformou mais do que o trabalho em si, que continuava sendo muito penoso. O sistema da indústria dita o tempo de trabalho, o salário e principalmente a tarefa de produzir o que não é seu. Essas características da indústria são geralmente recompensadas pela facilitação do trabalho e pelas garantias sociais aos trabalhadores. No entanto, em Itaiacoca, o modelo de mineração aqui apresentado por Janguinho antecedeu os elementos que são vistos como as vantagens dessa forma de trabalho, que são o trabalho auxiliado por tecnologias e as garantias previdenciárias. Com relação a essas questões, às sociabilidades vividas nesse período e sobre a participação das mulheres na vida cotidiana, Eudósia nos dá em sua fala alguns elementos:

E o que a senhora lembra desse tempo dos fornos, dona Eudósia?

As mulher trabalhavam, mas era pra roça, pro mato. Tempo de roça era bom que não tinha mulher em casa, cada qual no seu eito. E os homem, um tirava lenha, outro cortava pedra, outro queimava forno. Mas eu trabalhei nas pedreiras. Ajudava meu pai tirar pedra. Pedra, se eu conseguia erguer, amontoava tudo. Quebrava o que eu podia com uma marretinha assim. Meu pai era empreiteiro, então, quanto mais ele fizesse, mais ele ganhava. Meu pai trabalhou aqui, trabalhou nos Ribas. Eu levantava de madrugada, me arrumava e ó pros matos com ele. Mas era tão bão viu?! Na casa a gente fica, faz, faz as coisas e não aparece. (IANZEN SANTOS, 2018)

A experiência acima relatada nos mostra uma exceção que por isso nos fala de uma ordem do trabalho da mulher de seu contexto. Ela conta que, diferentemente das outras moças, ela trabalhava com seu pai, mas de modo geral, durante o tempo de funcionamento dos fornos contínuos as mulheres tomavam conta das roças e dos afazeres domésticos enquanto os homens se ocupavam da queima da cal, conforme uma divisão de tarefas.

E a senhora disse que o seu pai era empreiteiro da firma? Como era esse trabalho?

Aquele tempo era pouca gente que era fichado, acho que umas duas ou três pessoas só. Ele fazia cesto de taquara pra encher de cal. O cal transportava nos cestos, na média de 60, 70, 80 kg. Ele foi gerente da firma. Ricardo Iansen. Meu pai trabalhou o dia inteiro e quando foi de tarde deu derrame nele, daí não teve jeito. Ele tinha 66 anos. Ele trabalhava mais que um novo. (IANZEN SANTOS, 2018)

Nesse relato, Eudósia aponta para as fragilidades das relações de trabalho que existiram nesse contexto. A informalidade do trabalho e a necessidade de trabalhar mesmo idoso, sem direito à aposentadoria, aparece na construção na história que conta sobre seu pai. As garantias sociais como aposentadoria eram por muito tempo esperadas e muito valorizadas pelos moradores de Itaiacoca, que vivenciavam as experiências da desproteção social dos idosos agricultores. No entanto, a chegada do forno grande não cumpriu essa expectativa de imediato. Sobre o trabalho de empreita, Eliceu conta:

Nossa, tinha um monte de gente trabalhando, fazendo cestos! Só fabricando cesto de empreita. O povo se queixa da vida hoje, mas tá muito melhor, o povo se ferrava pra ganhar o pãozinho. Eles reuniam uma turma, vinha do Biscaia, das Campinas, toda parte, eles traziam de carreta

umas taquaras, onde tá a sede agora da Águia, ali das Três Barras. Daí eles se reuniam ali tudo fazer cesto de empreita. Já pros fornos contínuos. Os outros geralmente eram os próprios donos que faziam. Forno pequeno eram os colonos que faziam, daí não empregava ninguém, serviço próprio. Os que trabalhavam na mina eram mensalistas, ganhavam por mês. Ele dava serviço, claro que era um ganho pequeno, mas dava serviço pra muita gente. Eu mesmo quanta lenha vendi pra essas firmas...

A utilização desse modelo de produção de forno contínuo não perdurou por muito tempo, sendo logo superado por concorrentes de regiões próximas. Sobre o fim desse modelo, Gustavo contou:

Lamentavelmente, Itaiacoca não evoluiu nesse aspecto. Porque, logo que nessa região aqui de Curitiba, eles produziam cal com, vamos dizer, 25% de lenha do que gastava lá. Fornos modernos, fornos que hoje custariam mais de um milhão de dólares. Então, Itaiacoca perdeu o bonde da história por não se modernizar na cal. (MANDALOZZO, 2018)

O forno grande no modelo apresentado por Janguinho não permaneceu ativo por muito tempo. O forno construído por Janguinho ficou sem uso, nunca queimou cal. Os moradores investiram expectativa de modernização com esse sistema, mas foram pela primeira vez frustrados, pois não chegaram a obter as vantagens de ser trabalhador da fábrica. A expectativa local em relação ao trabalho formal e seus benefícios se viu superada pela concorrência dos municípios vizinhos, que possuíam tecnologias mais avançadas. Mesmo sem os benefícios sociais esperados pelos moradores, e sem o resultado produtivo esperado pelos proprietários, a memória do forno grande representa na região um ícone de transformação, pois trouxe as primeiras mudanças em relação ao trabalho assalariado, ou ao trabalho “fichado”, como se diz em Itaiacoca.

1.3 TRABALHAR FICHADO E MORAR NA CASA DA FIRMA

Na verdade, eu não tinha plano de me empregar.
(LEMES DA SILVA, 2017)

Mesmo sem o sucesso esperado pelas primeiras fábricas de cal em Itaiacoca, foram surgindo mineradoras que buscavam a extração de outros minérios, como por exemplo o talco. Os lavradores de Itaiacoca foram pouco a pouco convidados a trabalhar nessas mineradoras. A rotina de trabalho e as competências dessa nova

forma de organização já vinham sendo anunciadas socialmente como bons resultados da modernização do campo. Direitos trabalhistas, garantia de renda, sustento. Trabalho menos penoso do que a lavoura braçal e de subsistência. Essas características do trabalho como empregado já estavam sendo incorporados como vantajosos pelos moradores de Itaiacoca. Não se pode competir com a indústria e com a agricultura moderna. Então, a solução para criar os filhos e para se ter alguma garantia foi se empregar. Porém, mais que um trabalho, um modo de viver (da roça e na roça) estava em jogo. A experiência de Francelino Lemes da Silva, 76 anos, lavrador e trabalhador de mina aposentado, nos evidencia os conflitos experimentados pelos lavradores empregados.

Seu Francinha, como é conhecido, me recebeu em sua casa em um domingo de sol. Sua pequena chácara, onde vive com sua esposa Tereza, fica em meio a uma mata preservada próxima ao Rio Ribeirão. Ainda conserva o costume de criar porcos soltos e muitos cães do tipo antes usados para caça. Quando lhe expliquei o motivo da visita, dando-lhe a saber minha pesquisa sobre as minas e a vida em Itaiacoca, ele prontamente sentou-se próximo ao gravador, na varanda de sua casa, e pôs-se a lembrar:

Trabalhei só aí na Giraldi; me aposentei aí. Trabalhei 25 anos registrado, fora mais seis anos trabalhando por dia, aquele caiu fora. Daí eu saí, falei que não queria mais. Fiquei 3 anos lidando com roça, e o pessoal me procurava pra registrar sabe, e eu dizia, 'ara eu não quero, eu não vou querer!' Daí o homem aqui, o Zeca disse pra mim assim: 'o negócio é o seguinte: se você quiser voltar com nós te registro com o tempo que você trabalhou, o tempo véio' daí eu disse pra ele 'não, fico muito obrigado, minha luta tá boa, tô lidando com minha lavoura aí, eu não quero!' Ele diz: 'você que sabe, se você quiser, a hora que você quiser voltar trabalhar pra nós volte. A hora que quiser chegue na firma pra trabalhar pra nós, só que daí não vamos mais te registrar com o tempo véio'. Daí trabalhei 25 anos registradinho, direto na mina. O meu (serviço) era quebrar pedra, cortar terra, cortar talco, esse serviço (silêncio prolongado) cortava talco, cortava terra, quebrava pedra... isso aí... (LEMES DA SILVA, 2017)

A imagem abaixo foi extraída do *Jornal Última Hora* do ano de 1962. A Imagem 5, a seguir, compõe reportagem sobre talco em Itaiacoca, e ilustra a atividade do trabalhador da mineração, chamada no local de “cortar talco”. A legenda da imagem ainda refere a possibilidade de que apenas um trabalhador seja capaz de extrair 50 toneladas de talco por dia:

Imagem 5: Trabalhador extraíndo talco



EXTRAÍDO em operação manual, para separar as diversas cores, um homem sozinho pode produzir 50 toneladas de talco por dia.

Fonte: Jornal Última Hora. 1962

Em sua fala, Francinha apresenta as pressões que sofreu para trabalhar na mina. Mesmo sem querer, não pode deixar de trabalhar como empregado. No entanto, sua identidade de lavrador resiste. Apresenta-se muito reflexivo ao relatar sua função. Após silêncio prolongado, insiste na reflexão: “Cortava talco, cortava terra, quebrava pedra... isso aí...”. Para Huyssen (1997, p. 20): “A memória torna-se instrumento de resistência e contestação de homens simples que lutam, a cada dia, em suas “astúcias” e “maneiras de fazer” cotidianas, para manter sua temporalidade.” Sobre a vida antes da mina, seu Francinha relata:

Antes eu lidava com lavoura. Plantava milho, feijão. A planta era essa: milho e feijão. Pois olha, nunca vendi! No caso era só pra despesa. Milho pra despesa, feijão pra despesa. Pra negócio não! (silêncio). Era milho, feijão, um porquinho... a luta era essa. E caçava. Aquela época eu caçava. Aquela época eu gostava de caçar, como diz o causo. E era liberado mesmo né! Ninguém se incomodava! Pegar mesmo era mais difícil. Eu gostava mesmo era de escutar corrida de cachorro. Mas se desse certo

nós caçava. Paca, tateto, quati... o que desse certo! Nós tinha os domingo pra caçar. Passar o tempo. Era o divertimento da turma era essa. Com o Floriano (antigo vizinho, já falecido) aqui nós caçava. Se desse certo nós matava, mas era custoso também. Nosso divertimento nos fim de semana era esse. (...) Eu me criei no Biscaia. Quando eu vim pra cá eu tinha 14 anos. A minha vida era trabalhar. Na base de 10 anos eu já ia roçar tiguerá, roçar, carpir. Daí vim pra cá e a cantiga continuou a mesma. Lidava com lavoura, ajudar o pai na lavoura. Nos era em 4 irmãos e uma irmã. A vida era com as plantas. O pai nunca vendia, só pro consumo mesmo. Tinha bastante criação toda vida. Era tudo assim. A venda era só feijão. O que sobrava da despesa aquele ele vendia. Mas milho era só pro consumo, pra tratar de porco, cavalo. (LEMES DA SILVA, 2017)

Esse relato nos faz pensar em um modo de viver superado após o avanço da modernização no campo. Viver da lavoura torna-se tão difícil dentro de uma conjuntura desenvolvimentista, que a solução para o lavrador passa ser a migração para a cidade ou a aceitação do trabalho assalariado. Em seu trabalho “Fatores endógenos e exógenos que levaram a migração/resistência de pequenos produtores do distrito de Itaiacoca na década de 1970”, o pesquisador José Aparício da Silva examina os processos ideológicos de um sistema racional capitalista, que faz parecer inviável certa forma de viver que não se encaixa em modelos produtivos. Segundo Silva (2008), existe uma relação entre urbanização, industrialização e migração, pois os projetos de industrialização e desenvolvimento, somados à promessa de empregos, acabaram por atrair o pequeno agricultor para a cidade. Trata-se de um claro processo ideológico de construção de sentidos, sob os quais se tem a falta ideia de “melhoria de vida”, relacionada com o espaço e o trabalho urbanos, em oposição ao “atraso” do trabalho na lavoura e vida rural. Seu Francinha não foi para a cidade, resistiu na tentativa da manutenção de seu lugar rural próximo à industrialização do campo. Mas participar do progresso o faz ler sua inserção no mercado de trabalho como algo necessário para suas garantias e de sua família. Por isso, decide recontar sobre como se deu sua ida para mina:

Vinte cinco ano na luta macetado aí direto não é fácil! Mas teve bom. Foi bom... foi bom...(silêncio). Na verdade eu não tinha plano de me empregar. Esse tempo que eu trabalhei com eles por dia e saí, eu pensei: ‘ah loco, eu não quero isso pra mim’.

Fiquei lidando com lavoura, e tava bom. Era bom na lavoura. Quando eles vieram pra registrar o pessoal, me procuraram e eu disse: ‘eu não quero! Ta bom minha luta assim’. Daí eles começaram a insistir. Foram lá: viu, mas você não vai voltar trabalhar com nós, eu disse: eu não quero! Tô lidando com minha roça aí, e eu não posso.

E a Tereza começou a cutucar: ‘porque que você não volta? Volte!’ vai ser empregado, não sei o que, é bom. Eu disse: sabe o que, não quero!

Mas foram tentando, tentando. Daí bem por último eles foram lá eu tava carpindo uma roça. Eu disse: não eu não vou voltar, eu tô carpindo uma roça. Não vou voltar!

Bom, daí carpi a roça e de repente eles de novo, mas tava na hora de colher, eu disse: daí quem que colhe meu feijão? Eu não posso ir, tá na hora de colher o meu feijão. Ele falou então colha o feijão e depois vá lá trabalhar com nós.

Não tinha gente. Não tinha gente. Não é como agora que tem uma vaga ali aparece 50 querendo, aquele tempo não tinha. (LEMES DA SILVA, 2017)

Quando diz sobre a falta de pessoas para o trabalho nas mineradoras, seu Francinha fala também de uma resistência, pois ao contar sua experiência, o sujeito conta também do seu entorno, da sociedade que o envolve. Assim, ao contar o “causo” de como se viu coagido a se tornar trabalhador “fichado”, mesmo contra sua vontade, nos fala de forças existentes no seu contexto. Sua esposa, seu cunhado e outros pares compreendiam o emprego como oportunidade que não deveria perder. Havia, então, os que desejavam manter sua “luta” na mesma atividade da agricultura, e também havia moradores que já tinham incorporado a necessidade da modernização e industrialização do campo. Francinha continua:

Quando a roça tava seca eles ali de volta. Nós tava conversando ali (nós morava lá em cima), daí chegou meu cunhado, o Pedrão, e eu tava falando: ‘depois que eu colher a roça talvez eu volte pra vocês lá’. Daí o Pedrão escutou e falou o seguinte: ‘você quer voltar trabalhar com eles pode voltar que a roça eu colho. Meu serviço é esse - ele também trabalhava com isso- eu quebro a roça lá e bardeio tudo aqui no paiol pra você, não es quente a cabeça’ Me tirou o jeito... pensei e agora? Voltei a trabalhar com eles.

Entrei dia primeiro de abril de 69 trabalhar com eles, fiquei até me aposentar.

Eu gostava mais de trabalhar na roça porque trabalhava pra gente. Era por conta. Mas como diz o causo, eu não queria, mas teve bom. Que fiquei aí, me aposentei, já faz alguns anos que to aposentado. O salário que eu ganhava eu ganho agora sem trabalhar. Foi bom. (LEMES DA SILVA, 2017)

O contexto de mineração para qual Francinha foi levado a trabalhar estava construindo sentidos sobre a importância econômica do talco de Itaiacoca pautado no alto potencial competitivo alcançado pelas descobertas sobre a qualidade e quantidade dos minérios na região. A reportagem a seguir, do *Jornal Última Hora*, de

1962, anuncia esse entusiasmo e mostra como Itaiacoca está sendo visto como um espaço promissor para o desenvolvimento econômico do Paraná:

Imagem 6: Talco do Distrito de Itaiacoca Considerado o Melhor da América



Fonte: Jornal Última Hora, Curitiba, 15 de setembro de 1962.

Talco do Distrito de Itaiacoca considerado o melhor da América.

Embora pouco conhecida, localizam-se no Paraná as mais acreditadas minas de talco do País, apenas superadas em qualidade pelas minas da Índia, pertencentes à Haymann Corporation "MK". As minas brasileiras estão no distrito de Itaiacoca, a 29 quilômetros de Ponta Grossa, quase na divisa com Castro. Exploram-nas a sociedade Paranaense de Mineração, empresa constituída por três capitais nacionais, e que exporta quase que a totalidade de sua produção para a Argentina e outros países da América.

As principais jazidas são as de São José, São Benedito e São Pedro, que produzem média de 1.500 toneladas mensais. Estimativa oficial diz que essas minas comportam insignificante parcela da matéria prima da região, sendo lícito informar que a capacidade do subsolo de Itaiacoca é inesgotável. Pesquisas recentemente feitas dão conta de que, além do talco a região é rica em caulim, quartzo, cacita, mica, amianto, feldspato, óxido de ferro e mangnês (este último em menor quantidade). Embora a comprovada existência de minerais estratégicos, com todo o trabalho de pesquisas e exploração é feito por empresas particulares, sem qualquer ajuda do governo federal que apenas autorizou a funcionar.

Produção

Localizada em região montanhosa e quase inóspita, as minas de Itaiacoca oferecem visão interessante, com sua alvura contrastante aos matizes da fina camada de terra que as encobre. À flor da superfície, o talco se assemelha ao saibro, porém mais compacto e mudando o colorido a cada passo. Isso torna a sua extração bastante cômoda, a exemplo do que ocorre com o próprio saibro. A extração é manual, em virtude da necessidade de separação dos diversos tipos de talco, porém um só homem pode extrair até 50 toneladas por dia. A secagem e a moagem do minério se fazem por intermédio de seus secadores rotativos, com capacidade diária de 180

toneladas e três usinas de moagem com capacidade de 50 toneladas por dia. Ainda no ano passado a produção de Itaiacoca representava um terço da produção brasileira. No atual exercício, no entanto, sua produção será igual à do País. E, encontrando-se em fase final de construção uma usina de moagem que deverá beneficiar mais de 25 toneladas diárias, o município pontagrossense comparecerá nas estatísticas com uma produção 50% maior do que a própria produção nacional, isso em 1963. (JORNAL ÚLTIMA HORA, 1962)

A matéria em sua descrição do ambiente e observa um contraste entre a alvura da insurgida mina na paisagem do lugar. Esse contraste é causado pela exploração e fala de modernização. A reportagem traz uma tônica competitiva e comemorativa, que retrata o espírito desse momento histórico do desenvolvimento nacional. E foi para esse contexto que seu Francinha foi levado a participar.

O discurso da modernização da área rural através da mineração toou como mais um reforço para atrair o morador de Itaiacoca para uma nova lógica de produção. A reportagem a seguir dá forma aos meios que a ideia de desenvolvimento foi abraçando também o distrito de Itaiacoca:

Imagem 7 –Rodovia dos Minérios e aeroporto: obras de PG.

Rodovia dos Minérios e aeroporto: Obras de PG

PONTA GROSSA (Secursal — DP)
— Porta-voz da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, anunciou no final da semana, a construção da Rodovia dos Minérios, do aeroporto do Botuquara, a extensão da rede de energia elétrica para Itaiacoca e a implantação de uma indústria de grande porte, como obras prioritárias e que vão transformar por completo o panorama físico, econômico e social do distrito de Itaiacoca. Duas das obras do setor de transportes foram conseguidas pelo prefeito Luiz Gonzaga Pinto em recente contato mantido com o secretário dos Transportes, do governo do Estado, Euro Brandão, em Curitiba, oportunidade em que promoveu com urgência estas obras de grande importância.

Na entrevista mantida com o secretário dos Transportes do Estado, estiveram presentes além do prefeito Luiz Gonzaga Pinto, os diretores da «Aducos Trevo», empresa que vai se instalar em Itaiacoca, e que apontaram ao secretário as possibilidades econômicas decorrentes do desenvolvimento das riquezas minerais da aquela região e que são: talco e calcário para cimento, de solo e produção de cimento.

NOVA ESTRADA
A infraestrutura necessária para o aproveitamento dessas riquezas está na existência de estrada, totalmente asfaltada que permita o acesso às jazidas e dê apoio às unidades industriais ali instaladas e às que vão se instalar e na rede de energia elétrica. Num balanço das necessidades de energia para Itaiacoca, segundo levantamentos técnicos efetuados pela Prefeitura, aponta uma potência da ordem de 10 mil KW.

Pela Rodovia dos Minérios, agora prometida pelo governo do Estado, deverão ser transportadas de 8 a 10 mil toneladas por dia de produ-

tos industrializados em Itaiacoca, devendo ela fazer parte da importante BR-373. Em decorrência desse esforço de administração do engenheiro Luiz Gonzaga Pinto que conseguiu para Itaiacoca a Rodovia dos Minérios e a extensão da rede energética, prevê-se um desenvolvimento social rápido da população o que coincide com a principal meta do Governo do Município de Ponta Grossa.

O secretário Euro Brandão, dos Transportes, decidiu iniciar imediatamente os estudos da rodovia a ser implantada em caráter de urgência e a contratação dos estudos preliminares, do projeto de engenharia e posterior execução das obras. Brandão, por outro lado, manifestou-se entusiasmado em conhecer as potencialidades da região e a urgência de seu aproveitamento, devendo vir a Ponta Grossa nos próximos dias. O secretário esteve recentemente nesta cidade tratando do aeroporto e agora deverá voltar para percorrer o distrito de Itaiacoca e os minerais ali encontrados.

AEROPORTO
Outro ponto de destaque no anúncio do prefeito é a construção do aeroporto de Ponta Grossa que agora definitivamente deverá sair no Botuquara. Há alguns anos, as obras daquele terminal aeroviário tinham sido iniciadas e logo depois paralisadas. Agora, os trabalhos serão reiniciados no princípio do próximo ano conforme informações de Gonzaga Pinto e promessa do secretário Euro Brandão, que esteve em Ponta Grossa juntamente com técnicos do Ministério da Aeronáutica há duas semanas. O aeroporto do Botuquara será construído com verbas federais, estaduais e municipais.

O terminal aéreo do Botuquara, com condições excelentes para operação em qualquer período de tempo —

quase nunca o local fecha por causa da instabilidade meteorológica — será também a alternativa de Curitiba já que o «Afonso Pena» frequentemente apresenta más condições de pouso. Dotado de moderna aparelhagem, radar, sinalização para pousos noturnos, ampla visibilidade, extensa faixa de aproximação, pista pavimentada com previsão de até 3 mil metros — inicialmente 1.800 m — podendo operar no início jatos executivos e mais tarde aviões de grande porte, estação de passageiros com todo o conforto e acesso asfaltado, ligando-o até o centro da cidade, farão dele um dos mais modernos e aparelhados aeroportos do interior do país.

Além disso, o aeroporto do Botuquara contará com uma base perfeitamente equipada para atender a aviação agrícola, com sistemas de abastecimento de combustível e defensivos, hangares especiais, e oficinas mecânicas especializadas nesse tipo de aviação, para atender a toda a região dos Campos Gerais, que tem elevadas produtividades agrícolas e lavouras mecanizadas. A base agrícola instalada no aeroporto utilizará a agrotecnologia no combate as pragas e as doenças que prejudicam as lavouras garantindo ao município excepcionais condições para a agricultura.

INDÚSTRIA
A indústria, anunciada pelo porta-voz da P. M., que vai se instalar no distrito de Itaiacoca para industrializar as riquezas minerais ali encontradas, será a «Aducos Trevo», procedente do Rio Grande do Sul, pertencente ao grupo Luchinger Madorin. Deverá produzir em Ponta Grossa mil toneladas diárias de calcário corretivo de solo, totalizando um investimento superior a 6 milhões de cruzeiros e que aproveitará a mão-de-obra local.

Fonte: Diário do Paraná. Curitiba, 20 de fevereiro de 1974.

As notícias possíveis de se observar no *Diário do Paraná* de 1974 também falam do projeto de modernização, que inclui melhoramento das estradas, eletrificação do Distrito, construção de rodovias ligando o distrito até Ponta Grossa, e até mesmo a construção de um aeroporto. Essas ações vêm anunciando o desenvolvimento econômico a partir da oferta de melhores condições para exploração de minérios e industrialização. Anuncia ainda o aproveitamento da mão de obra local. Esses anúncios já vinham com alguma legitimação social, pois estavam inseridos em um processo nacional de modernização e industrialização.

Nas décadas de 1970 e 1980, o Paraná, a exemplo da política nacional, empregou esforços para o desenvolvimento da industrialização, em especial no setor agrícola passou por grandes mudanças, a mecanização e a produção em larga escala modificaram o sistema até então utilizado.

Conforme Silva (2008), no ano de 1969, Ponta Grossa elaborou o PLADEI (Plano de Desenvolvimento Industrial), que estimulava grandes indústrias a se estabelecerem na cidade. O PLADEI oferecia às empresas isenção fiscal, doações de terrenos e até auxílio na obtenção de empréstimos. Essas políticas beneficiaram as indústrias já instaladas e também trouxeram novas.

Diante desse movimento social que reorganiza e influencia modos de produzir e de viver, podemos dizer que as identidades são construídas e podem sofrer influências de disputas sociais. Ao olhar para a questão da formação de uma identidade mineira em Itaiacoca, vemos pequenas propriedades rurais, movidas por um sistema de subsistência familiar, que incorporam a queima de cal como mais uma das atividades da propriedade. Após um elemento externo ser fixado em sua localidade (a indústria) inicia-se um novo modelo de trabalho que irá transformar também sua forma de viver. Assim, esses sujeitos, ao passarem a conviver com essa nova ordem local, incorporam novos saberes e práticas, novas relações de trabalho e sociabilidades, no movimento dessas transformações. Trabalhar na mineração e trabalhar na mineradora são experimentações distintas dentro de um mesmo local de pertencimento social do trabalhador.

A partir das transformações econômicas resultantes da modernização do campo dadas pelo regime militar no Brasil, em 1964, o campo passou a ser alvo de políticas modernizadoras, ou seja, o Estado incentivou a aquisição de novas tecnologias, o uso de fertilizantes, adubos, sementes selecionadas, enfim, procurou

transformar a base técnica da atividade agrícola e pecuária no país via crédito rural, política de preços mínimos, dentre outros instrumentos. (RASTRELO; SILVA, 2007, p.7).

No entanto, essa modernização gerou graves custos sociais, como, por exemplo, a migração campo-cidade. Assim, muitos foram os pequenos proprietários que deixaram o campo em busca de qualificação ou por falta dela, pois viver nele se tornou algo extremamente difícil. Sobre essa migração, José Alberto fala:

Quando eu entrei - hoje tenho sete anos de empresa - eu entrei como auxiliar. Mas como na região nossa a maioria do pessoal vai embora porque não tem chance e tal, na época aqui na empresa o único que tinha o ensino médio era eu. (RODRIGUES, 2018)

Essa mudança traz, para os que permaneceram, percepções de que estar inserido em um mercado formal de trabalho é um desejo a ser considerado quando se analisa a implantação de um novo empreendimento na região.

Em pergunta à Bernardo Nabozny, gerente de mina aposentado, se durante sua juventude havia pensado em trabalhar com mineração, ele respondeu:

Trabalhar na mineração eu nunca pensei. Foi coisa oportunidade, me procuraram aqui. Naquela época arrumar um emprego, opa né! Ganhar uns trocos. Não é que nem hoje. Acabei indo pra esses lados e fiquei mais de vinte anos.

No ano (19)76 me procuraram pra trabalhar em uma pesquisa. Trabalhando nessa pesquisa, que deveria ser um ano, na região de Itaiacoca, diversas áreas. Daí terminando a pesquisa eu fui convidado para administrar na Itaiacoca Mineração. Entrei lá já como gerente. Trabalhei 27 anos em mineração.

A pesquisa, quando o pessoal veio, era no meu terreno o requerimento, a partir dali eu já me empreguei e já fui aprendendo tudo com as geólogas: Dra. Mara e Dra. Lucia, elas me ensinando e eu fui aprendendo. Até então eu trabalhei na pesquisa na Itaiacoca. Eles tinham bastante área pra pesquisar, e foi pesquisando, e eu conhecia toda a região. O trabalho de pesquisa era procurar minério, e a gente foi pegando experiência de procurar minério. Minério não é dizer 'aqui tem', tem que saber aonde procurar né. Então primeiro a gente encontrou diversas minas, num trabalho grande. Depois que eu fui pra mineração. (NABOZNY 2017).

Na trajetória de vida de Bernardo, podemos perceber a relação em que os sujeitos de Itaiacoca foram construindo com outros formatos da mineração. Por dois motivos, foi escolhido para auxiliar na pesquisa: ser proprietário do terreno cujo estudo

havia sido requerido e por ser conhecedor da região. Antes de se embrenhar com as pesquisadoras nesse trabalho grande em busca dos minérios, Bernardo trabalhava com agricultura e com o comércio local, o que o fazia conhecer as localidades e as pessoas que ali viviam. Seus conhecimentos certamente foram importantes para o êxito da pesquisa, e, em contrapartida, o mesmo também sente ter sido vantajosa para si essa experiência, pois o ensinou como viver e trabalhar no novo modelo de mineração que se aproximava. Sobre sua vida antes da mineração, Bernardo conta:

Aqui mesmo quando eu fui comerciante do meu pai e cuidava pra ele aí, pegava a taxa de mantimentos e marcava preço nas tampas com tinta a óleo, era o mesmo preço o ano inteiro ou até dois anos, três anos. Daí o comerciante aguentava o ano inteiro. Pessoal ia levando, levando e no final do ano ele ganhava um dinheirinho pra comprar mercadoria. Eu acompanhei aqui: o caboclo trabalhava hoje pra comer ontem. E assim era pra bastante gente, pois ninguém tinha salário. Então era dureza. (NABOZNY, 2017)

Semelhante a outros entrevistados, Bernardo faz construções de memórias embasadas na sua condição de morador do campo que está mediado pelas transformações industriais. Aponta um modo de vida e de organização não mais compatível com o desenvolvimento necessário:

A mineração o que trouxe de benefício grande foi a lei do aposentado. Os antigos a partir dali que começaram a ter vida. Até então, ali não tinha nada, então era uma pobreza. Roupas você não sabia qual era verdadeira de remendo... sério mesmo! E às vezes chegava gente no comércio ali comprar as coisas e a gente não podia vender mais. Voltavam sem nada... (silêncio, reflexão) e daí? O pessoal pegava na época adiantado. Chegava e pedia: “quero pegar dois quadros de carpida” e ficavam devendo. Pra poder comer ficavam devendo serviço pra frente. Aconteceu muito. Muito, muito...

A gente que viveu isso aí, então sabe que era totalmente diferente. Eu tinha fixo na lavoura três, quatro. O Berchó e o João Pedro direto, acho que uns oito anos comigo. Daí quando não tinha serviço roçava pastagem, fazer cerca, pescar. (NABOZNY, 2017)

A inclusão de mão de obra assalariada e da intensificação do comércio é aqui demonstrada como fator de exclusão, pois aqueles que permanecem mais próximos do antigo modo de viver acabam sofrendo por não encontrar mais seu próprio modo de organização social vigente. A organização da vida local passa a ser influenciada pela relação comercial recém-estabelecida. A planta para subsistência da família já

não se dava de maneira suficiente, pois outras necessidades estavam implantadas no lugar, gerando exclusão daqueles que não haviam se integrado totalmente ao novo modelo. Quando Bernardo parece refletir, em seu silêncio, sobre o significado de “voltar sem nada do armazém”, seguido de uma falta de alternativa. “E daí?”, se pergunta, nos levando a pensar sobre a falta de alternativas nesse contexto que se desenha, a partir de um modelo econômico que se intensifica.

Nós mudamos pra cá em 53, e eu tinha 9 anos. Mas meu pai já tinha esse terreno aqui e eu já trabalhava aqui. Vinha de carroça de lá. Saia de lá cedo, trabalhava o dia inteiro aqui. De tarde era carregar uma carroçada de milho, chegava lá ainda tinha que descarregar o milho. Enquanto isso a falecida mãe ia fazer janta. Fazer janta e já fazer a comida pro dia seguinte vir pra cá de novo [...] E aqui era tudo bairro de caboclo, a gente chegava aqui daí que o povo tava levantando, chamando os porco, tratando a porcada. (risos) (NABOZNY 2017).

Levantar mais tarde e ter pouca relação comercial são apontados como costumes de um modo de vida não condizentes com o trabalho assalariado que estava por vir, e são lembrados como uma observação de necessidade de mudança. Há também uma diferenciação entre a forma de trabalho de onde fala o entrevistado e dos quais observa. Essa diferenciação entre “poloneses e caboclos” em Itaiacoca é reconhecida nas memórias da região, conforme foi tratado em trabalho acadêmico (GLINSKI, 2006).

Referindo-se a mineração, a incorporação dessas transformações é contada por Bernardo nos termos:

Na época eu como gerente podia pegar funcionário de qualquer idade. Trabalhou não interessa se tem doze anos ou sessenta anos. O Ari, meu sobrinho, foi trabalhar com 13 anos. E tinha gente de idade que vinha de Ponta Grossa, com sessenta anos que vinha e ficava a semana inteira trabalhando. Trabalhava às vezes mais que um novo.

Daí que foi evoluindo. Antes não tinha máquina pra carregar o talco nos caminhão. Carregava num barranco, o caminhão vinha embaixo. Ia uma hora, quatro homens pra carregar um caminhão. De (19)77 a (19)80 por aí.

Depois foi evoluindo, comprando retroescavadeira pra produzir e foi reduzindo o pessoal. Então perto de 100 funcionários no total que nós tinha, produzia 3 mil toneladas, depois com 30 funcionários nos produzia as mesmas 3 mil toneladas ou até mais. Então a coisa mudou muito! A retroescavadeira retirava, as peneiras peneiravam e evoluiu bastante: menos gente produzindo mais. Foi um tempo assim... antes tirava a peneirada, e era pesado

A maioria morava perto, mas teve uma época que tive que pegar de Ponta Grossa, faltou mão de obra. Tinham outras minerações também, tinha a Giraldi, o Alceu Boamorte, tinha a Costalco, a São José... então mão de obra tava faltando. (NABOZNY, 2017)

O movimento retratado por Bernardo revela a busca e formação do operário, e, logo na sequência, a mecanização do trabalho, que o reduz à necessidade do mesmo. A falta de mão de obra citada nos remete à experiência de Francinha, que foi bastante procurado para trabalhar na firma, mesmo desejando permanecer na lavoura. Essa necessidade de mão de obra, somada à ideia nacional de modernização do campo e de desenvolvimento da indústria, são fatores que ajudam a forjar a identidade do morador de Itaiacoca como minerador.

José Divar também faz referência à busca por parte das mineradoras pela mão de obra treinada/experiente:

Eu comecei trabalhar na Costalco¹⁷ em 1980, trabalhando em mineração de talco. Desde o início em mineração de talco... trabalhei três anos na Costalco, motorista, puxando talco da mina para o barracão. Saí da Costalco e passei na Klabin. Só na Klabin eu trabalhei quinze anos, só trabalhando com talco. Lá trabalhei com máquina, mas no início trabalhei de servente, trabalhei três meses de servente, depois com máquina. Era geral: um pouco com máquina, um pouco com caminhão. Foram assim quinze anos na Klabin, também só lidando com talco. Saí da Klabin e entrei na Colorminas¹⁸. Trabalhei também dez anos na Colorminas. Só talco também. Lá era cerâmica, mineração de talco pra piso, e tinha outras, lidava com pedra também, pra tinta. Só que a pedra não ficava ali, ia pra Santa Catarina; Talco ia pra São Paulo. Daí depois trabalhei na Cobemil, mais quatro anos na Cobemil, também lidando com talco, daí eu secava o talco: ali ele era preparado o talco, era tudo seco ali. E foi até onde eu cheguei até agora. Somando tudo no total dá quarenta anos de trabalho só em cima de talco.

Quando trabalhava com a máquina era extração. O trator limpava a área e eu tirava com a máquina, carregava no caminhão e o caminhão transportava pro barracão. No meu primeiro emprego, na Costalco primeiro eu não sabia. Eu recebi treinamento dos encarregados. Eu tinha 18 anos. Daí da Costalco passei pra Klabin e já tava mais experiente um pouco. Quando eu comecei a trabalhar com a máquina, eu já comecei a

¹⁷ Hoje denominada Marc Mineração. Fundada em 1975, a Marc Mineração trabalhava apenas com a extração e beneficiamento de talco. Hoje, a MARC oferece uma série de minérios que compõem a matéria-prima de produtos de diversos segmentos industriais. A Marc Mineração é considerada uma das empresas referências no fornecimento de minerais industriais no Brasil. Disponível em: <http://www.marcmineracao.com.br/empresa-2/historico/>

¹⁸ A Colorminas - Colorifício e Mineração, uma empresa do Grupo SC Holding, surgiu da união entre a Frita Sul - Colorifícios e Cominas - Mineradora de Matérias-primas. A fusão possibilitou fornecer desde a matéria-prima bruta até o design do produto ao cliente, garantindo o domínio de todo o processo produtivo. O projeto foi consolidado com a incorporação da unidade de produção de corantes e pigmentos. Disponível em: <http://www.colorminas.com.br/por/empresa/historico>

aprender o sistema do talco. Tem que separar ele. Se trabalhar com o talco misturando tudo ele, você estraga. Então tem que separar o claro, o branco... é o creme claro, o rosa-claro e o branco. Você tem que separar tudo eles, porque se você cortar tudo junto, você estraga o padrão, não faz padrão nenhum. Tem que ser tudo separadinho. (MOREIRA, 2016)

O sentimento de protagonismo passa a ressurgir no trabalho na mineração para o sujeito local, agora inserido nessa nova forma de produção. Conhecer o material, saber seu destino, saber como trabalhá-lo dá ao sujeito um sentimento de estabilidade. A forma de organização das empresas de fora, trouxe naquele momento para o trabalhador local com experiência no trabalho da fábrica, o sentimento de ser necessário para a mineração:

Quando a gente começa a gente não sabe como são as coisas, depois a gente vai pegando o jeito, vai aprendendo bastante. E hoje eu conheço bastante material. Se chegarem e pedirem pra mim dar uma olhada numa mina e ver que tipo de material que tem, eu não tenho vergonha de chegar e dizer - ó esse aqui é tal tipo de material, esse é tal material e presta pra tal coisa - qual é a utilidade que tem o material.

A Klabin chegou aqui mais ou menos em setenta (1970). Quando eu cheguei aqui eles tavam instalado aqui. Eles começaram bem adiantado a pesquisa daí eles começaram a extrair foi na base de 1970 mais ou menos. (MOREIRA, 2016)

A Klabin¹⁹ hoje não atua mais em Itaiacoca, mas contribuiu para importantes transformações no modo de viver a mineração. A incorporação de pessoas de fora do lugar que vieram para o trabalho, fez acentuar entre os moradores um desejo de inserção na mineração. Um sentimento de perda de espaço agilizou ainda mais o processo de aceitação do morador em se inserir na mineração. Ser necessário para a mineração fez com que o morador local se dedicasse para obter essa experiência, da maneira desejada pelas empresas, garantindo assim um emprego:

Quando troquei de emprego, na verdade eles me procuraram. Quando saí da Costalco pra Klabin eles que me procuraram. Da Klabin pra Colorminas também eles que procuraram... foi o encarregado que era o Carlos que foi de atrás de mim. Pra mim era mais perto, daí a gente ia escolhendo o melhor. E graças a Deus em toda parte que eu fui eu fui me dando bem. Na Cobemil eu entrei porque fechou a Colorminas. Dessa vez eu fiquei desempregado e daí eles vieram atrás de mim de novo. Eu tava parado

¹⁹ A Klabin, maior produtora e exportadora de papéis do Brasil, Empresa brasileira, fundada em 1899, possui atualmente 18 unidades industriais (17 no Brasil, em oito estados, e uma na Argentina). Disponível em: <https://www.klabin.com.br/pt/a-klabin/a-empresa/>

uns dias aqui e eles vieram perguntar se eu queria trabalhar mais um pouco, eu disse: - Vamo trabalhar! [...] Eu gosto de trabalhar com máquina. Gosto de trabalhar com caminhão. Gosto da manutenção. Por isso a hora que aparecer um serviço eu volto pra qualquer um deles. (MOREIRA, 2016)

José Divar fala para além da importância individual de sua experiência. Ter passado por várias firmas, e conhecer dos processos e materiais para cada uma delas o fez ser um trabalhador que não correu o risco do desemprego. Quando constrói essa memória, ele fala de dentro de uma sociedade onde o trabalho formal tornou-se o eixo central de organização da vida.

Assim, imerso no que sabe sobre as dificuldades de manter-se empregado de muitos outros sujeitos, ele sente-se em posição privilegiada, identificando-se como apto para diferentes funções dentro da mineração. Sua identidade com o lugar se constrói mediada pelas mineradoras nas quais trabalhou e que lhes proporcionaram essa experiência narrada com tanta importância. Assim também Bernardo apresenta-se, quando narra seus feitos, possíveis a partir do seu contato com a nova forma de mineração:

Na mineração mesmo eu comecei em (19)76. Com 32 anos já. E trabalhei até... me aposentei em mineradora. Fiquei 20 anos. Já faz 20 que tô aposentado. Mas nunca parei. Depois de aposentado o pessoal me procurava até pra ensinar. Então há 20 anos atrás eu ia lá em Criciúma, me pagavam tudo, e o que eu pedisse. Na época eu pedia 50 reais por dia. Mas nunca explorei também. Chegava lá eles me diziam, fique uma semana e pouco ensinando aí, hotel pago e tudo. Eu ficava um dia ou dois. Algum já trabalhava comigo antes e foi pra lá. Alguns que vieram aprender as coisas, então já sabiam alguma coisa, chegava lá ensinava as coisas: assim, assim, assim. E dizia: já dá pra soltar o serviço pra esse. (NABOZNY, 2017)

Neste relato, Bernardo conta como estabeleceu sua forma de ensinar. Assim como aprendeu pela experiência, acreditava essa também ser a melhor forma de aprendizagem para os quais cumpria o papel de ensinar. Ao lembrar de seu papel de ensino, logo fez referência a sua condição de aprendiz da educação formal:

Eu estudei um pouco na cidade. Mas pouca coisa. [...] Daí mais tarde veio o Miltinho Borba aqui, daí meu pai colocou ele de professor, e eu estudei mais um pouco com ele. Pra mim mudou pouca coisa. Meu pai também foi político, na época que o falecido Juca Offman foi prefeito, aqui tinha bastante criança sem aula, daí meu pai foi falar com ele, disse: “tem uma

“pessoa lá que é instruída e precisa arrumar uma escola”. Ele disse: “escola nós podemos fazer se tiver 25 alunos. Me traga a relação dos alunos, me traga o nome dele que já contratamos”. Daí foi assim, levou ele lá e já voltou contratado. Lá no Prado tinha o Neco Bianco. Mesma coisa, sabia ler e escrever e ele foi colocado de professor. (NABOZNY, 2017)

O modelo de escola rural aqui mencionada por Bernardo vem anunciar uma preocupação política com o êxodo rural. Segundo Nascimento (2017, p. 37) a proposta da escola rural seguia os ideais nacionalistas do Estado Novo, e as função desse modelo de escola busca ajustamento do indivíduo ao meio rural, para fixação dos elementos de produção.

A construção da narrativa de história sobre mineração de Bernardo se dá entre idas e voltas, trazendo memórias e leituras do tempo presente. Para Samuel (1997) a Memória muda de cor e forma de acordo com o que emerge no momento, e assim é transmitida de modo intemporal. Nesse trânsito, pensando sobre suas identidades de aprendiz pela experiência e instrutor, Bernardo expressa sobre seus feitos na mineração, se referindo a como sua presença nesse meio o transforma. Sua experiência, e sua interação com a mineração faz com que não seja mero expectador de uma transformação, mas sujeito ativo que cria, incorpora e inova:

Na Mineração Colorminas começamos com pesquisa foi em 85. Daí ficou, foi feito pesquisa e parou. Um tempo depois que vieram minerar. Quando eu trabalhava com pesquisa pra eles aqui, desenvolvi uma máquina que veio gente de Minas Gerais, de Goiás que veio tirar, ver o tipo da coisa que desenvolveu a máquina. [...] Nós trabalhamos bastante em pesquisa com essa também, mas não tinha o rendimento, daí eu comecei a usar uma ideia: ‘quer saber, vou tacar água, vou fazer uma arte aí na sonda videa’. Depois o pessoal veio copiar como que eu tinha bolado esse troço aí. Então eles vinham, ficavam aí até tirar foto peça por peça, peça por peça, e ficavam admirados de como que me surgiu essa ideia.

Essas ideias eu tive pela experiência. Fiquei pensando: o que é melhor. Quando eu aprendi era tudo manual, tudo com o sofrimento. (NABOZNY, 2017)

Os moradores agora também envolvidos com a mineração veem seu conhecimento ser requisitado para contribuir com o “desenvolvimento” da prática de minerar. José Divar é convidado a treinar outros trabalhadores e dizer “esse dá, esse não dá pro serviço”. Bernardo sente-se motivado a fazer uma arte na sonda videa. Essa relação ainda pode ser observada no narrado por Celso, que, na semana que

foi convidado para entrevista, havia saído para resolver um problema em outra unidade da mineradora: “Até que quinta-feira eu fui dar um apoio, tava com problema e eu fui lá.”

Na forma de organização da vida e trabalho dos moradores de Itaiacoca, anterior à industrialização, a aprendizagem dos métodos de trabalho se dava pelo acúmulo de experiências construídas pelas gerações. “Os antigos já sabiam”. Essa forma de vivenciar os saberes surge no que é narrado no tempo presente, relacionado com a mineração do modo atual. Aqui também o saber pela prática é valorizado e utilizado para melhorar a nova forma de minerar trazida para o lugar.

A Imagem 8, a seguir, nos faz pensar sobre o que Bernardo viveu e que o faz referir que quando aprendeu era mais difícil, era manual. “Quando vai fazer um furo, tem que fazer uma torre de bracatinga dessa grossura, vai assim três pés. Só as hastes pesam uns 40 quilos. Então pesado que nossa vida!”. Na imagem, homens estão lançando uma broca pelo sistema mais difícil, em uma pesquisa para verificação de quantidade e tipo de talco estava presente. As formas de realização dessa pesquisa foram sendo aprimoradas tecnologicamente. E Bernardo se sente satisfeito em ter contribuído com esse aprimoramento.

Imagem 8: Trabalhadores perfurando mina de talco em 1961



Fonte: Acervo particular cedido pelo Sr. Abílio Rodrigues Farias (NASCIMENTO, 2017)

Para o morador de Itaiacoca poder participar desse movimento de modernização significa se inserir no mundo como se tornou. Trabalhar na mineração passa então a representar uma alternativa socialmente valorizada, que convive com um sentimento de perda de um lugar que move as organizações da cultura desses sujeitos.

Durante as décadas de 1950, 60 e 70, Itaiacoca experimentou um crescimento populacional que pode ser associado ao desenvolvimento econômico e à extração mineral. Segundo o IBGE (2010), no ano de 1970, o Distrito teve seu maior número de habitantes, que foi de 4.985 moradores. Nos anos que seguiram, esse número foi decrescendo.²⁰

Nesse processo, seis vilas operárias foram estabelecidas em Itaiacoca: Klabin, Itaiacoca, São José, Costalco, Santos e Rosas. Conhecidas na região como acampamentos, tratavam-se de residências oferecidas para alguns trabalhadores, como forma de incentivo e de organização ou controle da vida do operário e sua família.

Segundo Correia (2001), no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, tornou-se comum a construção de casas para operários em cidades ou em localidades rurais. Tais conjuntos de habitações ficaram conhecida como “vilas operárias”. Em Itaiacoca, no entanto, os conjuntos de habitações oferecidas pelas empresas de mineração eram denominadas como acampamentos.

José Divar viveu com sua família no acampamento da Klabin, e sobre essa experiência conta:

Ali era bom de morar. Eram nove moradores que tinham ali. Ali toda vida foram os mesmos, desde quando eu cheguei ali foram toda vida os mesmos morador. Ali eu morei quinze anos. Era bom o trabalho na Klabin: nós trabalhava de segunda a sexta-feira e sábado até meio dia, depois do almoço nós folgava. Fazia pagamento dia 10, tinha vale dia 15, pagavam bem pra nós... era uma firma muito boa. A casa era da firma, só que eles cobravam um aluguelzinho pra pessoa não ficar dona da casa. Daí quando nós saímos da Klabin eles deram pra nós a casa que nós morava eles deram pra nós.

Só os que tinham profissão que moravam nas casas: só motorista e operador de máquina. Eles não davam casa pra servente, era só os que tinham profissão que moravam ali. Horário de nós pegar no serviço era sete e meia. Então sete e meia o caminhão tava parado no escritório pra turma bater cartão. E largava quatro e meia. Tinha uma hora e meia de

²⁰ Segundo o IBGE, em 2010 a população de Itaiacoca era de 3.102 habitantes.

almoço. Almoço cada um levava a marmita. Tinha que preparar de noite a marmita. Mas era gostoso de trabalhar, muito bom. Pagamento tudo certinho, davam gorjeta pra nós, nossa, Klabin dava gorjeta quase todo mês. (MOREIRA, 2016)

A ascensão no trabalho da mineração é apresentada no relato acima como um privilégio possível, apesar de difícil, para o morador local. A casa do acampamento era uma casa boa para os parâmetros existentes. A maioria dos trabalhadores “com profissão” vieram de fora, porém, a presença de dois moradores locais nesse contexto ensina aos demais que é necessário dedicação e persistência no trabalho. Em contrapartida, os moradores, agora trabalhadores da mineração, poderiam fazer parte de benefícios sociais de direito daqueles que ingressavam nessa lógica construída pelo discurso trabalhista.

Segundo Gomes (2005, p. 180), uma lógica trabalhista começou a produzir significados após a década de 1940 no Brasil. O Estado, neste contexto, ofereceu aos trabalhadores benefícios sociais que funcionavam como parte de um pacto entre Estado e trabalhadores, no qual o Estado não era meramente produtor de ganhos materiais, mas produtor de um discurso que utilizava elementos-chave da autoimagem do trabalhador e articulava demandas, valores e tradições destes, articulando-os em outros contextos. Assim, ser trabalhador representou um ganho simbólico. A relação dos moradores de Itaiacoca com essa lógica pode ser pensada a partir do que Stuart Hall chama de “deslocamento” das identidades.

Quando traz a questão da modernidade tardia, Hall (2006, p. 15) propõe reflexões sobre as diferenças entre as sociedades modernas e as tradicionais. Nas sociedades modernas, ocorrem mudanças rápidas e iluminadas por novas informações. As tradicionais, por sua vez, trazem as tradições como meio de lidar com o tempo e espaço, portanto, estão inscritas por uma continuidade entre presente, passado e futuro. As sociedades da modernização tardia são atravessadas por antagonismos que produzem diferentes “posições de sujeitos”, diferentes identidades. Os deslocamentos culturais são então articulações com o novo, sem deixar a tentativa da manutenção dos pontos nodais de sua cultura tradicional.

Os moradores de Itaiacoca, ao viverem a chegada de uma sociedade moderna, passam então a interagir e se integrar, ao mesmo tempo que buscam a manutenção dos meios de lidar com o tempo e o espaço.

A convivência em vilas construídas no entorno do trabalho traz uma nova configuração de socialização antes não experimentada dessa forma no lugar. Os lavradores, antes ocupantes únicos do espaço de Itaiacoca, assistiam e alguns participavam de uma nova forma de organização, na qual o trabalho passou a ser o eixo central da articulação da estrutura social. Sobre os benefícios do trabalho, Bernardo também remonta memórias sobre a vida dos moradores da vila operária:

A mineração Itaiacoca chegou a ter casa da empresa para os funcionários?

Tinha. Era no Pocinho. Só ali nós tinha umas 30 propriedades. Tudo dividido. Dividido em terreno.

Como eram as casas?

Eram casas pequenas, de madeira. Eram umas casas pré-fabricada praticamente. Num dia você fazia uma casa. Erguia as paredes até a porta, parafusava, e ponhava de pé ali, o forro já vinha pronto, jogava em cima. O forro saía pra fora no beiral. Daí era só cobrir e tá pronta! Era muito rápido a coisa. O modelo veio lá de Marechal Candido Rondon e as madeiras eram de angico. Prego nem pensar de entrar.

Conforme quem precisava a gente ia colocando. (famílias de funcionários para morar). Desocupava uma casa, já tinha gente querendo. (NABOZNY, 2017)

Essa organização estava previamente planejada, e existe, na fala de Bernardo, uma expressão de frustração quando a vida cotidiana não acontecia conforme o planejado. A ordem pensada para o acampamento era o de trabalho na mina para os homens e as mulheres cuidariam da casa e da horta. “Cercamos e mandei fazer horta pro povo. (riso, ironia). Esses que vinham de fora, eles queimavam ripa de cerca e iam queimando e por último queimavam sarrafo de dentro de casa. E horta nada!” (NABOZNY, 2017).

Segundo Correia (2001), o conceito de vila operária definia uma forma de moradia que supunha higiene e decência. Sugeriu casas de famílias de trabalhadores estáveis em oposição dos indivíduos afastados dos empregos regulares. As vilas operárias, ou acampamentos, permitiam manter uma ordem conceitual e eram uma forma simbólica de recompensa pelo trabalho bem cumprido. A ordem nesses espaços era desejada pela empresa que estabelecia uma disciplina. Na prática, o acampamento da Mineração Itaiacoca era fiscalizado por Bernardo, que conta:

O pessoal tinha amizade. Bronca maior que tinha era nesse acampamento. Uma fileira de casa aqui, a mulherada que volta e meia tinha bronca. Naquela época veio aqui em casa o prefeito Zuk, com um delegado, e me nomearam como delegado. Eu nunca assumi. Eu disse: mas eu delegado? Ele disse: “vai lá pegar a carteira”. Até hoje não fui. (risos).

Mas era um abacaxi, barbaridade... (silêncio) (NABOZNY, 2017)

O acampamento aqui rememorado apresenta uma autonomia reconhecida pelas autoridades do município. Essa autonomia impedia atividades que se contrapusessem ao cotidiano disciplinado de trabalho que se esperava dos trabalhadores. Mesmo negando assumir formalmente o cargo que lhe foi concedido de delegado, o gerente da mineração estava amparado de uma legitimação de poder que não vinha somente da empresa, mas também dos gestores do município.

A fala de Bernardo também nos permite problematizar seu lugar de sujeito. Morador local, filho de agricultores e comerciantes de descendência polonesa. Essas famílias traziam consigo tradições que impactaram e sofreram impactos pelo modo de vida próprio dos moradores de Itaiacoca, que se denominavam caboclos.

Podemos pensar ainda sobre sua identidade formada pela sua experiência como morador de Itaiacoca e que também muito cedo teve a oportunidade de se inserir de maneira mais privilegiada na nova forma de trabalho com mineração.

Bernardo está como um sujeito que transita entre empresas de mineração e moradores, o que lhe confere uma condição de mediador na transição em processo. Ao falar de sua vivência no trabalho na mineração, não se isenta de se colocar como morador local inserido em uma cultura característica de Itaiacoca que o inscreve em um ambiente rural. Seu Francinha afirma sua identidade de lavrador, e na construção que nos apresenta de sua memória, reafirma o desejo de permanecer como estava. Reconhece ainda as forças que o movem para um modelo de trabalho não desejado por ele, mas que se torna necessário. Esse mesmo movimento envolve Bernardo, mas este, pelas condições objetivas de sua vida, lança olhar de oportunidade para o trabalho na mineração, e mesmo reconhecendo-se na vida rural, aproveita essa oportunidade para preparar-se para um novo formato de trabalho que desponta.

Essa percepção de um processo conflituoso e plural de engendramento de novas identidades a partir das convivências com as transformações em curso no

distrito de Itaiacoca fica ainda mais evidente quando se evidenciam novas transformações, como exemplo a perspectiva da chegada do novo complexo mineroindustrial.

CAPÍTULO 2

NOVO COMPLEXO MINEROINDUSTRIAL: PROCESSO CATALISADOR DE TENSÕES E INTERESSES EM ITAIACOCA

“Ah, mas você não precisa ir morar na cidade, pois vai ter um emprego próximo de você. [...] Então esse sossego que a gente tem, essa calma, ela não vai existir.”

(GONÇALVES, 2018)

A chegada do novo complexo industrial na expectativa dos moradores de Itaiacoca nos leva a pensar neste capítulo sobre como moradores e trabalhadores da mineração vivem em meio à complexidade de experiências que emergem em um tempo de promessa de intensificação da indústria de minérios e como expressam suas inquietações sobre o que é viver em um lugar carregado de elos afetivos das pessoas com o ambiente, ao mesmo tempo que se localiza em cima de riquezas minerais. Esse que poderia ser um detalhe do ambiente implica em como os sujeitos históricos vivenciam a experiência de viver e trabalhar em Itaiacoca.

A possibilidade da implantação do novo complexo mineroindustrial, conhecido como “a fábrica de cimento”, começa a sair do campo da imaginação e ganhar forma a partir das audiências públicas e da apresentação do estudo do Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA),²¹ realizado pela empresa proponente da exploração e envolve órgão ambiental, políticos, ministério público entre outras instâncias que pareciam distantes da realidade cotidiana antes experimentada.

A aproximação dos moradores locais com essa nova realidade faz emergir memórias, questionamentos e inquietações referentes às relações com a cidade de Ponta Grossa. O que acompanha a chegada da fábrica de cimento? Quais políticas públicas essas transformações requerem?

2.1 O TEMPO PRESENTE COMO EXPRESSÃO DE MEMÓRIAS E EXPECTATIVAS SOBRE MINERAÇÃO

No final do ano de 2016, o Distrito de Itaiacoca aproximou-se um pouco mais de um projeto que há tempos ronda a população local: a chegada de um novo

²¹ Estes estudos são instrumentos legais que se consolidam a partir da Lei 6.938/81 que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, e do Art. 225, § 1º, Inciso IV, da Constituição Federal, ainda com sua regulamentação Federal pela Resolução 001/86 do CONAMA (BRASIL, 2012).

complexo. A portaria de lavra²² que é a autorização de pesquisa e posterior exploração dos minérios presentes no subsolo de uma faixa geológica que vai entre a localidade de Conceição e São Silvestre em Campo Largo, existe desde 1974, e hoje pertence à Mineração Delta PR, do Grupo Brennand. Atualmente, a empresa proponente vem se aproximando da execução da proposta para a construção da fábrica. Podemos considerar, assim, que a expectativa dos moradores locais pela instalação deste complexo não se inicia com as atuais discussões do projeto, mas desde outros tempos já perpassam o imaginário constitutivo da identidade do morador local.

A mineração como construção humana participa do movimento de um sistema econômico e social, e passa a vigorar a partir do interesse pelo uso dos minérios. No entanto, não é possível pensar o sujeito que vive e trabalha no local mesmo antes da mineração como a conhecemos hoje, como pessoas alheias que apenas recebem um sistema, sem interferir e sem incorporá-lo em partes à sua vida.

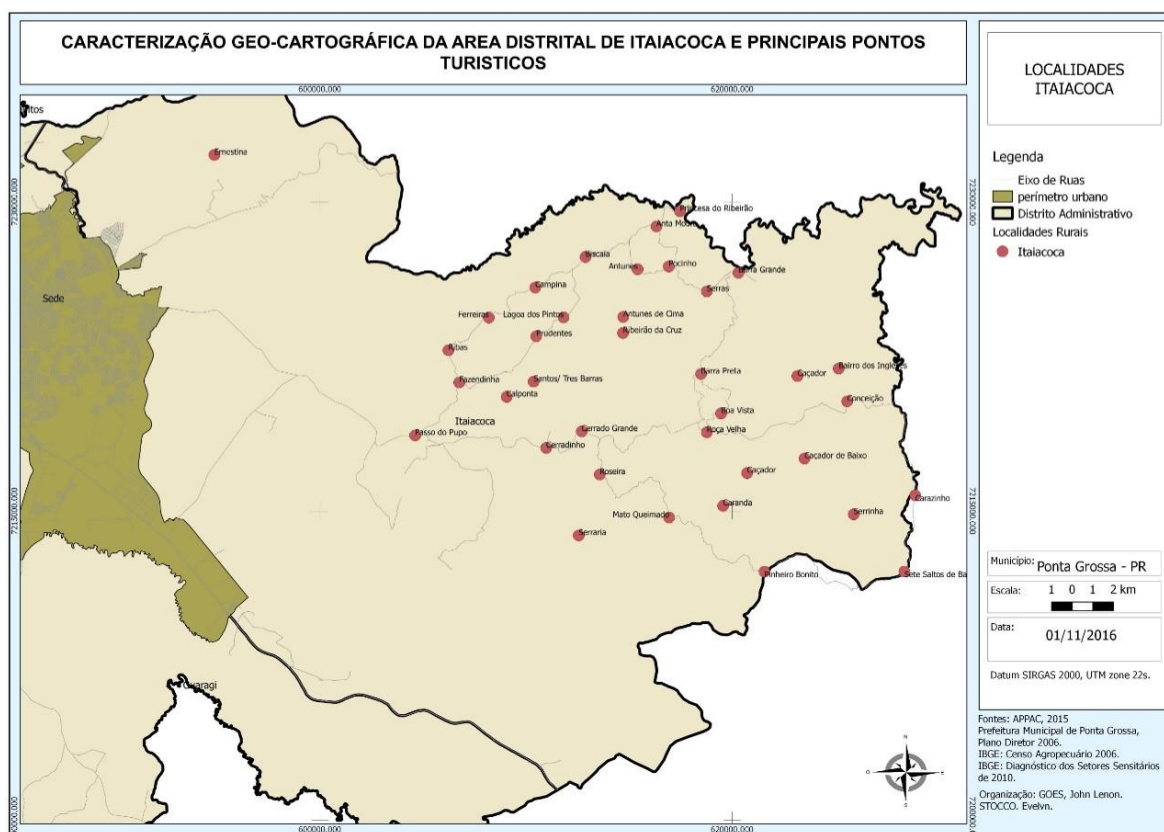
Podemos refletir sobre a configuração do espaço pelo ponto de vista dos sujeitos que vivem as transformações de Itaiacoca. Bernardo, que como já dito trabalhou como comerciante, gerente de mineração e subprefeito, a partir de sua experiência com o lugar, mostra um mapa reconstruído segundo suas vivências. Durante a entrevista, sinalizou com caneta os fornos de barranco, os fornos contínuos, as minas desativadas e as atuais. Essa ação nos leva a pensar sobre a intimidade do sujeito com o lugar e com a mineração até o presente instalada.

Eu tenho um mapinha que atualizei. Era da prefeitura, mas faltava muita coisa. (foi buscar mapa) Fiz pras missões²³. Eu redigi e distribuí muito mapa por aí. O outro tinha muita pouca coisa. Essa estrada aqui das Três Barras pra sair no Cerradinho não existia no mapa. Então eu queria fazer, mas ficamos enrolando, de pegar um carro e um GPS, e fazer o caminhamento em todas estradas, colocar as distâncias e fazer um “croqui” bem certo. (Mostrando no mapa, sinalizando): a Itaiacoca a mineração era no Pocinho. Daí as minas próximas aqui. Aqui é o Ribeirão da Cruz. A mineração aqui... (NABOZNY, 2017)

²² Portaria de lavra: Segundo a Agência Nacional de Mineração, são Regimes de Autorização e Concessão. O objetivo final na utilização desses regimes é um título que permita o aproveitamento do recurso mineral que, no caso, é uma portaria do Ministro das Minas e Energia, denominada corriqueiramente de Portaria de Lavra (Artigo 43 do Código de Mineração).

²³ Santas Missões Populares: ação da Igreja Católica proposta pela CNBB, com objetivo de que cada católico engajado, membro de pastoral ou movimento, seja missionário, formando um pequeno grupo para celebrar assembleias em suas comunidades.

Imagem 10: Caracterização geo-cartográfica da área distrital de Itaiacoca e principais pontos turísticos



Fonte: GOES; STOCCO (2016)

Os impasses na representação dos mapas tornam visíveis as dinâmicas do espaço em disputa. Os processos que movimentam os grupos sociais que vivem em Itaiacoca ou se interessam por ele se evidenciam durante o processo de estudo para implantação de um novo empreendimento, porém, sua gênese se manifesta na construção de memórias muito anteriores. Não é possível filtrar na fala dos sujeitos o que é memória, o que é expectativa e o que é leitura de um contexto atual. Esses elementos compõem o “tecido social vivo”, num espaço compartilhado. Acselrad (2004) quando pensa sobre os usos sociais da cartografia, refere que é essa História que se tem tentado introduzir nos exercícios de representação de um território: “que torne visíveis as dinâmicas espaciais do tecido social vivo, os processos socioecológicos intrinsecamente conflituais que estabilizam e instabilizam lugares e grupos sociais”. Ainda sinalizando no mapa, Bernardo lembra-se de processos que considera importantes mencionar:

A São José é muito mais antiga. A última que minerou lá foi a Costalco. A extração é justamente lá mesmo. Eles fizeram a mina, começaram a

trabalhar na mina, fizeram o acampamento e daqui a pouco a mina veio e eles tiveram que ir mudando as casas, porque tava tudo por baixo deles. Eles não fizeram pesquisa, chegaram lá pensando: aqui é mina. E começaram a minerar. Só que a mina tava por baixo. Mudaram o acampamento duas vezes pra poder minerar (risos) (NABOZNY, 2017).

A pesquisa aparece como uma ideia implícita acerca da importância de se conhecer o lugar e as condições de mineração. Quando a extração de cal era realizada na propriedade pelo morador local, conforme visto no primeiro capítulo, esse conhecimento surgia como herança, pois era aprendido com os antigos que repassavam a técnica. Neste momento retratado pela memória de Bernardo, percebemos a pesquisa e os métodos científicos reconhecidos e incorporados na região. A mineradora que descumpriu o método que exigia uma pesquisa aprofundada teve resultados ineficientes, pois, por duas vezes, precisou mudar as casas da vila operária que, por desconhecimento, foram construídas em cima dos minérios. A incorporação da ideia de um método de pesquisa surge também na fala de Eliceu, quando reflete sobre como compreende a formação geológica e a exploração de minérios:

Itaiacoca é o centro, é uma das maiores reservas do mundo de pedra pra cal, calcário, cimento, essas coisas. Existe uma jazida que são nove quilômetros de minério que vem do Município de Campo Largo e Itaiacoca. É tudo pesquisado. Tá pra ser aberta a fábrica de cimento. Então, onde tá essa fábrica é onde tá o minério calcário, por volta de 350 ou 400 metros dos lados tá o talco, porque o talco acompanha a mina; é uma decomposição do calcário, o talco, eles são da mesma família. E aqui tem variedades de pedra, umas com mais magnésio, outras com menos, uma mais pra calcário, outra mais pra cal, outra mais pra cimento. Elas não são iguais, tem variedades, umas mais claras outras mais escuras. Eles tiveram ano passado pesquisando, trabalhando aqui. Dá surpresa! São pesquisas de ponta, tudo com diamante cortado os furos. [...] e tiveram surpresas, tanto que aparece coisas que eles não esperavam: acharam ouro, acharam urânio, que é material radioativo, daí eles lacraram, entupiram o poço. Mas encontraram, porque aqui tem todo tipo de minério. Essa foi a segunda pesquisa, eles fizeram a primeira mais superficial, agora que eles fizeram um levantamento maior, porque agora eles tão pra que no passe a crise eles querem mexer, começar a trabalhar. (GLINSKI, 2016)

Aquilo que não era possível saber antes das “pesquisas” tão mencionadas pelos moradores passa a compor a compreensão dos mesmos sobre a natureza do lugar onde vivem. Essa convivência com o novo saber trouxe aos moradores elementos que os fazem atribuir outras importâncias ao local. Morar em uma “riqueza” antes não conhecida impacta suas identidades. Viver em um lugar que possui recursos “indispensáveis” e tão desejados pela sociedade moderna faz

emergir ao morador local uma expectativa sobre o que lhe caberá de benefícios relacionados ao que foi encontrado. Marilei Ferreira Gonçalves, moradora e ativista da comunidade Faxinal de Sete Saltos de Baixo, sobre o sentimento de viver em espaço de minérios, refere: “A gente vive em cima do petróleo (risos), em cima do minério.” Tomar conhecimento da dimensão do interesse econômico diante daquilo que está presente na natureza do lugar onde vive trouxe a alguns moradores o desejo de compreender e se apropriar das transformações impostas ao lugar.

Entender sobre minérios e sobre mineradoras passa a se apresentar como uma necessidade para esse agricultor, que busca afirmar sua identidade no local, para não se sentir alienado do potencial econômico da região. Para Guimarães et al. (2013) as rochas e os minerais representam importante fonte de informações tradicionalmente ligada à potencialidade de uso que podem apresentar. “A prospecção mineral ou a capacidade agrícola dos terrenos impulsionaram a evolução da sociedade e trouxeram um valioso aprendizado sobre várias facetas da geodiversidade”. (GUIMARÃES et al., 2013, p. 41).

José Alberto também se refere às pesquisas e à necessidade de especialização do conhecimento que possibilita a mineração nos tempos atuais:

Mateus o nome do dono (da fábrica de talco para cerâmica que trabalha). É de Santa Catarina. Mora hoje em Ponta Grossa. Ele herdou do pai dele que veio de lá com conhecimento na área de cerâmica, viu a oportunidade aqui, talvez por pesquisa, não sei. Hoje esse material é exclusivamente pra cerâmica. (RODRIGUES, 2018)

Na fala acima, José Alberto começa a esboçar alguns motivos que levaram pessoas e empresas de fora a se firmarem na exploração dos minérios. Em outro momento, sobre sua família, conta:

O meu vô paterno trabalhava com cal também. Meu vô paterno ele ganhou, até o pai conta, que alguma coisa que a gente tem hoje ele ganhou com cal. E agricultura. O cal era uma renda extra, um dinheiro fácil na época. Acho que o que barrou isso daí foi a fiscalização, começou a chegar as normas e daí aqui o pessoal não tinha, vamos dizer, aquela instrução pra montar uma empresa, requerer uma área, tirar nota fiscal, fazer tudo certinho, pagar imposto, era no grito né. (RODRIGUES, 2018)

O morador sabe agora que, para a nova forma de exploração dos minérios, é necessária uma pesquisa aprofundada e conhecimentos que não são mais seus. Por isso, cabe-lhes especular sobre os resultados obtidos e aguardar qual será sua

função nessa nova forma de trabalho trazida da “cidade”.

As construções das diferenças entre campo e cidade, sobre como socialmente são distinguidos os modos de viver no ambiente rural e urbano e as frágeis estruturas que separam essas interpretações, ocorrem como tramas que permeiam este pensar a mineração e os moradores de Itaiacoca. Estes nos contam suas histórias vividas conformadas com o debate que está vigente na sociedade em que se inscrevem. Vivenciando as supostas contradições entre progresso e campo, os sujeitos ouvidos não podem ser definidos unicamente como agricultores, mineradores, itaiacocanos, industriários, ou qualquer outra definição estagnada. Uma soma dessas identidades os compõe, são pessoas que constroem seu viver e ressignificam seu passado a partir do presente. Pelo seu lugar e seu tempo, estruturam sentimentos relacionados ao ambiente. Existe um lugar que de dentro é visto de uma forma. No entanto, o projeto vem de fora.

Diante desses sentimentos, os moradores locais vislumbram o projeto de implantação de um novo complexo mineroindustrial. A aproximação com essa realidade faz emergir questionamentos e inquietações, e entre elas sobre políticas públicas e regulamentação da mineração. O que acompanha a chegada da Fábrica de Cimento, como se dá a regulamentação dessa extração, e como de fato isso irá se desenhar no ambiente são questões que se levantam. As opiniões que divergem sobre uma possibilidade de transformação local nos levam a pensar que este lugar em disputa muito representa para aqueles que nele vivem a sua referência de ambiente, onde marcam suas experiências e trajetórias. Para discorrer essa disputa dentro dessa cultura, entendida conforme Williams como “experiência ordinária”, no processo de construção de significados entre o Campo e a Mina.

O tempo presente nos serve aqui como expressão de um processo catalisador de tensões e interesses. A expectativa pela implantação de um novo complexo mineroindustrial e os movimentos nessa direção geram respostas divergentes passíveis de serem observadas para além do campo das ideias, mas como prática cotidiana ordinária dos sujeitos, que é sua própria cultura. Para Williams, cultura não é representação, mas ação. Como lê Cevalco (2001, p 50): “Cultura não é um processo social secundário - a produção de significados e valores é uma atividade humana primária que estruturam formas, instituições, relações”.

Então, de acordo com Williams, que traz as interações na vida ordinária e a cultura como um processo social inerente à atividade humana, é que reexamino a seguir as manifestações dos sujeitos participantes desse momento. As linguagens empregadas expressam memórias e expectativas sobre a mineração e sobre modos de viver e trabalhar.

Com a finalidade de estreitar a relação com a comunidade, a empresa que está propondo a instalação do complexo realizou algumas reuniões comunitárias. Foram pelo menos três dessas reuniões, em localidades de Itaiacoca, que receberam moradores locais, donos de chácaras, políticos e empresários. No entanto, a maior parte do público era de moradores, alguns que trabalham na mineração e alguns agricultores.

Na reunião realizada na localidade de Roça Velha, no pavilhão da igreja, compareceram aproximadamente 50 pessoas. A comunidade, que leva a fama de hospitaleira, organizou-se de modo a servir pastel e refrigerante para todos os participantes. Enquanto os representantes da empresa apresentavam sua proposta e o perfil da mesma, algumas mulheres da comunidade prepararam o lanche na cozinha. Nessa ocasião, homens e mulheres, muitos vestidos com seus chapéus e saias não condizentes com a moda da cidade, estavam sentados em bancos de madeira, muito provavelmente construídos pelas suas próprias mãos, observando um grande telão que lhes dizia quanta modernização aquela proposta poderá assegurar para esta comunidade. Os olhos atentos de uns, a postura cansada de outros, futuro que se apresenta a seus olhos em forma de propaganda.

O discurso, nessa ocasião, foi o da apresentação institucional do Grupo Brennand e suas experiências em Sete Lagoas - MG e Pitimbu – PB, além da apresentação das experiências do grupo em outras regiões. Os representantes também tiveram a oportunidade de falar sobre o projeto para implantação do complexo mineroindustrial Ponta Grossa e Campo Largo – PR. As explanações demonstravam todo fluxograma de extração mineral de cimento, que se inicia com a extração de uma espécie de calcário que foi encontrada abundantemente na região e já muito bem estudada para a finalidade a que se apresenta.

O folder a seguir foi distribuído durante as reuniões nas comunidades com a finalidade de informar a população sobre o projeto.

Imagem 11: Informativo Complexo Minero Industrial

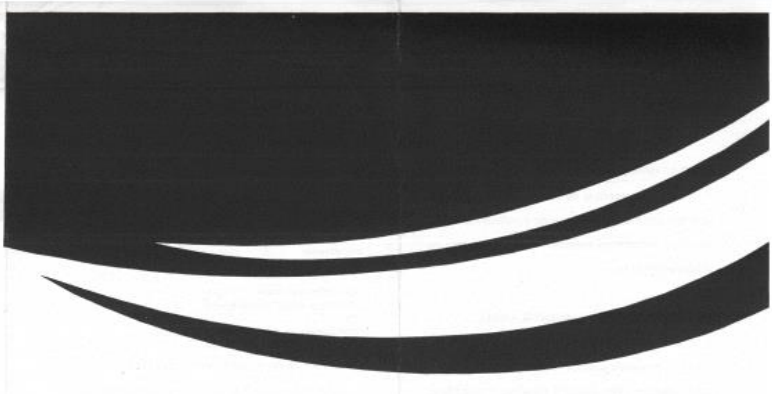
AUDIÊNCIA PÚBLICA

A AUDIÊNCIA PÚBLICA É O INSTRUMENTO DE INFORMAÇÃO E CONSULTA DA POPULAÇÃO A RESPEITO DO EMPREENDIMENTO.

NA AUDIÊNCIA, EXPÕE-SE AOS INTERESSADOS O CONTEÚDO DO PROJETO E DO EIA/RIMA, ESCLARECENDO DÚVIDAS E RECOLHENDO SUGESTÕES E CRÍTICAS DA SOCIEDADE PRESENTE, QUE SERÃO ANALISADAS NA FASE DECISÓRIA DO PROCESSO.

CAMPO LARGO
 DATA: 23/11/2016 - QUARTA-FEIRA
 HORÁRIO: 19 ÀS 22 HORAS
 LOCAL: ESCOLA MUNICIPAL RURAL SÃO PEDRO
 Estrada Municipal Rural São Pedro, s/n, São Silvestre

PONTA GROSSA
 DATA: 24/11/2016 - QUINTA-FEIRA
 HORÁRIO: 19 ÀS 22 HORAS
 LOCAL: ESCOLA MUNICIPAL PROF ELOY AVRECHACK
 Estrada do Cerrado Grande, s/n, Itaiacoca



MINERAÇÃO DELTA DO PARANÁ S.A.

COMPLEXO MINEROINDUSTRIAL
 Ponta Grossa e Campo Largo/PR

Audiência Pública
 Novembro - 2016

EIA/RIMA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL
RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA

É um dos instrumentos do licenciamento ambiental que tem por finalidade o estudo detalhado sobre os impactos ambientais associados a um dado tipo de empreendimento.

RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL - RIMA

É um documento que integra o EIA destinado a esclarecer a opinião pública, onde são apresentados os resultados dos estudos técnicos e científicos efetuados no projeto.

ESCOPO DOS ESTUDOS AMBIENTAIS

- Alternativas Locacionais e Técnicas
- Objetivos e Justificativas
- Caracterização do Empreendimento
- Considerações Normativas e Legislativas
- Determinação das Áreas de Influência
- Diagnóstico Ambiental das Áreas de Influência
 - Meio Físico
 - Meio Biótico
 - Meio Socioeconômico
- Análise dos Impactos Ambientais
- Medidas Mitigadoras e de Controle Ambientais
- Programas Ambientais

Complexo Minerioindustrial

Localização

O empreendimento está inserido na localidade de Itaiacoca, em propriedade limítrofe à rodovia PR-513, distante 47,5 km do centro de Ponta Grossa e 65 km do centro de Campo Largo, pela rodovia RS-092.

Implantação

Após a emissão da Licença de Instalação - LI e um período de aproximadamente 2,5 anos para sua construção.

Investimento

700 milhões de reais (estimado)

Capacidade de produção

2.500.000 toneladas/ano de cimento

Oportunidades de desenvolvimento da região

Geração de empregos e mão-de-obra

Contratação preferencial de moradores locais e próximos ao empreendimento;

- Fase de implantação - 600 empregos diretos e 300 indiretos;
- Fase de operação - 200 empregos diretos e 400 indiretos.

Desenvolvimento socioeconômico

- Geração de empregos e distribuição de renda para a população local;
- Incremento na arrecadação municipal nos vários níveis;
- Fixação da população no município, com a abertura de vagas de emprego com melhor qualificação e salários.

EXTRAÇÃO MINERAL

Calcário - É uma rocha formada a partir do mineral calcita, cuja composição química é o carbonato de cálcio (CaCO₃). Sua procedência pode variar desde carapaças e esqueletos de calcário.

Filão - Rocha metamórfica de granulação muito fina, intermediária entre o gesso e a ardósia, constituída de minerais micáceos, clorita e quartzito, após sermos-filão-filão. Tem como principal característica a sericita. Origina-se por metamorfismo dinâmico e recristalização de material argiloso.

Argila - Argila é um material natural composto por partículas extremamente pequenas de um ou mais argilominerais. Argilominerais são minerais constituídos por silicatos hidratados de alumínio e ferro, podendo conter elementos alcalinos, sódio, potássio e alcalinos terrosos-cálcio, magnésio.

PRODUÇÃO DE CIMENTO

Definição de Cimento - pó fino, com propriedades aglomerantes, aglutinantes ou ligantes, que endurece sob a ação de água.

Produção - o clínquer produzido no forno é moído com o gesso, adicionando-se calcário e puzolana em teores determinados de acordo com o tipo de cimento a ser produzido.

Fluxograma - Extração Mineral e Produção de Cimento



Fonte: Informativo de distribuição pública

Entre uma e outra explicação de como se dará o funcionamento desse empreendimento que será inserido na localidade de Conceição²⁴, surgiam nas entrelinhas a expressão de uma preocupação por parte da empresa de “não causar falsas expectativas”. – Não queremos levantar falsas expectativas – dizia o responsável pela apresentação – mas não temos como precisar o tempo para a implantação, porque depende da economia, a economia precisa melhorar.

As reuniões comunitárias tinham a intenção de colocar em pauta o assunto da implantação da cimenteira e preparar os moradores para as audiências. Mas a expectativa pela mesma já é algo que faz parte da vida em Itaiacoca e o porvir dessa mudança já vem sendo especulado desde as primeiras pesquisas que datam de mais de cinquenta anos.

A preocupação com a crise econômica que possa inviabilizar o empreendimento é recorrente entre os sujeitos entrevistados, e condiz com o dito pela empreendedora quando realizou as reuniões de aproximação com a comunidade.

Pouco para frente, em Itaiacoca mesmo, já próximo ali de Campo Largo, tá pra se instalar uma grande indústria cimenteira. Grande mesmo. Do grupo Brennand, do nordeste brasileiro. Mas com essas oscilações da política, essas oscilações do mercado financeiro, é muito grande. (MANDALOZZO, 2017)

Por outro lado, a produção dessa expectativa é composta também pela disputa entre os municípios de Ponta Grossa e Campo Largo em relação à implantação da indústria em seu território. A seguinte reportagem, datada de novembro de 2016, extraída da Folha de Campo Largo (FOLHA..., 2018), demonstra os argumentos pelos quais politicamente o empreendimento é valorizado pelos gestores municipais:

Campo Largo brigará para instalação de fábrica de cimento em São Silvestre:
Com investimentos da ordem de R\$ 700 milhões, a Mineração Delta do Paraná S/A vai implantar na divisa de Campo Largo com Ponta Grossa, região de São Silvestre, uma unidade mineroindustrial. Com investimentos da ordem de R\$ 700 milhões, a Mineração Delta do Paraná S/A, empresa do grupo pernambucano Brennand, vai implantar na divisa de Campo Largo com Ponta Grossa, região de São Silvestre, uma unidade mineroindustrial com capacidade de produzir 2,5 milhões de toneladas de cimento/ano. O

²⁴ Localidade que fica distante 47 km do centro de Ponta Grossa e 65 km do centro de Campo Largo.

empreendimento vai gerar, só na fase de construção (dois anos e meio), mais de 600 empregos diretos e 300 indiretos. Na fase de operação serão criados permanentemente 100 empregos diretos e 400 indiretos.

A implantação da indústria na divisa dos dois municípios vai impulsionar o desenvolvimento econômico e social de toda a região e vai exigir, dos governos, investimentos em infraestrutura prometidos há mais de 60 anos e que até hoje não chegaram. Campo Largo deve lutar para que a unidade industrial seja construída em São Silvestre, e não em Itaiacoca, município de Ponta Grossa, o que pode incrementar a arrecadação de impostos para o Município. Nesta quarta-feira (23), foi realizada a Audiência Pública para a consulta da população sobre o impacto do empreendimento, para elaboração do Eia/Rima.

Audiência

O projeto encontra-se na fase de decisão do processo de licenciamento ambiental (Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (Eia/Rima). A audiência pública, coordenada pelo Instituto Ambiental do Paraná, foi realizada no lado campo-larguense, em São Silvestre, na quarta-feira (23) no Colégio Estadual Professor Aloísio. Na quinta-feira (24), a reunião foi marcada para o lado ponta-grossense, em Itaiacoca, onde fica a maior parte da mina que a empresa vai explorar.

O prefeito eleito, Marcelo Puppi, foi à região, para participar da Audiência Pública, com um grande número de vereadores eleitos, representantes da Acicla e empresários, e defendeu a implantação da planta industrial em São Silvestre, no município de Campo Largo, em vez de Itaiacoca, Ponta Grossa, distante menos de um quilômetro da divisa dos dois municípios. “Ou pelo menos na divisa dos dois municípios, para gerar impostos para os dois lados. Já perdemos a geração de impostos da Itambé, para Balsa Nova, quando da divisão territorial dos dois municípios, agora temos que lutar para não vermos repetida a mesma receita, de fornecer apenas o mineral, a matéria-prima, e não ganhar nada com impostos”, disse ele.

Os vereadores eleitos de Campo Largo, João da Água, Betinho, Alemão e Tadeu de Paula, participaram da comitiva do prefeito eleito Marcelo Puppi e defenderam a implantação da indústria no lado campo-larguense. O mesmo fez o atual vereador, Luis Rossato, residente na região. Na audiência com mais de 150 pessoas, moradores da região, estavam presentes vários diretores do grupo Brennand, liderados pelo diretor técnico João Cipriano. Por Campo Largo, não compareceu nenhuma autoridade da atual administração (Poder Executivo). João Cipriano lamentou que não foi recebido em Campo Largo, pelo prefeito Affonso Guimarães, com quem queria conversar sobre o empreendimento, e nem pelos vereadores. “As duas audiências foram canceladas”, disse ele.

Marcelo Puppi disse que já havia falado com o governador sobre esse empreendimento e garantiu que vai a Recife conversar com a diretoria do grupo Brennand para defender a implantação da planta industrial do lado de cá. (FOLHA..., 2018)

Para além dessas disputas políticas explicitadas no artigo do Jornal, a apresentação dessa nova proposta afeta os moradores tanto no desejo que se afirme brevemente, concordando então com o já experimentado “necessário desenvolvimento”, quanto com outros elementos que compõem as identidades dos moradores de Itaiacoca que o conhecem além de suas possibilidades econômicas.

Durante as audiências, essas questões emergiram uma condensação de conflitos e disputas, silenciosas no fazer cotidiano, mas que desenham os espaços de Itaiacoca.

2.2 AUDIÊNCIAS PÚBLICAS SOBRE “ESTUDO DE IMPACTOS AMBIENTAIS E RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL”: CONDENSAÇÃO DE CONFLITOS E DISPUTAS

A fábrica de cimento, como visto, vai ganhando forma a partir de Audiências Públicas. O EIA foi realizado por força legal. A obrigatoriedade desse instrumento e do envolvimento da comunidade nesse planejamento estão previstos para o licenciamento ambiental²⁵ de qualquer atividade de exploração de recursos minerais. Conforme Araújo (2012), o Poder Público, por meio do órgão ambiental, fica incumbido de examinar o Estudo Prévio de Impacto Ambiental no caso de a atividade ser potencialmente prejudicial ao ambiente.

Para a mineração, o EIA sempre deve ser apresentado, uma vez que se trata da exploração de um recurso natural não renovável e o impacto ambiental é compreendido como inevitável nessa atividade. Assim, o EIA é um pré-requisito para o início do requerimento da licença ambiental. Trata-se, portanto, de um estudo prévio para instalação de obra ou atividade que possa causar degradação ambiental. Por impacto ambiental, entende-se:

Qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou de energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam: I – a saúde, a segurança e o bem estar da população; II – as atividades sociais e econômicas; III – a biota; IV as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; V – a qualidade dos recursos ambientais. (artigo 1º da Resolução Conama, 1986) (BRASIL, 2012)

²⁵ O licenciamento ambiental é o procedimento administrativo pelo qual o órgão ambiental competente licencia a localização, instalação, ampliação e a operação de empreendimentos e atividades utilizadoras de recursos ambientais consideradas efetiva ou potencialmente poluidoras ou daquelas que, sob qualquer forma, possam causar degradação ambiental, considerando as disposições legais e regulamentares e as normas técnicas aplicáveis ao caso, conforme definição do artigo 1º, inciso I, da Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente nº 237, de 19 de dezembro de 1997 (“Resolução 237/97”).

O relatório final desse estudo tem a finalidade de propor subsídios para os órgãos gestores do meio ambiente e para a população local avaliar os impactos previstos pelo projeto. O documento resultante do EIA denomina-se RIMA (LCB, 2015), que reflete as conclusões do EIA, é composto por diagnóstico ambiental e prognóstico de impactos ambientais após a futura instalação do empreendimento proposto. Deve ainda conter a análise dos impactos ambientais e alternativas, medidas mitigadoras dos impactos positivos e negativos. Tudo isso deve ser apresentado por meio de uma Audiência Pública²⁶.

Sobre a implantação do complexo mineroindustrial, Ponta Grossa e Campo Largo - PR receberam duas²⁷ audiências públicas, com o objetivo de informação e consulta da população a respeito do empreendimento.

O representante do órgão licenciador é quem preside a sessão e, ao final, é lavrada uma ata acompanhada de todos os documentos escritos e assinados durante a sessão, que servirá juntamente com o RIMA de subsídio para aprovação ou rejeição do projeto (art. 4º, parágrafo único).

A segunda audiência ocorreu na quadra da Escola Municipal Professor Eloy Avrechak, na localidade de Cerrado Grande – Itaiacoca. Participaram deste momento aproximadamente 150 pessoas, entre as quais havia moradores da região, empresários, políticos, proprietários de chácaras, estudantes e desportistas que utilizam a região para suas atividades. A casa cheia surpreendeu os organizadores, que precisaram improvisar novos lugares para acomodar os participantes.

Os acontecimentos durante a audiência expressam uma disputa em torno dos antigos modos de viver e trabalhar. Esse evento foi uma formalidade capaz de trazer à tona sentimentos ambíguos em relação a um debate histórico que se estabelece na tentativa de manutenção de um lugar e a presença da mineração.

O representante da IAP (Instituto Ambiental do Paraná), órgão licenciador, informou aos presentes que audiência pública é uma ferramenta de controle social, em consonância com a Constituição Federal de 1988, que fala sobre o direito ao

²⁶ Segundo a resolução – Conama (1987), art. 1º, a finalidade da audiência pública é expor aos interessados o conteúdo do projeto que o proponente pretende implantar, bem como de seu referido RIMA. A partir do momento em que as pessoas interessadas têm ciência do projeto, dúvidas podem ser sanadas e críticas e soluções podem ser apresentadas (BRASIL, 2012).

²⁷ A primeira audiência ocorreu dia 23 de novembro de 2016, na localidade de São Silvestre, em Campo Largo e a segunda dia 24 de novembro de 2016, na localidade de Cerrado Grande em Itaiacoca – Ponta Grossa.

meio ambiente saudável, e que, para tanto, o uso dos recursos naturais exige estudo ambiental. Explicou também as normas para a ocorrência da mesma.

Na mesa de autoridades, abrindo o evento, a fala do Secretário Municipal de Obras de Ponta Grossa, que se colocou à disposição para auxiliar a execução do projeto, que ao seu ver significa “fortalecimento da economia e geração de emprego”.

Iniciada a sessão, o empreendedor mostrou seu trabalho desde a década de 1970, em cerâmica, vidro, aço e cimento e deu exemplos de projetos sociais realizados nas unidades de Pitimbu - PA e Sete Lagoas - MG²⁸. Os projetos sociais foram apontados como meio para desenvolvimento da comunidade, pois “nós estamos crescendo e a comunidade tem que crescer junto”. Os projetos se apresentavam vinculados aos temas culturais, esporte e meio ambiente.

Após apresentação da empresa candidata, a audiência passou para sua segunda fase, que foi a apresentação do Estudo de Impacto Ambiental (EIA), que consistiu na metodologia da realização do estudo que resultou o Relatório de Impacto Ambiental (LCB, 2015). O mesmo identifica que o calcário da região é adequado para a produção de cimento. Segundo este estudo, os dados cartográficos anteriores estavam defasados, e a empreendedora atualizou as imagens aéreas, e com isso estabeleceu as opções locacionais, escolhida uma entre dez alternativas.

O EIA apresentado mostrou quais preocupações ambientais e sociais foram contempladas na metodologia adotada pelo estudo, como, por exemplo: meio físico, locais de captação de água, fauna, flora, estudo de tráfego e questões de arqueologia. Esta última porque foram encontrados quatro sítios arqueológicos e registros cerâmicos na região da área afetada. Estes sítios serão encaminhados para resgate e salvamento, com aprovação do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

A apresentação do EIA configurou-se como a explicação do modelo metodológico do estudo. No momento da apresentação do RIMA (LCB, 2015), muito esperado pela maioria dos participantes, a projeção na grande tela instalada para o evento não foi suficiente para dar clareza aos resultados. Em letras pequenas demais, a tabela apresentada não deu conta de satisfazer a comunidade a respeito

²⁸ Sobre projetos sociais da empreendedora, ver:
<http://www.cimentonacional.com.br/responsabilidade/social/>

do planejamento das medidas para redução dos impactos ambientais e sociais. A dificuldade em visualizar e compreender o que se mostrava e dizia causou desconforto e murmúrios entre o público.

Em dados, a área diretamente afetada será de 330 hectares de mineração e 78 hectares de fábrica e área indiretamente afetada de 778.359 hectares²⁹, e em resumo, as ações de redução dos impactos ambientais e sociais partiam basicamente da expectativa de acionar os já existentes serviços públicos, que já são considerados insuficientes pela população local.

A maneira em que a apresentação foi realizada pode ser compreendida como um problema, pois o RIMA deve ser apresentado de forma clara e objetiva e devidamente ilustrado (mapas, quadros, gráficos), uma vez que deve facilitar a participação popular na implantação de projetos que envolvam atividades lesivas ou potencialmente lesivas ao meio ambiente, o que não ocorreu nesta audiência.

Com o término dessa apresentação, os participantes foram convidados para um intervalo, lanche, e retomada das atividades e eventuais questionamentos e considerações dos presentes, que então deveriam se inscrever durante este intervalo para o uso da palavra. Essa configuração formal da audiência parecia não deixar os participantes muito à vontade. Durante o intervalo, foi possível observar movimentos e interações não tão próprios da comunidade, cujos assuntos saiam mais pausados, mais moderados entre as rodas de conversas. A oportunidade de trabalhar perto de casa, o crescimento e desenvolvimento possível, conforme apresentado, e por outro lado uma mudança da forma de viver, de se organizar dos moradores. Contrapontos que não dividem apenas por grupos de opiniões, mas que cada sujeito podia carregar consigo.

Ou na voz de um morador, falando ao seu vizinho: “Vai ser bom, mas vai acabar com nosso sossego”. Esse movimento não é resultado de uma teorização ou racionalização da proposta apresentada. Assemelha-se mais a sentimento que antecede o ocorrido, ou, conforme Maffesoli, uma “intuição societal”. Para dar a entender sobre esse conceito, o autor questiona: “Qual poderia ser a sensibilidade teórica, ou melhor, as categorias úteis e necessárias para perceber e compreender as novas formas da socialidade que nascem sob nossos olhos?”. A resposta do

²⁹ A Área de Influência Direta (AID) é definida por uma superfície delimitada por um raio de 250 metros no entorno da área formada pela Área Diretamente Afetada (ADA)

mesmo autor ao seu questionamento diz que tal sensibilidade pode ser a intuição, que resulta de um saber incorporado a cada grupo social e a cada indivíduo (1998, p.129).

Williams faz uma discussão sobre as ideias que fazemos sobre campo e cidade, que pode nos ajudar a compreender a existência desses contrapontos. Ao mesmo tempo em que o sujeito que vive e trabalha em Itaiacoca está envolvido com esse lugar, vivendo uma relação de afeto pelo mesmo, assim também as ideias de modernização e desenvolvimento atribuídos ao mundo urbano e industrial permeiam esses pensamentos: o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. Por outro lado, poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição: o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 1988, p. 11).

O que pensar sobre o que estava em debate ainda não estava definido para o grupo. A identidade dos indivíduos é mutável, e para se inserir ao todo que se integra, sobretudo, numa variedade de cenas e de situações que só valem porque representadas em conjunto. Assim nesse intervalo de audiência, os participantes se observavam procurando um meio de regular esse emaranhado de sentimentos.

Na sequência da Audiência, após a abertura para os questionamentos, mais de 20 pessoas haviam solicitado a oportunidade de se expressar. E o que se seguiu foram recorrentes questionamentos e manifestações relacionados aos impactos ambientais e sociais, agora do ponto de vista dos moradores, dos chacareiros e dos desportistas que compartilham o espaço de Itaiacoca. Evidenciou-se, assim, que este lugar não é exclusivamente mineiro. Como exemplo dos referidos questionamentos, seis pessoas que se manifestaram se demonstraram insatisfeitas com a explanação. A apresentação ruim e a falta da disponibilização do RIMA no site do IAP gerou manifestações insatisfeitas: “Quero que conste em ata – dizia um popular em uso da palavra – não fiquei satisfeito com a apresentação desse relatório. Além disso, o documento não estava no site do IAP. Procurei a semana inteira”.

Além desses questionamentos, também foram ouvidos outros relacionados ao reflorestamento de área desmatada, poluição sonora, salários e prazos para início das contratações, possíveis danos às residências, adequação das rodovias, impactos sobre segurança, saúde ambiental e impactos à saúde humana. Outro questionamento foi sobre quem são as autoridades que irão fiscalizar os impactos,

qualidade da água e risco de erosão, deslocamento dos animais, e impactos sobre povos tradicionais, entre outras colocações.

Sobre essa última colocação, cabe atenção especial a uma mulher faxinalense que dizia: “Não somos vistos, não aparecemos nessas discussões. As pessoas não estão colocadas em discussão. Não interessa o vizinho ao lado. Estão entrando em nossa casa”.

O referido Faxinal é a Comunidade de Sete Saltos de Baixo, última comunidade faxinalense de Ponta Grossa, que fica no distrito de Itaiacoca e sofrerá fortes impactos pela exploração de cimento. A mulher que se manifestou chama-se Marilei Ferreira Gonçalves. Em agosto de 2018, Marilei concedeu entrevista para este trabalho, e nos mostra sua leitura de busca pela preservação de todo um modo de viver em comunidade, que está ameaçado pela expectativa da chegada da cimenteira:

Nós, enquanto Faxinal, nós vamos sentir o impacto social. Esse vai ser o impacto mais forte. Nós vamos sentir na educação esse impacto, porque as pessoas vão chegar de outros lugares, as pessoas vêm com conceitos dos grandes centros. Nós vamos ter a questão da ocupação irregular, sabemos disso, não há como fugir disso.

Então esse impacto que a gente vai sentir mais, o impacto social. Junto com esse desenvolvimento, que é o que Brennand colocou aos moradores desenvolvimento e progresso, eles colocam essa falsa ilusão do progresso, e junto vem a violência. (GONÇALVES, 2018)

No acima narrado, Marilei expressa a leitura de um grupo que convive com um sentimento de ameaça. Percebe a força do discurso sobre desenvolvimento e progresso, que como vimos, está presente na construção da identidade dos moradores de Itaiacoca desde a chegada do forno grande. Marilei apresenta uma reflexão sobre uma necessidade de desenvolvimento forjada no lugar.

Durante a audiência, entre réplicas e tréplicas, o que se apresenta nessa discussão do tempo presente demonstra uma disputa em torno dos antigos modos de viver e trabalhar em Itaiacoca, geradas pela expectativa de novas possibilidades de modernização e desenvolvimento local. A partir destas pistas, podemos pensar as identidades locais passando por um momento de reorganização, inerente à cultura, que para Williams (2011) é um conceito que pela sua complexidade, não compreende somente seus objetos, mas também as contradições através das quais tem se desenvolvido.

O RIMA Delta/PR está disponível para consulta no site do órgão licenciador (IAP)³⁰ e vem assinado pela empresa LCB Consultoria e Projetos³¹ (LCB, 2015). Esse documento, que gerou tantas reclamações após sua apresentação, insere-se num modo de viver, na opinião de moradores, sem considerá-los:

Observando as discussões a gente vê que foi colocada que foi feito estudo, mas eu sou moradora e eu não fui entrevistada. Eu não fui entrevistada! Quem foi entrevistado e a gente senta pra conversar, é a falsa ideia de progresso, de desenvolvimento e progresso. Trabalho e renda.

Quantas pessoas foram entrevistadas?

Três pessoas na comunidade. Na nossa comunidade nós temos 120 pessoas, então a margem de entrevista deles foi muito pequena. Como que você consegue tirar um estudo e dizer que não vai causar impacto com três pessoas que você ouviu? (GONÇALVES, 2018)

Em sua apresentação final, o RIMA é um documento formal, com 57 páginas, ilustrado com fotos e mapas que visam dar o diagnóstico ambiental com informações viáveis de compreensão pelos interessados. Conforme descrição de objetivos do documento:

Documento utilizado para apresentar à população empreendimentos que de alguma forma promovam alterações ao meio ambiente. Deve resumir as características do empreendimento, levantar os impactos gerados e definir medidas e programas que os atenuem. A leitura do RIMA para implantação de Complexo Mineroindustrial nos municípios de Ponta Grossa e Campo Largo permite o entendimento pelo público e estará à disposição para consulta nas respectivas prefeituras e na Biblioteca do Instituto Ambiental do Paraná. (LCB, 2015, p.2)

Na citação, percebemos pelo menos duas contradições: a primeira relacionada à intenção de que o documento estivesse ao alcance das populações interessadas. No entanto, vimos a recorrente manifestação pela falta de disponibilização do EIA/RIMA antes da audiência. Além disso, o levantamento de impactos, conforme fala de Marilei, se deu de forma superficial, desconsiderando os impactos que, de fato, a instalação do complexo irá desencadear.

³⁰ Disponível em: http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/2016_EIA_RIMA/RIMA_DELTAPR.pdf

³¹ A Empresa é especializada na elaboração de projetos ambientais, tramitação e aprovação de procedimentos administrativos de atividades potencialmente poluidoras, e que visem a regularidade em relação às exigências legais para o meio ambiente. Disponível em: <http://lcbconsultoria.com.br/#home>

No cenário da mineração do Brasil, segundo Farias (2002), várias atividades antrópicas vêm criando problemas ambientais, no uso do solo e subsolo, além das atividades de mineração, entre as quais se destacam: a urbanização desordenada, agricultura, pecuária, construção de barragens visando à geração de hidroeletricidade, uso não controlado de água subterrânea, dentre outras. Para evitar isso, a mineração está submetida a um conjunto de regulamentações, dentre elas o EIA/RIMA. Esse instrumento, no entanto, não está isento de fragilidades advindas de interesses políticos e econômicos.

Fearnside (2011), em seu artigo que avalia como é considerada a emissão de gases de efeito estufa no EIA-RIMA da Hidrelétrica de Belo Monte, mostra quão pouco o processo de avaliação ambiental no Brasil avançou desde 1986. Neste caso, o documento evita completamente os impactos principais que a barragem teria. O relatório também subestima grosseiramente as emissões de gases de efeito estufa da represa, alegando que as emissões de metano seriam mínimas, baseado em uma estimativa que ignora completamente os estudos na literatura científica que indicam emissões significantes da água que atravessa as turbinas de hidrelétricas. A partir desses e de outros questionamentos que surgem nas bibliografias sobre essa ferramenta, podemos pensar que apesar de se configurar como um avanço no cuidado do meio ambiente, também pode possuir graves fragilidades.

As fragilidades do RIMA Delta/PR foram sentidas pelos moradores. Essa percepção passou a ação que imprime força de luta contra um projeto que parece ter apoio das políticas públicas, conforme narra Marilei:

O RIMA tá fragilizado. Bem fragilizado. Essa é a questão de a gente contestar. Logo após aquela audiência que teve no Cerrado, a gente encaminhou um protocolo junto ao IAP em Curitiba solicitando esclarecimentos e mostrando que iria acontecer esse impacto socioambiental, o que iria acontecer conosco. Nós não tivemos devolutiva. Eu procurei, aí me ligaram do IAP me dizendo que estava em Ponta Grossa no escritório. Eu procurei no escritório em Ponta Grossa, ninguém me deu a devolutiva. Simplesmente o documento sumiu.

Então, nós fizemos um protocolo e esse protocolo desapareceu!

A gente teria um tempo pra entrar com recurso, discutindo a questão da audiência pública, mas nós não temos esse tempo porque esse documento simplesmente desapareceu. Agora, conversando, eu

perguntei a eles o que aconteceu, se as LPS³² já foram liberadas. Disseram que já foram liberadas porque é interesse do governo estadual os impostos, os encargos, os tributos. (GONÇALVES, 2018)

Quase dois anos depois da Audiência Pública, as vozes de resistência continuam, sem sucesso, tentando manifestar de maneira formal sua posição contrária à implantação do complexo mineroindustrial. Essas manifestações podem representar um sentimento de distanciamento/silenciamento experimentado pelos moradores em relação à formalização do projeto. Não se trata aqui de responder se o documento estava ou não disponível, mas o fato de esta questão ter sido levantada nos faz pensar sobre o sentimento de apartamento da comunidade com o projeto. Algo como “pedem nossa opinião, mas nos limitam saber sobre o que exatamente se trata”.

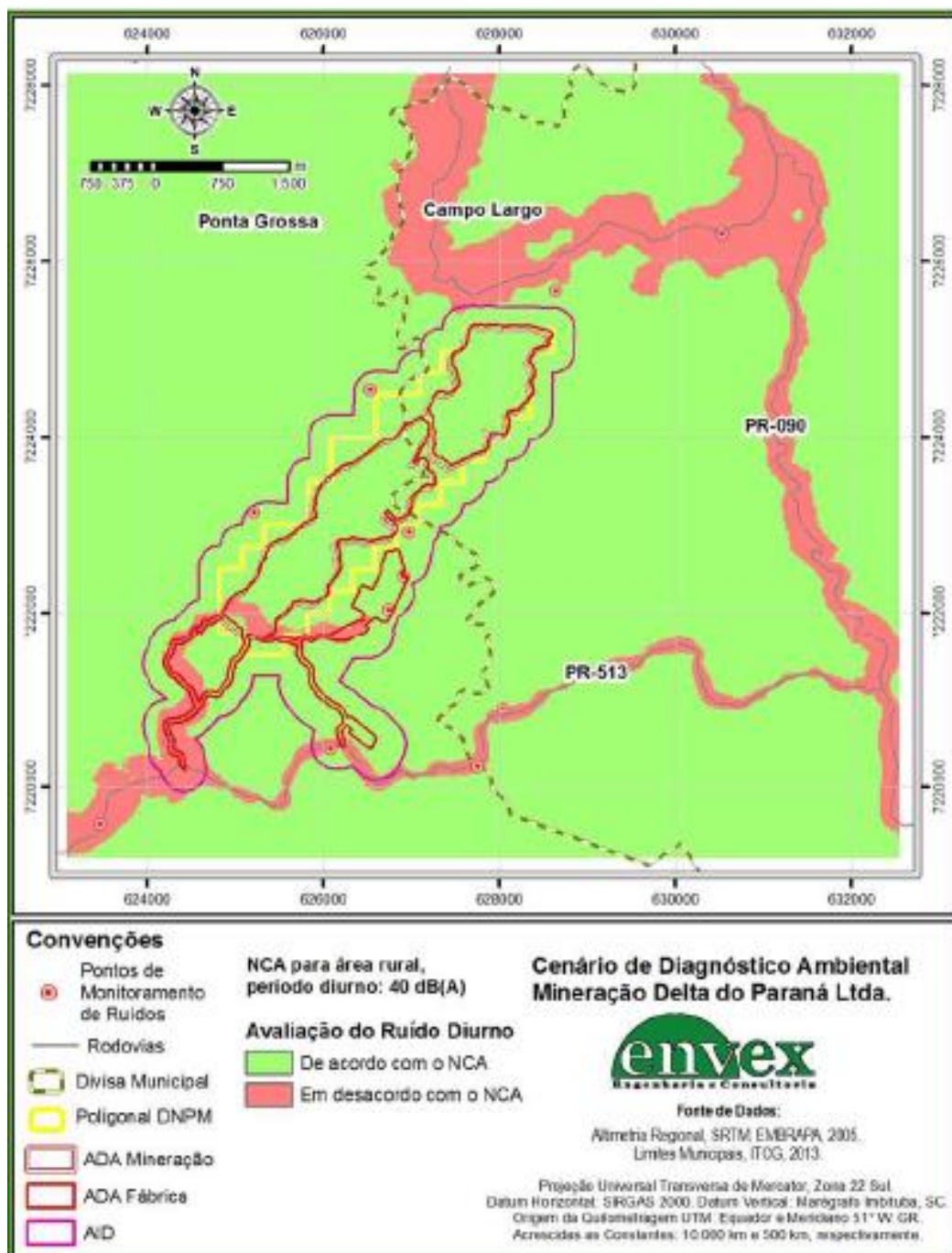
Ainda olhando para RIMA de forma comparativa com as inquietações referentes à proposta, podemos pensar em algumas respostas apresentadas no documento: a poluição sonora é preocupação que pode ser lembrada no comentário do morador durante o intervalo: “vai acabar com nosso sossego”. O silêncio do Campo idealizado como lugar de paz parece aqui ser lembrado com preocupação pelos moradores. A experiência da presença de mineradoras que em Itaiacoca que emitem ruídos altos e contínuos dá base para tal preocupação. A questão que surgiu na audiência se referia a essa possibilidade e também sobre qual seria o órgão responsável por fiscalizar os níveis sonoros. Como resposta, o RIMA apresenta, no diagnóstico atual, que algumas áreas próximas a mineradoras já existentes estão em desacordo com a NCA da NBR³³ 10.151:2000³⁴.

³² Licença Prévia (LP) é pertinente à fase preliminar do planejamento do empreendimento de mineração e contém os requisitos básicos a serem atendidos nas fases de localização, instalação e operação, observados os planos municipais, estaduais ou federais de uso de solo.

³³ Nível de critério de avaliação da norma brasileira de regulamentação.

³⁴ Esta Norma fixa as condições exigíveis para avaliação da aceitabilidade do ruído em comunidades, independentemente da existência de reclamações.

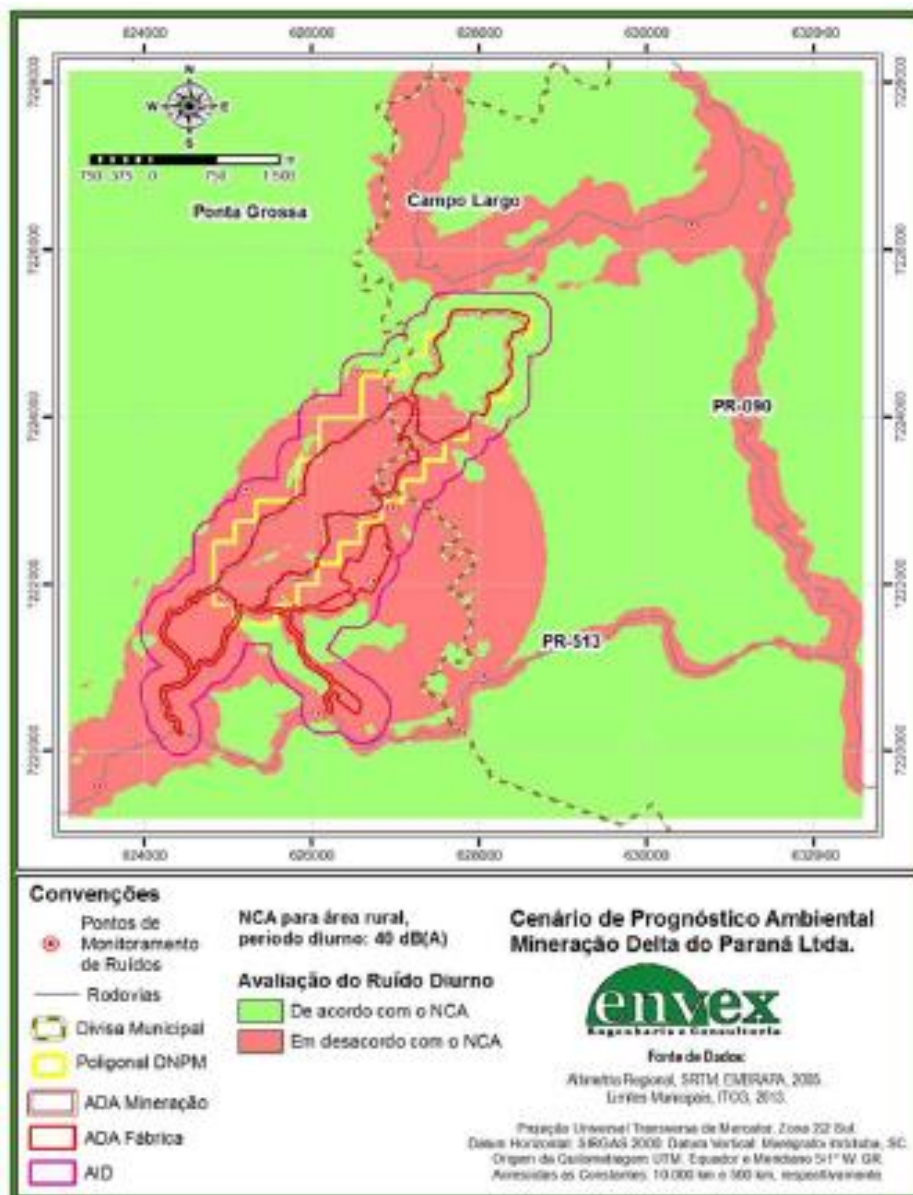
Imagem 12: Cenário Diagnóstico de acordo com o NCA da NBR 10.151:2000 para área rural



Fonte: RIMA Delta/PR (LCB, 2015, p. 14).

A Imagem 12 explicita que os moradores de certas áreas já convivem com ruídos não autorizados para um lugar rural. A seguir, podemos ver no RIMA o prognóstico da implantação do complexo minerioindustrial:

Imagem 13: Cenário Prognóstico de acordo com o NCA da NBR 10.151:2000 para área rural



Fonte: LCB, 2015, p. 17.

Uma área bem mais expressiva passará a conviver com ruídos considerados acima dos parâmetros aceitáveis para área rural. A avaliação oferecida pelo RIMA sobre esse prognóstico considera que: “Deve-se levar em conta que o NCA para áreas rurais é bastante restritivo: 40 dB(A) para o período diurno, e 35 dB(A) para o período noturno, e não é compatível com atividades industriais.” E, ainda:

Deve-se considerar que a implantação e operação do complexo Minerioindustrial Mineração Delta do Paraná S.A. irá alterar o uso do solo atual da região, devido à natureza de suas atividades. Por esta razão, é natural que, nas futuras revisões do zoneamento municipal, pelo menos a ADA (Área Diretamente Afetada) do empreendimento seja convertida para

área industrial, de forma a compatibilizar o uso com o zoneamento da área. (LCB, 2015, p.17)

O projeto prevê uma conversão de área rural para área industrial. Isto é uma revisão que revela mais que normas técnicas. O questionamento sobre poluição sonora demonstra inquietações maiores que o ruído, e revela uma preocupação com a manutenção de um lugar rural no espaço de Itaiacoca. A área rural tem um modo de ser que é reconhecido inclusive pela NBR que garante o silêncio. Essa possibilidade de revisão apontada pelo RIMA fala de uma mudança de norma que, na realidade cotidiana, já vem sendo sentida pelos moradores. O ruído da indústria produz significados de transformações profundas que se relacionam com um modo de viver anteriormente estabelecido.

Ser itaiacocano é condição que vem carregada de representações da vida no campo, da vida “nos mato”, como se diz no lugar. Assim, o sujeito, inserido nesse ambiente, desenvolve suas formas de percepção do mundo. Como já visto em outros trabalhos sobre Itaiacoca³⁵, essa identidade relacionada com o ambiente permanece mesmo entre aqueles sujeitos que migraram para outro lugar ou para outra atividade.

Para Ingold, “a percepção não é uma operação “dentro-da-cabeça”, executada sobre o material bruto das sensações, mas ocorre em circuitos que perpassam as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo” (INGOLD, 2008, p. 2). Assim, as percepções do ambiente, inclusive as relacionadas aos sentidos do corpo se constroem de forma diferente para cada cultura, “pois a própria idéia de que o mundo é conhecido pela sua representação mental está atada a pressupostos sobre a preeminência da visão que não são aplicáveis interculturalmente.” (INGOLD, 2008, p. 19).

Um Itaiacocano que vai “posar” na casa de parentes da cidade muito provavelmente se queixará da dificuldade em dormir causada pelo “movimento”. Isso se dá porque sua aprendizagem de “ouvir” se deu em outro espaço. Para o morador de Itaiacoca, que no seu relacionamento com o ambiente se sente parte dele, estar em lugar diferente do seu afetará sua própria percepção de ser. No momento em que dorme, não estabelece contato visual com o lugar, mesmo assim estranha sua própria presença nesse “movimento” no não reconhece seu pertencimento.

³⁵ Conforme visto no trabalho de Matheus Kosloski: Viver, conviver, trabalhar - trajetórias de trabalho e sociabilidade no distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR - (1970-2014)

Uma antiga moradora, senhora Eurizia³⁶, diz sobre morar na cidade: “Bastante gente foi pra cidade agora. Dizem que a vida é melhor lá. Mas eu não acho. Eu não consigo me acostumar com a cidade. A vez que eu fui, fiquei seis meses lá e tive que voltar”. Ainda sobre esse desejo de permanência, Celso conta sobre sua mãe:

A mãe nunca saiu daqui. Nunca, nunca, nunca! Acho que se ela for morar em Ponta Grossa, acho que ela não aturava muito. Mesma coisa o falecido pai. Falecido pai morreu trabalhando, puxando lenha. Eles nunca tiveram ideia de sair daqui. Eles são bem ligado com o lugar. O jeito de viver deles é bem diferente do nosso, o sistema deles é dos antigo mesmo. (ANTUNES, 2018)

Muitos outros exemplos poderiam nos mostrar sobre essa resistência ou dificuldade de adaptação do morador de Itaiacoca na cidade. A recorrência do desejo do retorno daqueles sujeitos que migraram do lugar, combina com o desejo da manutenção do lugar dentro de um espaço daqueles que permaneceram e vivenciam essa perspectiva de mudança. Aquilo que pode ser lido muitas vezes como uma resistência vazia, como uma “ação ranzinza” de quem nega uma nova possibilidade de desenvolvimento, pode estar relacionada inclusive com a interação dos sentidos físicos dos sujeitos que aprenderam viver naquele lugar. Segundo Tuan (1980, p. 111):

Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança.

Entendendo essa relação do sujeito com o ambiente proposta por Tuan, fica claro porque possíveis implicações com a natureza foram tão questionadas durante a audiência pública, pois há ali outras formas de interação dos sentidos com o ambiente. Por isso, podemos observar mais um questionamento emergente na audiência pública: sobre a qualidade do ar³⁷. O EIA mostra que, na área onde será instalado o empreendimento, não há atualmente significativa emissão de poluentes atmosféricos.

³⁶ Entrevista concedida para Adriane Glinski, 2006. Em seu trabalho de conclusão de curso denominado Impactos sociais, culturais e econômicos sofridos e causados pela migração de descendentes de poloneses no Paraná: O exemplo de Itaiacoca. (2006), Adriane Glinski entrevistou antigos moradores de Itaiacoca.

³⁷ Padrões de qualidade do ar estabelecidos pela Resolução CONAMA 003/90 (BRASIL, 2012).

E que após a implantação da cimenteira, a qualidade do ar manter-se-á classificada como BOA para as substâncias PTS (partículas totais em suspensão), SO_x (óxido de enxofre) e CO (monóxido de carbono) e REGULAR para NO_x (Óxidos de Nitrogênio). Entretanto, em todos os casos, o padrão de qualidade do ar continua sendo atendido, mesmo considerando as concentrações preexistentes na região (LCB, 2015, p. 10). No entanto, a experiência da moradora faz com que questione a emissão de poluentes.

Marilei narra um diálogo sobre a qualidade do ar de comunidades próximas à indústrias:

A abordagem que nós fizemos na audiência, até o consultor deles, ele me procurou e falou: 'olha professora, você questiona, mas isso vai ser muito positivo'. Mas me mostre onde vai ser positivo. Se você me mostrar onde é positivo, me diga por que você não constrói do lado da sua casa? (risos). Ele disse 'vai ter todo controle da poeira'.

Mas eu vivo a realidade da Itambé³⁸. A Itambé simplesmente não tem condições. Eu fui na Votorantim³⁹. Não tem condições de circular na cidade. Cidade tá tomada daquele pó branco, da exploração. (GONÇALVES, 2018)

Vemos, nesse diálogo e no que segue, que o consultor da empresa não compreende os motivos dos questionamentos da moradora, e por isso busca lhe mostrar novamente as vantagens que o empreendimento trará para o lugar:

Aí ele falou assim: 'mas veja, 400 empregos!'

Eu me perguntei: pra quem? (silêncio). Nós temos engenheiros formados? Nós temos pessoas formadas pra trabalhar? Nós não temos... Qual é o projeto social que a Águia⁴⁰ tem pro lugar, a não ser ocupar espaço público, como a questão do CRUTAC⁴¹ agora pra reforma? Será que a prefeitura ou a UEPG não conseguiriam uma reforma que tiveram

³⁸ A Itambé atua na Região Sul do Brasil há mais de 40 anos, produzindo e comercializando cimento para todos os segmentos do setor da construção civil. Os cimentos da Itambé atendem às normas técnicas e aos valores de preservação do meio ambiente. Disponível em: <http://www.cimentoitambe.com.br/conheca-a-itambe/>

³⁹ Votorantim Cimentos: faz parte da Votorantim S.A., um dos maiores grupos empresariais do Brasil. Possui um portfólio com operações em setores estratégicos da economia – cimento, metais e mineração, siderurgia, energia, celulose, suco de laranja e financeiro – e hoje está presente em 20 países. Disponível em: <http://www.votorantimcimentos.com.br/institucional/quem-somos/>

⁴⁰ Águia Florestal é uma empresa de plantio e industrialização de madeira que há mais de 40 anos atua de forma sustentável na região dos Campos Gerais no Paraná. Disponível em: <http://www.aguiaflorestal.com.br/institucional/>

⁴¹ CRUTAC: Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária da UEPG. Apoia, registra e assessora as ações, congregando e articulando projetos oriundos dos departamentos, constituindo-se em campo. Tais ações se consolidam em parceria com a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Disponível em: <http://www.uepg.br/proex/Menu/Extens%C3%A3o/CRUTAC.html>

que entregar pra Águia? Ou eles são grileiros do poder público? A Brennand Cimentos não é diferente. (GONÇALVES, 2018)

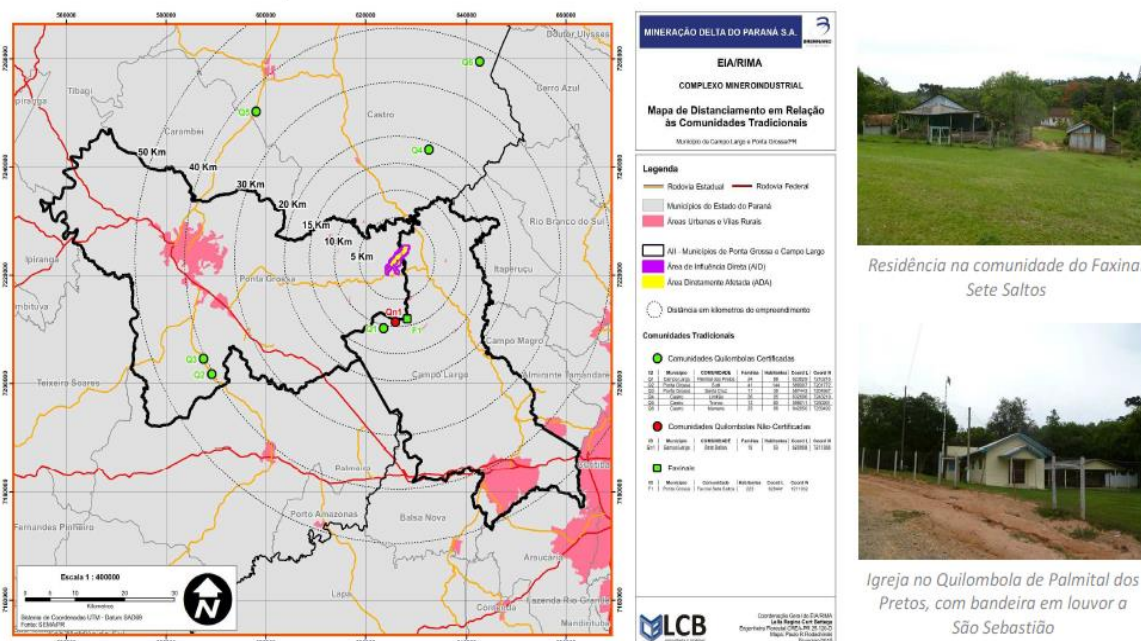
Os argumentos do consultor parecem estar muito claros para ele, mas não são aceitos pela moradora porque a experiência desta está pautada em outras comunidades próximas a indústrias e também por outra empresa instalada na região, e que já influencia sua comunidade. A leitura comparativa que Marilei faz da Brennand com a Águia Florestal segue:

A gente vive um grave momento, eu sinto... o pinus... Primeiro agravante é a exploração do pinus... ele veio com o mesmo discurso da Brennand Cimentos: explorar 400 hectares de terras do governo. Tomou conta! A região do Mato Queimado desapareceu em meio ao pinus. Restaram muito poucos moradores. A todo momento eles tentam ocupar mais espaço. (GONÇALVES, 2018)

Existe, na intuição de Marilei, um temor pela extinção das comunidades tradicionais que dividirão espaço com a área de influência fábrica de cimento, se vier. Esse temor vem de uma experiência histórica que Itaiacoca vive com relação ao reflorestamento de pinus. A perspectiva da cimenteira, nesse sentido, assombra essa região de Itaiacoca ainda não tão convivente com a mineração. Por isso Marilei se pergunta: “Nós não sabemos até que momento Itaiacoca não vai ser refém somente do pinus e do minério.” (GONÇALVES, 2018).

Além dessas, outras questões apresentadas na audiência pública também podem ser examinadas a partir dos apontamentos do RIMA, como os impactos socioeconômicos. Segundo o RIMA (LCB, 2015, p.34), o item denominado “meio socioeconômico” tem como principal objetivo o conhecimento dessas questões em suas diferentes áreas de abrangência. O conhecimento dos aspectos socioeconômicos das diversas áreas de influência agrega informações sobre a dinâmica populacional, uso e ocupação do solo, infraestrutura e economia da região.

Imagem 14: Mapa de distanciamento em relação às comunidades tradicionais



Fonte: RIMA Delta/PR (LCB, 2015, p. 35).

No entorno da área chamada de indiretamente afetada, estão registrados dois quilombos e um faxinal: Comunidade Negra Tradicional Sete Saltos, Comunidade Palmital dos Pretos e Faxinal Sete Saltos de Baixo. O RIMA considera que tais comunidades não serão diretamente afetadas pois estão em um raio maior de 10km da área da indústria. Nos aspectos socioeconômicos, o estudo considera como impactos que requeiram uma medida mitigadora as situações de expectativa da população, alteração no quadro demográfico e alteração na qualidade de vida da população. O estudo ainda aponta que tais situações serão mais acentuadas durante o período de construção, e quando se iniciar o período de operação esses impactos serão atenuados.

Para a questão da expectativa da população, a medida sugerida é a implantação do Programa de Comunicação Social, através do qual a população tenha facilidade para se comunicar com o empreendedor.

Outro problema apontado refere-se à alteração demográfica. A instalação do Complexo Minerioindustrial poderá transformar-se num atrativo para moradores de outras regiões, os quais estejam à procura de trabalho. Isso poderá acarretar em tentativas de ocupação desordenada (ou parcelamento irregulares de propriedades)

nas áreas do entorno. Segundo o RIMA (LCB, 2015), a medida que poderá ser tomada para minimizar esse impacto é o registro de mão de obra qualificada e não qualificada de trabalhadores residentes. O mesmo relatório ainda prevê que, quando se der o início da operação do complexo, iniciar-se-ão também os benefícios à população local:

O incremento da economia local com o aporte de recursos provenientes do recolhimento de impostos e da circulação de pessoas e serviços relacionados a operação da fábrica ocasionará uma renda adicional a uma parcela da população, assim como, recursos adicionais para o governo local que poderá utilizá-los em obras sociais, como criação e melhoria dos serviços de saúde, educação, segurança e infraestrutura geral. (LCB, 2015, p. 54)

Vemos no texto da consultora um discurso que entende que a geração de emprego e renda terá resultados suficientemente bons para abrandar todos os demais impactos socioeconômicos surgidos em decorrência da implantação da mineradora. A moradora analisa, a partir de outra perspectiva, a questão dos impactos para as comunidades tradicionais:

Esse impacto eles colocaram nos estudos que tem 10 km de raia, e não interfere na nossa comunidade. Mas eles colocam isso pensando somente no físico, porque no social você não coloca 10 km de raia. O social nós colocamos que nossa comunidade existindo e o espaço na escola. Na comunidade, eu vou andar 20 km eu já vou bater com uma diferença. Não tem como eu dizer que uma pessoa que chega de uma outra região, ela vai o mesmo hábito cultural da nossa criança que tem seis anos aqui. E quando ele vem de fora ele vem com a família, ele não vem sozinho. Então esse impacto que a gente vai sentir mais, o impacto social. Junto com esse desenvolvimento, que é o que Brennan colocou aos moradores desenvolvimento e progresso, eles colocam essa falsa ilusão do progresso, e junto vem a violência. Então esse sossego que a gente tem, essa calma, ela não vai existir. E eles não colocam isso a comunidade. Eles colocam somente que existe emprego. Que a busca de todo o pessoal que vive no campo é o trabalho, o emprego que é a forma de sobreviver. Você precisa de dinheiro pra sobreviver. 'Ah, mas você não precisa ir morar na cidade, pois vai ter um emprego próximo de você'. Essa falsa ilusão de desenvolvimento e progresso é que preocupa, não está clara. A gente sente que não está clara. (GONÇALVES, 2018)

Marilei representa, em sua fala, muitos moradores que pensam assim, ou que nesse momento pensam assim. Outros moradores pensam diferente, pois as identidades são várias, coexistem, assemelham-se em certos pontos. O que os une é a experiência no ambiente.

A audiência funcionou como um momento desencadeador de uma complexa malha de relações sociais, afeto pelo lugar, expectativas, experiências e imaginação

relacionados à mineração. Esse grande e intenso movimento de práticas e sentimentos em Itaiacoca, como já visto, não é novo. É um processo histórico em que os sujeitos são participantes.

O lugar onde a vida acontece não é somente um cenário. Por isso, os significados construídos sobre viver em Itaiacoca foram mexidos nessa audiência, levantando tanto o desejo que se apresse essa instalação, quanto a preocupação com o futuro do lugar caso ela, de fato, venha a se instalar. Esses sentimentos têm uma história relacionada com tudo aquilo que os sujeitos já viveram nas transformações referentes à mineração e à industrialização. As leituras sobre essa história são a matéria-prima para a construção de memórias, que são expressadas pelos “causos” e pelas ações diante da expectativa, que pode ser tanto sinônimo de espera, quanto de esperança.

CAPÍTULO 3

PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DA MINERAÇÃO E SEUS IMPACTOS NAS MEMÓRIAS SOBRE O ESPAÇO RURAL DE ITAIACOCA

Nós sabemos que se passa a exploração ali, não tem jeito de dizer 'eu não quero'

(GONÇALVES, 2018)

Ouvir os sujeitos de Itaiacoca para este trabalho não pode ser considerado um movimento unilateral, pois além de transformar a entrevistadora, essa ação certamente trouxe para os entrevistados reflexões acerca do atual contexto social, político, econômico e cultural que os envolve. Em muitos trechos de falas, podemos sentir colocadas novas análises dos sujeitos sobre a história do lugar, suas permanências, suas lutas e resistências, sobre as transformações relacionadas à mineração e à industrialização.

Muitas vezes, a exploração do minério parece estar naturalizada entre os moradores, mas quando uma entrevista sobre “a história dos trabalhadores da mineração” os interroga sobre suas próprias trajetórias de vida e trabalho, inquietações se afloram. Por isso, aqui desejamos tratar sobre as representações e leituras trazidas pelos sujeitos sobre os impactos da mineração em um espaço rural. Em que termos Itaiacoca é ainda entendido como um espaço rural e como os moradores interpretam o atual contexto em relação a essa atividade?

3.1 CAUSOS DE PANELA DE OURO, DE VISAGEM E DE MINA. IMPACTOS E INCORPORAÇÕES DA INDUSTRIALIZAÇÃO DA MINERAÇÃO NO ESPAÇO “RURAL” DE ITAIACOCA

“Então tem essas coisas que você não acredita, mas acontecem.”

(NABOZNY, 2017)

No exercício da construção da memória pela história oral, muitas vezes os sujeitos contam de si mesmos e de como leem seu entorno a partir de lendas e histórias (causos, como se diz em Itaiacoca) que são cheios de símbolos e se alteram dependendo de onde se deseja chegar.

O sujeito de Itaiacoca é reconhecido como “contador de causos”. Assim foi por diversas vezes retratado em estudos históricos ou não, como exemplo da obra de Waldmann (2014, p.15), denominada “Lendas de Itaiacoca e outras histórias”, que define o Itaiacocano como “uma população alegre e hospitaleira, cuja convivência familiar e a amizade com os vizinhos trazem à tona muitas lendas, contos, causos que são passados de pai para filho”.

“Causo” está aqui compreendido como uma história, que pode ser contada de forma engraçada ou assustadora, e que tem um objetivo de entreter e ensinar sobre o que se diz. Não importa a veracidade dos fatos do causo, porque mais do que descrições de “verdades”, falam de memórias e de sentimentos.

Durante as construções de memórias realizadas neste estudo, muitos causos locais surgiram cortados pela mineração, falando assim sobre a incorporação dessa atividade na vida das pessoas. Os causos que seguem vieram em resposta à pergunta base dessa pesquisa que trata sobre mineração e a vida em Itaiacoca. Diante do gravador, os sujeitos ilustraram suas narrativas com histórias de si e de outros. Há um desejo de registro histórico das identidades que se fazem dentro dessas explicações. Produzir sentidos para essas histórias nos faz pensar sobre a própria identidade que buscam preservar, de sujeito que se relaciona com esse lugar rural em disputa.

Vitório fala de uma figura icônica que gerou admiração por sua habilidade:

Tinha um senhor que queimava cal, o Cisse, ele gostava de queimar só a noite, e ele pegava queimar a noite inteira, ele queimava as quatro noite. Sabe como que ele fazia? Ele dormia! Ele queimava e dormia! Um dia nos fomos sondar, e ele pegava um pau de lenha e se apoiava assim e já dormia e roncava, mas em pé e cruzada a perna, ficava só em um pé, daí quando ele ia cair ele se acordava. Daí nisso ele já ia por mais lenha, e ajeitava, e já dobrava a perna em cima do joelho e de novo se apoiava naquele pau ali e roncava. (risos) (TOCZEK, 2016)

A figura de Cisse, ilustrada no causo de Vitório, fala de uma habilidade admirada, desejada, e que faz sentido para aqueles que experimentaram as noites no trabalho da queima de cal. As noites em claro com compromisso com o cuidado do fogo, se descumprido poderia significar perda de um trabalho árduo para encher o forno. A vigília do fogo era um ritual cansativo para aqueles que trabalharam nos fornos de barranco, pois rompiam com sua rotina de agricultores. Cisse, podia queimar e dormir na mesma noite, e por isso é lembrado.

As histórias contadas também podem ter o objetivo de ensinar sobre cuidados. Durante sua entrevista sobre queima de cal, Eliceu lembrou de outra pessoa que ficou conhecida e sua história servia para alertar crianças e adultos sobre riscos relacionados aos minérios da região: “Teve uma menina que ponhou uma pedra de cal no bolso e foi nadar. Deformou a menina, ficou tudo queimada... cal queima de derreter a pele”. (GLINSKI, 2016). O caso ainda conta que a menina deformada viveu isolada, e nunca mais se soube dela. A ideia de encontrar essa menina gerava sentimentos de curiosidade e de medo. A reprodução dessa história tem objetivo de alertar sobre os cuidados necessários com a manipulação de elementos da natureza que fazem parte do lugar.

Ainda sobre os minérios que compõem o ambiente de Itaiacoca, outra história contada por Eliceu tinha relação com peças ⁴²artesanais que eram comumente utilizadas para decorar as casas:

Nos fornos pequenos, o pessoal pegava essas garrafas azul e depois que queimou já, jogavam lá em cima, daí ele petrificava, e quando esfriava juntava com o cal e ficava uma coisa muito bonita, pra enfeite. Nunca mais vi aquilo. Se misturava com o cal e ficava de diversos tipos. Quem não sabia dizia: que pedra interessante! E era vidro com cal. (GLINSKI, 2016)

Comumente, o artesanato local tem a função de apresentar uma característica que identifica uma diferença do lugar. Assim, lembrar das peças de cal e vidro nos fornos pequenos incita a pensar sobre os usos possíveis dos minérios, e os significados atribuídos a eles. A beleza vista em uma pedra de cal “estilizada” retrata uma boa relação das pessoas do lugar com esse elemento.

O trabalho na mineração industrial também gerou muitos casos que falam de modos de viver, trabalhar e se relacionar. Podemos ver como exemplo a história do contador da Mineração Itaiacoca, que, como conta Bernardo, foi morto em uma briga ocorrida em uma festa:

O que aconteceu com o contador?

Foi matado. Um final de semana eu vim embora e daí tinha um tal de Ildefonso lá, e me disse “minha filha tá fazendo aniversário hoje e eu

⁴² O termo “curador” aqui pode ser compreendido como sinônimo de “curandeiro”, que é utilizado para designar uma pessoa que para determinada crença ou cultura tem o poder de curar através de rituais místicos.

queria fazer uma reuniãozinha, um bailinho lá.” Digo: “Não, eu não aceito”. Ah, bem certinho! De noite o Darci chegou aqui e disse “óia, deram umas facadas e uns tiros lá”. Eu fui lá ele tava morto já. (silêncio). Deram uns tiros, ele correu e foi até onde pode, num monte de talco, daí os homem alcançaram e deram mais umas facadas. A hora que eu cheguei eu falei: “tá morto!” (silêncio).

Daí foi correr atrás das coisas. Fui procurar o pai dele, um tal de Sebastião, morava em Carambeí. Não sabia o endereço. Encontrei porque ele era meio curador, e daí fui e fui e acabei encontrando, senão ele nem ia saber do filho. (NABOZNY, 2017)

Nessa história, a desobediência às normas da vida na vila operária aparece como o disparador da tragédia. O baile que ocorreu sem a anuência do gerente resultou em morte. Esse elemento “educativo” da história vem justificar a necessidade da manutenção da ordem. Outro elemento que surge tem relação com as crenças místicas presentes na região. Quando a tarefa de encontrar o pai do contador somente é possibilitada pela função de “curador⁴³” do mesmo. Quando menciona isso, Bernardo revela que compartilha atribuição de importância à figura do curador, e reconhece que por tal função poderia ser conhecido na cidade.

Outro interessante caso de mina faz referência ao “desenvolvimento” das tecnologias da mineração:

Uma ocasião nós alugamos uma máquina em Curitiba, uma pá carregadeira. Daí chegou, e a turma cortando talco do barranco, a turma trabalhando e aquela máquina começou a fazer um barulhão. E ali tinha muito quartzo, e desmorona! Vrumpt! E pegou... acho que era hora do café, mas tinha um que tinha ficado ali e pegou um. E cobriu... (silêncio breve). E daí corre, corre. Compadre Pedro, não sei o que tava lidando, e diziam: tem um aqui, tem um aqui! Tem um enterrado! E vá cavocar, e pan, pan, pan. E ficou acho que uns cinco minutos enterrado. E tiremo ele de lá. Levou até enxadãozada nas canela. E troço impressionante que cai assim, ele caiu de costas, veio em cima, rasga toda a roupa. Daí aqui, essa parte aqui (apontando para o lábio superior) veio parar em cima do nariz dele. Descolamento. Eu tinha um carro, um corcelzinho, coloquei ele no corcel e peguei o Luiz Barbosa e o Marcolino e fomos pra cidade. Ele não falava, tava morto praticamente. Umas horas ele deu um grito. Pensei: não morre mais! (NABOZNY, 2017)

A máquina nova e sua ação no trabalho da mina gera um acidente que movimenta todos. A descrição do resultado do acidente com a pele da face descolada

⁴³ O termo “curador” pode aqui ser compreendido como sinônimo de curandeiro, que é a pessoa a quem é atribuído poder de cura através de rituais místicos.

serve, nesse caso, como um aviso de cuidados para os riscos em relação ao novo, ao desconhecido. A mobilização de todos, o cuidado de uns com outros também é ressaltado como o que possibilitou o salvamento. No final dessa história, Bernardo conta que, após a recuperação, o trabalhador pediu as contas e nunca mais se soube dele.

Além dos casos que tratam mais diretamente dos minérios, outros surgem como uma busca de explicitar uma inscrição identitária. Celso fala de seu próprio nascimento em referência às práticas tradicionais de parto e curas, nas quais sua mãe é protagonista:

A mãe tem altos compadres e comadres dela. Ela era parteira e todo mundo vinha atrás dela. Parteira e também fazia benzimento. E faz até hoje. Tá com quase oitenta anos e cuida das pessoas ainda. Ela faz remedinho caseiro pro pessoal que vem aqui. A mãe foi uma parteira e tanto! Ficou de referência. Eu mesmo nasci sem parteira nenhuma. Ela mesma ganhou eu sem ninguém tá por perto. Eu nasci lá nos Antunes, num paiol de pau a pique, arrodado de samambaia pra não entrar réstia do sol. (risos) Essa história que o pai com a mãe contam pra gente. Então, a gente não tem vergonha de falar da onde veio, porque foi assim e pra sempre assim mesmo. (ANTUNES, 2018)

O que Celso conta sobre sua mãe mostra uma relação entre saúde e espiritualidade muito comuns em comunidades rurais. Uma relação de respeito e de fé faz com que, em Itaiacoca, as parteiras, benzedadeiras, curandeiros façam parte da relação do cuidado. Essas práticas tradicionais ainda são buscadas e a permanência dessa forma de cuidado fala de como se estabelecem as relações solidárias no lugar.

"As coisas que acontecem, mas que ninguém acredita" são contadas diante do gravador, como estratégia de mostrar outros sentidos que regem o pensamento local. A lógica racional científica, que exige comprovações são desnecessárias para saber o que é importante para viver no lugar de Itaiacoca:

Florêncio era engraçado: ele vinha comprar uma vaca de leite do meu pai, daí a qual ele escolhesse tinha que vender. Se não vendesse podia saber que morria. Já pensou? (risos). Tinha que vender sem querer mesmo. Uma vez disse que ele tava na área sentado assim e o gavião passou por cima, ele disse "ô que bonito", o gaviãozinho caiu morto. Ele tinha um "zóio ruim". Não precisa ir longe, aqui o tio Luiz era assim também. Ele mesmo dizia: "não vou nem ver leitão, que se eu for lá morre tudo". Ele mesmo dizia! Como é que pode, o que significa isso né? Pois aqui teve uma vez que deram pra mim um veadinho que foi achado sem mãe na roçada. E tava no pátio aqui. Abria o portão, ele saía, pastava e voltava.

E uma certa noite apareceu uma visita pra posar aqui e a mulher brincava com aquele viadinho, e o rapaz disse “ih, esse viadinho não vai viver, essa mulher seca até pimenteira”. Nem dei conta! Pois olhe, adoeceu e morreu mesmo! Então tem essas coisas que você não acredita, mas acontece. A Isabel também não é diferente. Zoio ruim existe e não é culpa da pessoa. O tio Luiz dizia pra nós “não vou nem ver, eu tenho zóio ruim, eu acho muito bonito e a criação adoece e morre”. Ele sabia disso. (NABOZNY, 2017)

A maneira aparentemente despretensiosa que os causos vão surgindo nos relatos orais sobre viver em Itaiacoca e a mineração mostram a força da imaginação da memória. Segundo Ricoeur (2007, p.64), a memória é uma imaginação que pode “jogar com entidades fictícias, quando ela não representa o real, mas se exila nele.”. Assim, podemos pensar os causos que surgem não como mera fantasia ou entretenimento, mas como demonstração de uma maneira de interagir com o mundo. A aparição de causos que envolvem minérios e minas em seu enredo mostram a incorporação desses elementos na memória construída.

Também são recorrentes em Itaiacoca as lendas sobre os Jesuítas e as panelas de ouro deixadas por eles. Diz a lenda que os Padres Jesuítas enterraram tesouros, chamados panelas de ouro, e que espíritos, ou visagens, cuidam dessas panelas e somente permitem que pessoas autorizadas as encontrem. Se a pessoa não for a escolhida não conseguirá retirar tesouro:

Os padres jesuítas viveram aqui no Itaiacoca, bastante deles foram atraídos pelas jazidas de ouro aqui. Que aqui tem muito ouro, e eles vieram catequisar os índios carijós. Eles juntavam ouro de aluvião e quando saíram fugidos deixaram as panelas de ouro escondidas. Eu sei onde tem uma panela de ouro, mas eu não posso tirar. (GLINSKI, 2016).

A lenda das panelas de ouro dos Jesuítas ensina sobre o direito de posse das riquezas do subsolo, e mostra inquietações a respeito do pertencimento daquilo que tem valor. Essas visagens cuidam de uma riqueza que foi deixada para o lugar, e autorizam ou não a sua retirada e uso. Podemos fazer aqui uma referência sobre como os moradores locais compreendem a presença de mineradoras que vem de fora. O fato de trazerem esses causos justamente quando perguntados sobre mineração pode ser um indício do que se reflete sobre as firmas que são permitidas por uma autoridade “desconhecida”, os guardiões de hoje: IAP, CONAMA, RIMA. O morador se pergunta se, em alguma proporção, será também escolhido pelos guardiões para usufruir as

riquezas do lugar. O sentimento que leva a imaginação dessa lenda se assemelha ao sentimento de saber sobre a riqueza que existe debaixo do solo do seu lugar, e, no entanto, não poder usufruí-la.

3.2 TÁ VINDO UMA CIMENTEIRA. ESSE OURO É NOSSO OU TEM VISAGEM? EXPECTATIVAS SOBRE MINERAÇÃO E O VIVER EM ITAIACOCA

Tá vindo uma cimenteira aí, e é coisa grande!
(GLINSKI, 2016)

A cimenteira é uma possibilidade antiga que se aproxima, parece projeto novo, mas está tão presente que já virou caso. Vem apresentada como um futuro próximo e ainda incerto. Há uma expectativa, desde as primeiras pesquisas, que envolve a promessa de garantias que subjetivamente esse projeto traz e um pensamento íntimo e feliz ao se imaginar permanecendo em casa, sem ter que ir morar na cidade para garantir trabalho. Além disso, a memória da industrialização já ocorrida deixou marcas quando adentrou o lugar. Nesse contexto, em Itaiacoca leva uma expectativa pelo futuro que nunca chega, e que ainda assim movimenta o lugar. Sobre o noticioso estudo para implantação da cimenteira, Bernardo conta:

E essa pesquisa, a primeira pesquisa, foi feita acho que há uns 50 anos atrás. Aqui ainda tem gente que trabalhou nessa pesquisa. Pro lado de lá tem o Dico, e o que trabalhava comigo, o João Pedro também trabalhou na pesquisa e contava como é que era. Era uma pesquisa com sonda rotativa. Pegou ali da Conceição e tem uma parte em Campo Largo. A mesma mina. Do mesmo requerimento. A primeira era uma portuguesa, a Cimpor. Mas eles passaram o requerimento pra outra, agora essa é uma empresa de Minas Gerais. (NABOZNY, 2017)

Esperar a cimenteira por tanto tempo não significa uma espera estagnada, pois a transformação que ela poderá trazer já está em pauta há meio século. E por isso a fábrica não instalada, de chegada ainda incerta já deixou seus sinais no lugar. A cada indicativo de que está mais próxima, a comunidade cede espaços de agricultura. E isso se evidencia na fala dos entrevistados: “Hoje é mais a mineração mesmo, a agricultura morreu! A gente fala em agricultura em Itaiacoca; que que tem de agricultura em Itaiacoca?” (NABOZNY, 2017). Esse espaço da agricultura abandonada pode ser visto no RIMA:

Imagem 15: Vegetação pioneira - arbustiva em terrenos abandonados após exploração agrícola



Fonte: RIMA DELTA/PR (LCB, 2015, p.27)

Conforme o RIMA, as áreas diretamente afetadas pelo complexo mineroindustrial ocuparão terrenos hoje de pinus ou abandonadas pela agricultura, como podemos ver na imagem acima. O abandono da agricultura tem diversos determinantes, como o já referido por Marilei sobre o reflorestamento de pinus, também pela dificuldade da mecanização do terreno considerada a topografia do lugar e pelas ausências de políticas públicas que permitam ao jovem vislumbrar um futuro no campo. As transformações incididas na agricultura também são fortes. Vejamos essas transformações narradas por Gustavo:

Eu cito sempre uma história de 60 anos atrás: teve uma família que vendeu 5 alqueires de terra de campo por um alqueire de mata. Cinco alqueires por um! Porque lá (na mata) ele conseguia plantar. Plantava milho, plantava feijão, criava sua galinha, seu porco. Trabalhava pra sobreviver... Hoje passado sessenta anos os cinco alqueires de campo ele poderia pegar 200 mil. E o alqueire de morro, se tiver mato não vale mais nada. Em sessenta anos... (MANDALLOZZO, 2018)

Gustavo, no acima narrado, dá exemplo de uma transformação no modelo de agricultura praticada, que tem como consequência a valorização das terras cultiváveis com maquinários agrícolas e a desvalorização das áreas de mata. Essa inversão anuncia um novo modo de cultivo, pois ao pequeno agricultor de Itaiacoca interessava a área de mata de onde poderia extrair cal, erva-mate, frutas, pinhão e alimento para os animais que eram criados soltos. No modelo de agricultura familiar antes amplamente praticado em Itaiacoca, as áreas de cultivo de milho e feijão não necessitavam de grandes extensões.

Essa realidade mudou com a mecanização do campo, que criou uma necessidade competitiva e propôs um modelo de monocultura. Essa transformação ocorreu de modo geral no Brasil certamente tem importante significado para o esvaziamento do campo, mas não é único.

Sobre Itaiacoca, de maneira especial, podemos pensar que esse espaço de minério está marcado pela espera pela cimenteira. O pequeno agricultor de Itaiacoca não está alheio ao que assiste a respeito da mineração. Ele sabe o destino do proprietário da terra quando uma empresa faz um requerimento ambiental de estudo e descobre ali minerais de interesse. Sobre isso, Gustavo, que é proprietário de mineração, ilustra:

Então o processo é o seguinte: primeiro se solicita uma autorização para fazer pesquisa em uma área de terra. Obtida essa pesquisa, você acerta com o proprietário. Tendo o material economicamente viável, faz-se o projeto para explorar e é onde a gente paga uma quantia, um royalty ao proprietário de solo. Dá briga, aquela coisa e tal, mas na verdade, se der uma jazida grande vai dar um valor grande, se der uma jazida pequena vai dar um valor pequeno. Então trata-se assim essa parte. [...] O proprietário pode vender ou não a área, depende do entendimento. Se ele vender é melhor, mas tem áreas que ele não quer vender e também tem área que o proprietário não quer imobilizar. Então são casos e casos [...] Depende da quantidade que tem, depende do volume. (MANDALZO, 2018)

Marilei, como moradora, apresenta sua leitura sobre os esvaziamentos das comunidades rurais em local de minérios. Sua leitura se dá pelo exemplo do município vizinho de Campo Largo:

Nós conhecemos a Itambé que também é uma mineradora forte. E lá tem o relato da exploração e o desaparecimento das comunidades. [...] nunca ninguém foi ouvir a pessoa sobre porque que ela deixou de ser vizinha da

Itambé, sobre porque a Itambé comprou as terras dela. [...] Nós sabemos que se passa a exploração ali, não tem jeito de dizer 'eu não quero'. Você vai ser desapropriado e ponto final. É isso que acontece. (GONÇALVES, 2018)

O debate aqui proposto coloca em pauta o significado do minério para as pessoas que vivem sobre ele, e para o grupo que o transforma em recurso mineral. Segundo Nunes (2011, p.27), a ideia de recurso está associada à valoração humana, pois os recursos só existem em um ambiente marcado pela presença humana. Essa valorização muitas vezes desconsidera os valores culturais para determinada comunidade.

Marilei (mulher faxinalense) e Gustavo (proprietário de mineradora) talvez não se conheçam, nas suas interlocuções sobre o mesmo assunto nos mostram as diferenças de ponto de vista, dado seu lugar de fala e de interesses do lugar em disputa. Sobre os motivos da desapropriação observados por Marilei em áreas de minérios, Gustavo explica:

O subsolo hoje é patrimônio da União. Tanto que se alguém tirar um minério e vender, ele está roubando da União. Se ele for denunciado, vai sofrer processo inclusive da polícia federal. Porque minério é um bem público, é um bem da União. Muita gente ainda não entende. Não digo alguns que vão tirar uma pedra, alguma coisa, mas pra sobrevivência. Mas hoje ainda tem gente que pensa que porque é dono do solo, ele é dono do subsolo também. Às vezes até a gente entrar numa área pra pesquisar tem que ter uma paciência, explicar e tal... (MANDALOZZO, 2018)

Assim, conforme vão entendendo, moradores de áreas rurais com ocorrência de minérios são nutridos por um sentimento de desesperança com a agricultura e muitas famílias vão buscar meios de viver na cidade.

E um problema é que pra quem não tem como viver tem que vir pra cá. [para Ponta Grossa]. Há dificuldade de estudo também, porque você veja hoje o mundo que nós estamos, esse mundo é competitivo e só sobrevive realmente os mais preparados. (MANDALOZZO, 2018)

A partir do visto esvaziamento dos espaços de agricultura, pensamos qual forma se desenha para Itaiacoca em uma perspectiva de futuro. A construção das identidades dos sujeitos que herdaram Itaiacoca com as mudanças ocorridas pela

industrialização da mineração e pela mecanização da agricultura certamente é permeada por outros elementos que antes não estavam tão presentes. Se antes os moradores não precisavam planejar uma profissão, pois o uso da terra e as formas de relação com o ambiente lhes garantia a subsistência, isso já não acontece mais. Agora, existe a necessidade de uma profissão, e permanência no espaço rural traz uma perspectiva de futuro incerto.

Eu acho que é bem diferente da cidade. Igual eu optei por ficar por aqui, não tenho intenção de ir embora, a não ser que um dia seja muito necessário, porque eu acho que pra saúde é melhor, uma vida mais tranquila, gosto de morar aqui! Então, eu sempre vou procurar opção de ficar por aqui. Mesmo que pra isso estude e se especialize em alguma área tentar fazer alguma coisa pra tentar ficar na região. (RODRIGUES, 2018)

José Alberto, que hoje tem 25 de idade e 7 anos de trabalho na fábrica de talco, lê-se como exceção entre os jovens. Sua relação com o lugar está relacionada com sua história de família e com seu gosto pelo espaço rural, porém, compreende e reconhece os motivos que fazem de outros jovens (incluindo sua irmã) vislumbrarem outras perspectivas e seguirem um projeto de vida que somente poderá ser realizado na cidade:

E a história da tua família em Itaiacoca?

Do lado do meu pai é daqui. O lado paterno, meu avô e avó são daqui. Do lado da mãe já vieram de Araucária. A minha mãe eu acho que nasceu aqui, não tenho certeza. Eu nasci aqui. Mas eles vieram de Araucária, trabalhando com agricultura, compraram uns terrenos e tão por aqui ainda.

Meu pai trabalhou com mineração também, bastante tempo como operador de máquina. Com 25 anos trabalhando na mineração ele achou que a saúde dele não tava muito legal. E como o vô tinha os terrenos, resolveu partir pra agricultura e trabalhar por conta. Ele já trabalhava com agricultura na infância.

Minha irmã tá completando uns três anos já [de trabalho na mineração].

Ela tá fazendo um curso de RH agora, um curso técnico, a ideia é continuar por aqui só por enquanto. Ela não gosta de morar aqui, acho que tem ideia de ir embora também. Mas por enquanto tá aqui. (RODRIGUES, 2018)

A família apresentada por José Alberto é exemplo da incorporação das atividades relacionadas à mineração entre agricultores de Itaiacoca. Ele mesmo

mostra seu desejo de permanência e se agarra ao trabalho na mineração para que isso seja possível. Diferente de sua irmã, que não parece satisfeita com o que encontra nesse trabalho. E o cenário de perspectivas para o jovem que deseja estudar ainda é desenhado em outras dificuldades:

A maioria do pessoal se muda por conta de estudo, fica mais acessível. O transporte também, o ônibus é um transporte lento. Você vai e daí até voltar. Pra quem tem que estudar e trabalhar fica cansativo. Tem o transporte que leva o pessoal pra estudar. Ainda tem, não sei futuramente. É difícil... Eu tinha uma época que tava fazendo um plano pra estudar a noite, mas o horário meu não daria pra usar o transporte de estudante. Eu comecei a fazer conta de combustível, dava quase um salário pra ir todo dia e voltar então fica bem pesado mesmo. Talvez seja por isso que o pessoal se muda, vai pra cidade. (RODRIGUES, 2018)

Estudar configura-se, para o sujeito de Itaiacoca, como uma contradição entre desejo difícil de atingir e obrigação que pode significar conseguir permanecer no lugar com um emprego na mineração. A atual necessidade do estudo é tanto o que pode fazer o jovem deixar o campo atrás de oportunidades urbanas, como também por muitos faz parte de um projeto de permanência. O emprego na mineração para os sujeitos que não completaram certo grau de instrução formal já é prejudicado. E isso afeta em especial os trabalhadores mais velhos:

Agora tá exigindo segundo grau. Tem um monte de currículo lá, mas a firma não sei se é, se por lei que tão exigindo segundo grau, então o pessoal que não tem estudo... infelizmente tem que estudar. Eu tô com uns 5 jovens, piazzada bem novo aí. Primeiro emprego. Não tem mais pessoa de idade não. (ANTUNES, 2018)

Celso fala a partir de sua experiência de trabalho na Mineração São Judas⁴⁴, que recentemente incorporou a produção de calcário para correção do solo em suas atividades em Itaiacoca. Além disso, tem previsão de iniciar a flotação⁴⁵ de talco. Se essa atividade de fato for incorporada, isso significará abertura de novas vagas de trabalho, que certamente necessitará de novas especializações. Uma mudança de

⁴⁴ Fundada em 1972, a Mineração São Judas iniciou suas atividades em lavra no ano de 1975. Localizada no sudoeste do Brasil, a 350 km da cidade de São Paulo e a 300 km de Curitiba, capital do Paraná. No mercado há mais de 40 anos, já se encontra entre as maiores empresas independentes voltadas a extração, beneficiamento e comércio de insumos industriais do Brasil. Disponível em: http://saojudas.com.br/?page_id=55

⁴⁵ Alveamento químico de talco que visa melhor valorização do produto no mercado.

perfil dos trabalhadores que exclui os mais velhos. Assim, mais uma vez percebemos que o projeto de permanência dos jovens envolve a mineração instalada e especialmente a vindoura, como mostra Celso:

Ali na mineração é o seguinte: exige curso, eu vou voltar estudar, até minha esposa acho que vai voltar estudar também. A gente tem segundo grau completo, mas hoje em dia tão exigindo mais cursos [...] eu pretendo fazer um curso baseado na parte da mineração. (ANTUNES, 2018)

A exigência da especialização pode reforçar a insegurança no futuro, já que a manutenção do emprego na mineradora é incerta, o sujeito não terá formação para procurar trabalho em outra área. Como diz José Divar: “Quase todas as firmas é assim: entra a pessoa ali, trabalha um ano, dois anos, e sai. Recolhem outro. É a rotatória do serviço”. (MOREIRA, 2016).

No atual contexto, a garantia de emprego em decorrência da experiência, como visto nas entrevistas de José Divar e Bernardo, não se aplica mais aos atuais trabalhadores, que por isso vivem inseguros sobre o futuro. Coexistem o desejo de estar preparado para o futuro da mineração, o abandono das atividades rurais e a dificuldade de qualificação profissional. A mistura desses efeitos fragiliza a identidade de Itaiacocano mesmo daqueles dispostos a permanecer, pois essa permanência sempre parece depender do crescimento e da instalação de novas mineradoras.

Aqui o custo de vida é melhor, e aqui eu me sinto bem. A não ser que não tenha outro jeito, eu saia da firma ou, daí não tem o que fazer, tem que sair. Mas é escolha minha morar aqui porque eu me criei aqui. Nasci aqui na verdade. Não tenho ideia de ir embora. Só em últimos caso, que não tiver emprego. Mas a mineração tá crescendo e vai vir mais uma flotação de talco, então vai surgir mais emprego, vai engrandecer mais. Já entrou calcário, agora vem mais essa flotação. (ANTUNES, 2018)

Ainda sobre a questão do jovem e sua preparação para o trabalho, Marilei faz uma leitura mais preocupada, pois levanta uma perspectiva de desemprego após a considerada idade mais produtiva para as fábricas:

Perspectiva de estudo do jovem: o jovem tá sendo oportunizado a estudar? Ele não consegue. Porque aos 18 anos ele começa a trabalhar e dali ele não sai. Porque ela mantém a mão de obra, porque ele tem resistência física até uns 40. Depois já não interessa mais porque ele já não produz como ele produzia. (GONÇALVES, 2018)

As questões aqui pensadas sobre o esvaziamento das áreas de agricultura e os dilemas dos jovens em relação ao seu futuro e trabalho nos fazem pensar em que tipo de realidade está sendo construída para Itaiacoca. Essas reflexões surgiram durante as entrevistas, cujos sujeitos apontaram diversas perspectivas, mas uma que chama a atenção é sobre o uso do espaço para lazer e turismo. Sobre esse assunto, vejamos a opinião de Gustavo:

A topografia é muito bonita. É linda. Tem por exemplo aquela vista maravilhosa que tem de pinheiros da família Pavelik.

Eu acho que ali tem muita coisa pra se fazer, como pra lazer, e essas indústrias de mineração sempre com novas pesquisas, necessita de muito material. O crescimento da agricultura é prejudicado porque não pode mecanizar, daí é outra história.

E uma das coisas que a gente percebe e que há muito tempo se fala, é que Itaiacoca será um lugar de turismo. Da pessoa ter uma chacinha, ter um lugar. As matas foram razoavelmente preservadas, tem muita mata lá ainda, então reconstitui a natureza. Não há grandes reflorestamentos na região, que descaracteriza, então eu penso na região, como uma região que tem esse potencial: fim de semana já tá acontecendo isso, chega sexta-feira à tarde tem que cuidar com fluxo contrário. (risos) (MANDALOZZO, 2018)

Então, o espaço rural de Itaiacoca encontra em seu olhar outras alternativas, como o turismo, o lazer e a exploração de minérios. Toledo e Bassols (p. 17) levantam a questão sobre a visão do sujeito moderno que desconhece que existiram e existem outras formas de relação com a natureza que são organizados a partir de outros sistemas de valores, de outro *ethos*. Assim, Gustavo constrói memórias e perspectivas a partir de sua imersão no mundo, que se relaciona com o empreendedorismo.

Gustavo pensa sobre a atual inviabilidade um antigo modo de viver antes sustentado pelos moradores locais. Sobre isso, Marilei discorda. Em sua luta política, busca justamente a manutenção de um espaço de cultura tradicional dentro de Itaiacoca, quando fala do Faxinal onde vive:

Nós vivemos um momento de fragilidade pelos conflitos com os chacareiros que se encontram nos espaços dentro do criadouro comum. [...] O chacareiro ele chega com um conceito dos grandes centros: Comprei a área, demarquei, ela é minha. Não compreende que é uma porcentagem.

E tem muitos chacareiros?

Sim. Nós temos aqui a questão que as pessoas buscam um recanto. Esse recanto, onde tenha paz, eu quero estar. Na nossa comunidade, nós não temos índice de violência. Podemos deixar nossas casas, então é o lugar ideal para se ter uma chácara. Eu sei que eu posso ficar durante a semana ou um mês sem vir até a minha chácara, eu sei que eu vou chegar, e se eu deixei uma foice do lado de fora ela vai tá porque não se tem; ainda existe esse cuidado com o outro. Então, assim, é uma procura muito grande. (GONÇALVES, 2018)

O faxinal dentro de Itaiacoca é uma resistência. A forma de organização e a estrutura de sentimentos que move os moradores dessa comunidade não é unânime. Este espaço representa um lugar entre muitos de Itaiacoca. Nesse espaço, são fortes as vozes que rejeitam a mineração como único meio de manutenção desse lugar. Existe uma relação cultural que fala sobre a ligação com o ambiente. Isso os faz viver de maneira mais lenta os deslocamentos identitários, e preservar com mais afincos sua condição de portador de uma cultura tradicional de valores rurais relacionados com o lugar e o que este representa.

Conforme Tuan(1980), para compreendermos a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. E as preferências do grupo requerem que conheçamos a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico.

No narrado por Marilei, o espaço do faxinal é desejado por sujeitos “de fora”. O buscado pelos chacareiros tem relação com a beleza do espaço físico e com a tranquilidade pelos baixos índices de furtos nos domicílios. No entanto, a vida em comunidade, conforme o proposto pelo sistema de faxinal, não interessa a esses sujeitos chegantes.

O conflito não se resume ao fato isolado de os chacareiros buscarem um espaço rural para viver seu desejo de paz, mas esse exemplo sintetiza um medo do sujeito de Itaiacoca de viver o solapamento de suas identidades de referência com o lugar. As transformações propostas têm relação com as expectativas sobre a mineração, que, nos últimos 50 anos, rodeiam o lugar, e que esvaziam o espaço da agricultura. A chegada da cimenteira significa uma potencialização dos efeitos até agora sentidos diante da mineração.

Mesmo acontecimentos futuros têm poder de transformação do espaço. Assim, analisa o historiador Pocai Filho, em sua dissertação, que olha para as diversas interpretações do acontecimento de uma comunidade que espera por barragens para

hidrelétricas. A espera transforma mulheres e homens do campo em “atingidos por barragens”, mesmo que as mesmas ainda não tenham ainda acontecido. “O canteiro que não foi feito, a abóbora que não foi plantada, o potreiro que não foi criado... O horizonte incerto e nebuloso do futuro é observado numa relação conturbada entre o tempo presente e o tempo futuro” (POCAI FILHO, 2016, p. 23). Nesse sentimento constatado pelo autor, podemos também pensar sobre a espera pela cimenteira em Itaiacoca.

Conforme dito por Eliceu, essa cimenteira que vem “é coisa grande”. Essa espera está muito presente, e os moradores olham para essa possibilidade perguntando-se qual será seu novo lugar com a mudança anunciada. Usando novamente a analogia da lenda da panela de ouro, os Itaiacocanos sabem da riqueza que está debaixo do solo, mas não podem retirá-la, pois a figura abstrata (visagem) que gerencia todo o sistema não lhes permite. Essa sensação aparece também na fala de José Alberto:

É muito rico o Itaiacoca. É uma pena que o pessoal que era, vamos dizer, os herdeiros aqui não tinham a instrução pra aproveitar isso daí. Se ver hoje os donos de mineração a maioria é gente de fora que veio com instrução. Foi quase como quando os portugueses chegaram no Brasil (risos). Hoje, a gente trabalha empregado na mineração. (RODRIGUES, 2018)

A análise de José Alberto acima se referia à extração de cal e talco. Seu avô e pai experimentaram essa desapropriação. A extração de cimento será novidade para Itaiacoca, e por isso os moradores se perguntam como será esse novo desenvolvimento, enquanto isso também agem ressignificando e reorganizando suas vidas:

Tem uma mina nova, a fábrica de cimento que tá chegando no Conceição?

É, tá previsto! Disseram que em uns três anos pode ser que eles venham. Potencial muito grande: produção que vai sair em torno de dez a quinze carreta/hora durante 24 horas. Coisa grande! Mão de obra que eu não sei... mão de obra especializada caminhões enormes. (silêncio). [...] Eles passaram o vídeo pra gente ver como é que funciona lá, como é mais ou menos que o funcionário vai ter assistência... daí colocam escola, campo de futebol, assistência técnica, tudo pro funcionário no acampamento. Muito bonito. O que passaram, se é pra ser daquele jeito, é muito bonito! (NABOZNY, 2017)

Bernardo confia na mineração como uma atividade capaz de melhorar a vida dos trabalhadores. Mas se questiona intimamente sobre quem será esta mão de obra especializada que irá servir neste grande empreendimento. Isso confere à sua análise uma ambiguidade. Se for pra ser como nos apresentaram no vídeo, será bom. Mas quem irá usufruir desses benefícios parece não ser o morador local, cuja mão de obra não está especializada. Marilei também apresenta sua leitura sobre as novas organizações de trabalho no espaço de Itaiacoca:

Então ela vem ramificando, é como se fosse um câncer, ela vai se alastrando e você não sente. Você não sente e você acaba... A força nossa a gente trabalha numa perspectiva de muito desaparecimento do campo. Ele tende a desaparecer. Você pensa 'eu posso morar naquele espaço se eu for aposentado'. Mas esse espaço não vai mais existir.

Então assim: a gente tem uma luta, mas ela é muito difícil nos resistirmos a vinda dessa implementação. (GONÇALVES 2018)

Marilei apresenta a resistência dos agricultores de sua comunidade, que também estão envolvidos em processos de industrialização, mas que a partir de uma lógica própria insistem em fazer frente contra a fábrica anunciada. Quando anuncia que o espaço não vai mais existir, a entrevistada revela sua preocupação com o lugar, que poderá ser transformado em sua essência. Aquino (2007) diz que a agricultura, mesmo perdendo relevo nas características do trabalho, não desapareceu e continua servindo de base para uma das formas de atividade laboral. Mas Marilei sabe que essa luta é difícil se colocada a par de outros projetos para o lugar, conforme pensa Gustavo:

A minha previsão, inclusive eu tenho negócio de área que eu compro por causa da mineração, eu não pretendo vender. Quero deixar para meu futuro. Primeiro porque eu acho que tenho que conservar. Segundo porque eu acho que isto aqui vai ter muito valor. A mata, com o decorrer do tempo vai ter muito valor para manter a estabilidade do clima, o carbono, essa coisa toda. E acho também que o incentivo à preservação é muito interessante, mas tem que se preservar aquilo do que se possa sobreviver também. Não como o Parque das Araucárias⁴⁶: fecha aqui e agora é do Governo, não pode fazer mais nada, não indeniza...

⁴⁶ Com 21.749 ha, a área proposta para ser transformada em Parque Nacional, abrange áreas dos municípios de Ponta Grossa, Castro e Carambeí. Representa uma paisagem típica da associação entre a Floresta com Araucárias e os campos naturais, de grande beleza cênica. Combina uma área expressiva da floresta com os últimos remanescentes de campos. Abriga sítios arqueológicos

Como vimos, existem muitos projetos para Itaiacoca, a exemplo da industrialização, a luta pela permanência da agricultura familiar, a busca pela inserção na mineração e o uso do espaço para o lazer. Assim como as identidades os projetos se sobrepõem, coexistem e por vezes se contradizem. As mudanças estruturais vividas em Itaiacoca relacionadas à mineração surgem como uma ameaça para forma que a vida vinha sendo estabelecida.

As mineradoras já instaladas são responsáveis pelo estabelecimento de novas formas de relações entre os moradores, e fazem emergir desejos de inclusão nesse sistema, ao mesmo tempo em que buscam resistir em seus antigos costumes. O trabalhador rememora suas identidades agregando saberes da mineração e uma forte relação com o lugar que Itaiacoca representa. As memórias anunciam o desejo de permanência do que é ser Itaiacocano na sua relação com o lugar. No entanto, o novo projeto os faz refletir sobre o futuro, que lhes é apresentado de maneira incerta. E se perguntar se o modo de viver do campo poderá sobreviver a um projeto da proporção do que o que se apresenta.

Assim, o que se viu nos permite pensar sobre a maneira como se experimentou e se experimenta o viver em um lugar de minérios. O tempo de industrialização em um ambiente de afetos impacta os modos de viver e trabalhar em Itaiacoca. O que temos ao chegar até aqui é a percepção de uma construção identitária que incorpora a mineração, porém, mantém o desejo de manter-se itaiacocano, “dos mato”, pois existem referências da memória que resistem e interatuam diante da industrialização. Existe uma ligação entre os itaiacocanos, que reflete uma busca de afirmação da cultura no lugar. Por isso, a memória faz com que antigos modos de vida e de trabalho não estejam no passado, mas constituam a vida em meio a tantas transformações.

importantes e formações geológicas singulares. Guarda a memória do tropeirismo, período importante da história regional. Protege nascentes de rios importantes como o Tibagi e o Ribeira. Oferece a possibilidade de conexão com unidades de conservação já existentes na região, como o Parque Estadual de Vila Velha e a APA da Escarpa Devoniana.
Fonte: http://www.mma.gov.br/estruturas/202/_arquivos/folder_consulta11.pdf

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Itaiacoca é um lugar fácil de gostar, é um lugar emocionante e tem uma história perturbadora. Essa é minha perspectiva ao chegar até aqui nessa experiência de escrever sobre Itaiacoca. Não apenas sobre o trabalho na mineração, como talvez tenha sido meu objetivo de início, mas sobre uma transformação experimentada por quem vive, trabalha e compartilha o espaço com a mineração. Nesse lugar, a industrialização vem como ideia e se concretiza, e nisso cria expectativas e resistências. Assim foi com a chegada dos fornos de cal (forno grande), depois novamente com as mineradoras de talco. Atualmente, vive-se algo parecido com a espera da fábrica de cimento.

Sendo Itaiacoca um lugar fácil de gostar e emocionante, a construção das memórias com a história oral trouxe consigo uma responsabilidade extra, relacionada aos usos e cuidados com cada entrevista e os presentes que elas significavam para mim. Foram momentos de muita reflexão e perplexidade. Cada pausa, riso, causo, olhar distante, cada rememoração era tão cheia de significados que nunca conseguiríamos expressar em texto ou mesmo em fala. O percurso da pesquisa a tornou conhecida, e de um tempo em diante cada novo sujeito que eu buscava entrevistar, já sabendo sobre meu ensejo, até estava esperando o convite. Vejo isso como um sinal de desejo de ser história, esperança de registro e de visibilidade daquilo que Itaiacoca é e representa para os sujeitos históricos que nele vivem. Por mais de uma vez, deparei-me com um entrevistado que me questionava: “deu certo o trabalho fia?”

Mas esse lugar chamado Itaiacoca também se apresentou tão grande e diverso, que não poderia narrá-lo a partir apenas de uma única voz. A diversidade das vozes demonstra contradições, disputas, perspectivas comuns e expectativas diversas em relação ao lugar. As identidades se cunham e se transformam, tendo em comum a mineração. Ao final desse percurso, ousou dizer que a mineração não é apresentada como referência na memória dos Itaiacocanos, nem como um símbolo que os represente. Alguns muito provavelmente nem a citariam caso eu não tivesse instigado. Mas ainda assim ninguém que viva aí está isento das consequências da mineração. Viver em cima dos minérios é ter a vida balanceada pela mineração. A certeza que se tem é apenas que a industrialização “é uma luta que é muito difícil de

resistir”. Sendo assim, os sujeitos se reconstroem nesse movimento que a mineração instala. E esse movimento é cheio de incertezas. Muitos abandonam o espaço da agricultura, alguns resistem e/ou se inserem na mineração. Mas todos convivem.

Os minérios de Itaiacoca são representados como importantes para a sociedade, pois Itaiacoca tem, em seu subsolo, um “tesouro”, que pesquisas externas foram revelando. Isso muda tudo. Aquele lugar antes sem visibilidade, que era um lugar de gente “dos mato”, usado para plantar milho e feijão e de criar porco solto, passa a ser apresentado como um potencial econômico a ser explorado. O sujeito de Itaiacoca participa disso de diferentes formas. Em alguns aspectos oportunidade, em outros, angústias e incertezas em face a possíveis consequências indesejadas.

Dessa forma conheci os trabalhadores das firmas. Trabalhar na firma, fichado, morar no acampamento da firma, ter salário e poder se aposentar são as apresentadas vantagens de quem se insere. Para isso tinha que conhecer o talco, saber operar a máquina, dirigir o caminhão, ter experiência e ser versátil. Esse perfil dava garantia de trabalho nas minas e nas fábricas. Fazia com que o trabalhador pudesse sair de uma e ser chamado em outra, pois naquele tempo não tinha tanta gente querendo trabalhar como agora.

Atualmente, a experiência não representa garantia de emprego. O trabalhador precisa estudar e se especializar e ainda assim sua permanência não está segura. E essa permanência se relaciona à possibilidade de ficar no lugar, pois o trabalhador da mineração já está há tanto afastado da agricultura que não cogita a possibilidade de voltar a esta. Se não tem emprego na mina, deixa o Itaiacoca e vai tentar emprego na cidade, apesar da relação de afeto com o lugar. Isso chamei de esvaziamento do espaço de agricultura.

Ouvir os entrevistados a respeito da expectativa de futuro em Itaiacoca foi para mim a parte mais difícil. Os atuais trabalhadores entrevistados revelam afeto pelo lugar e o desejo de manutenção, em algum aspecto, as tradições de suas famílias. No entanto, todas as possibilidades de permanência no lugar estão relacionadas ao emprego na mineração. O mais angustiante é pensar que esse emprego não está assegurado, pois exigências que parecem cada vez mais inatingíveis são feitas aos moradores para que possam ser empregados na mineração.

Outro evento que chamou atenção, a partir do tempo presente, é o significativo número de chácaras de lazer que estão se instalando. Itaiacoca é um lugar bonito e

assemelha-se à imagem de campo que muitos moradores das cidades buscam. Um lugar tranquilo, de paz, com matas, rios e pontos turísticos. Os chacareiros são pessoas que passam a dividir esse espaço e trazem outras concepções que também movimentam as identidades locais.

A sensibilidade para presença dessas diferenças estava mais aflorada em decorrência do momento peculiar vivido pelos itaiacocanos: as audiências públicas sobre a grande fábrica de cimento que se desenha para o local. Este estudo ocorreu exatamente neste momento. Isso não foi uma escolha intencional, pois o tema já estava sendo cortejado quando soube do agendamento das audiências. Mas a oportunidade de participar de uma delas me avisou que este momento estava repleto de significados e representando o auge de uma expectativa de meio século, que movimentou o lugar, pois a ação dos moradores levou em consideração essa possibilidade.

Morar na cidade ou esperar o emprego? Vender o terreno ou esperar se valoriza? Investir no lugar, mas se tiver minério? Todas essas questões são frutos da espera pelo futuro que nunca chega, da vida vivida em um presente estendido que é mantido pelas expectativas do seu próprio futuro. Essa condição impede o andamento de seus próprios projetos de vida, que permaneceram por anos silenciosos ou silenciados, e explodiram naquela audiência. Por isso aquele momento significou para este estudo mais que um olhar para o tempo presente, mas, a partir desse, nos trouxe uma visão de tudo o que poderia estar em jogo na disputa do próprio lugar.

Por fim, posso dizer que este trabalho que partiu do recorte da mineração, me proporcionou viver o tema com certa surpresa. Como pessoa de “dentro” vejo hoje quanto a mineração faz parte das nossas trajetórias e como ela de alguma forma dá o compasso à nossa forma de viver. A experiência e a expectativa integram as relações das pessoas que esperam sem clareza se será/é uma maldição ou dádiva. O que registrei então, não são conclusões, mas apenas dilemas sobre o desenvolvimento industrial que se vive e espera no espaço rural de Itaiacoca.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD (2004) Justiça ambiental - ação coletiva e estratégias argumentativas. In: _____ et al. (Org.). **Justiça ambiental e cidadania**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- AQUINO, Adriano Braz de. Tempo, trabalho e novas formas de inserção laboral. In: BORSOI, Izabel Cristina Ferreira; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida (Org.). **Velhos trabalhos, novos dias**: modos atuais de inserção de antigas atividades laborais. Fortaleza: UFC, 2007.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA. **Resoluções do CONAMA**: Resoluções vigentes publicadas entre setembro de 1984 e janeiro de 2012. Brasília: MMA, 2012. Disponível em: <http://www2.mma.gov.br/port/conama/processos/61AA3835/LivroConama.pdf>. Acesso em: 8 out. 2017.
- CALPONTA – cal e calcário. Disponível em: www.calponta.com.br/index.php, Acesso em: 4 jul. 2017.
- CARVALHO. A.I.; PADUA J.A. **A dimensão ambiental do conhecimento histórico**: Entrevista com José Augusto Pádua. Revista de História Regional, v.19, n.2, p. 457-484, 2014. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>. Acesso em: 4 jul. 2017.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CORREIA, Telma de Barros. De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. **R. B. Estudos Urbanos e Regionais**, n. 4, mai. 2001.
- DIÁRIO DO PARANÁ **Rodovia dos minérios**: Obras em PG. Curitiba, 20 de fevereiro de 1974. Disponível em: <memoria.bn.br>. Acesso em: 12 ago. 2017.
- ENRÍQUEZ, Maria Amélia. **Mineração: maldição ou dádiva?** Os dilemas do desenvolvimento sustentável a partir de uma base mineira. São Paulo: Signus Editora, 2008.
- FARIAS, Carlos Eugenio Gomes. **Mineração e meio ambiente no Brasil**. 2002. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/sqa_pnla/arquivos/minera.pdf. Acesso em: 4 jul. 2018.
- FEARNSIDE, Philip. Gases de Efeito Estufa no EIA-RIMA da Hidrelétrica de Belo Monte. **Novos Cadernos NAEA**, [S.I.], v. 14, n. 1, out. 2011. ISSN 2179-7536.

Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/596/848>>. Acesso em: 08 set. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v14i1.596>.

FOLHA DE CAMPO LARGO. **Campo Largo brigará para instalação de fábrica de cimento em São Silvestre.** 2018. Disponível em: <http://www.folhadecampolargo.com.br/noticias/geral/campo-largo-brigara-para-instalacao-de-fabrica-de-cimento-em-sao-silvestre-38426>. Acesso em: 4 jul. 2018.

GLINSKI, Adriane. De Umbará à Itaiacoca: impactos sociais, culturais e econômicos sofridos e causados pela chegada de migrantes descendentes de poloneses em Itaiacoca. Trabalho de Conclusão de Licenciatura em História. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2006.

GOMES: Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo.** Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GONÇALVES, Marilei de Fátima Ferreira. Povos e comunidades tradicionais: relações com a escola do/no campo. Dissertação (mestrado em educação). Universidade Tuiuti do Paraná. 2017

GONÇALVES, Ronir de Fátima; MARTINIAK, Vera Lúcia; PADILHA, Lúcia Mara. Reconstrução histórica das instituições escolares como instrumento para a preservação do patrimônio cultural. CONGRESSO DE PATRIMÔNIO CULTURAL, 1.; SIMPÓSIO PONTA-GROSSENSE DE PATRIMÔNIO CULTURAL, 2., [S.l.], jun. 2016. Disponível em: <<http://culturapg.com.br/periodicos/patrimonio/article/view/45>>. Acesso em: 31 dez. 2017

GUIMARÃES, Gilson Burigo; LICCARDO, Antonio; PIEKARZ, Gil Francisco. **A valorização cultural do patrimônio geológico-mineiro do Paraná.** Boletim de Geociências Paranaense, v.70, p. 41-52, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HUYSEN, Andreas. Memórias do Modernismo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. **Ponto Urbe** [Online], v.3, jan. 2008. KOSLOSKY, Matheus. Viver, conviver, Trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no Distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR- (1970-2014). Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Identidade) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, 2016.

JORNAL ÚLTIMA HORA. Curitiba, 15 de setembro de 1962. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830348&pesq=itaiacoca> Acesso 28/08/2017.

KOSLOSKY, Matheus. Viver, conviver, Trabalhar: trajetórias de trabalho e sociabilidade no distrito do Itaiacoca, Ponta Grossa PR- (1970- 2014). Dissertação (mestrado em história e cultura e identidade), Universidade estadual de Ponta Grossa, 2016.

LCB – Consultoria de Projetos. RIMA. Relatório de Impacto Ambiental – Complexo Minerioindustrial. **Mineração Delta do Paraná**, Ponta Grossa/Campo Largo, IAP, v.1. 1.ed. mar. 2015. 57p. Disponível em: http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/2016_EIA_RIMA/RIMA_DELTAPR.pdf. Acesso em: 31 dez. 2017.

LOPES, Jecson Girão. Produção do espaço e dinâmica regional. As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geográfica. *Geografia Ensino & Pesquisa*, v. 16, n.2, p. 23-30, mai./ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article>. Acesso em: 01 jan. 2018.

LÖWEN SAHR, C. L.; CUNHA, L. A. G. O significado social e ecológico dos Faxinais: reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da Mata com Araucária no Paraná. **Emancipação**, Ponta Grossa, v.5, n.1, 2005.

LÖWEN SAHR, C. L.; IEGELSKI, F. **O Sistema Faxinal no Município de Ponta Grossa**: diretrizes para preservação do ecossistema, do modo de vida, da cultura e das identidades das comunidades e dos espaços faxinalenses. Ponta Grossa, 2003. 108p. (Relatório Técnico) – Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

LUZ, Angélica Nobre da. As festas de santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos Itaiacocanos da roça velha (1960- 2014). Dissertação (mestrado em história e cultura e identidade), UEPG, 2016.

LUZ, Angélica Nobre da. **As festas de santo e seus sujeitos históricos**: memórias e experiências dos Itaiacocanos da roça velha (1960- 2014). Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Identidade) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. São Paulo: Vozes, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 34, p. 9-23, dez. 1992. ISSN 2316-901X. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497/73267>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

MIRANDA, Everton; PRANDEL, Jéssica Aparecida; SOUZA, Layane Onofre de. Patrimônio e mineração: uma análise sobre o patrimônio cultural mineiro do distrito de Itaiacoca, Ponta Grossa/PR. In: CONGRESSO DE PATRIMÔNIO CULTURAL, 1.; SIMPÓSIO PONTA-GROSSENSE DE PATRIMÔNIO CULTURAL, 2., [S.I.], jun. 2016. Disponível em: <http://culturapg.com.br/periodicos/patrimonio/article/view/102>>. Acesso em: 31 dez. 2017.

MOLLER, David Araujo. **O licenciamento ambiental no regime de autorização de pesquisa e concessão de lavra**. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/direito->

[minerario/downloads/producao-cientifica/o-licenciamento-ambiental-no-regime-de-autorizacao-de-pesquisa-e-concessao-de-lavra-flavia-moller-david-araujo.pdf](#). Acesso em: 01 fev. 2018.

MONTEIRO, Rodrigo Rocha. SAHAR, Cicilian Luiza Löwen. **O sistema faxinal enquanto forma de organização cabocla: o caso do faxinal Sete Saltos de Baixo em Ponta Grossa – PR**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 3.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2., Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005.

NASCIMENTO, Ronir. A expansão das Escolas Rurais no Distrito de Itaiacoca, no município de Ponta Grossa – PR (1930-1960). Dissertação de Mestrado em Educação. UEPG, 2017

NASCIMENTO, Ronir. A expansão das escolas rurais no Distrito de Itaiacoca, no município de Ponta Grossa – PR (1930-1960). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, 2017.

NUNES, Pedro Henrique Farias. **Meio ambiente & mineração**: desenvolvimento sustentável. Curitiba: Juruá, 2011.

OLIVEIRA, Frederico Fonseca Galvão de; ARAÚJO MEDEIROS, Wendson Dantas de. Bases teórico-conceituais de métodos para avaliação de impactos ambientais em EIA/RIMA. **Mercator - Revista de Geografia da UFC** [en linea] 2007, 6 (Sin mes) : [Fecha de consulta: 8 de agosto de 2018] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273620627009>> Acesso em: 01 fev. 2018.

POCAI FILHO, Roberto Luiz. **Ecos no Vale do Chopim**: Memórias e pertencimentos de atingidos por barragens em Nossa Senhora dos Navegantes, Paraná. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral**. A pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto História, São Paulo, 1997.

RICOEUR, Paul. Memória e imaginação. In: _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007. cap. 1

SAMUEL, Raphael. **Teatros da memória**. Projeto História, São Paulo, v. 14, 1997.

SILVA, JOSÉ APARICIO. Fatores endógenos e exógenos que levaram à imigração/resistência de pequenos produtores do distrito de Itaiacoca- Ponta Grossa- PR. Na década de 1970, Ponta Grossa, 2008.

SILVA, JOSÉ APARICIO. **Fatores endógenos e exógenos que levaram à imigração/resistência de pequenos produtores do distrito de Itaiacoca - Ponta Grossa- PR na década de 1970**. 172f. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, Ponta Grossa, 2008. Disponível em:

<http://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/275/1/Jose%20Aparicio%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2017.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Identidade. In: _____. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 202-205.

SILVA, Renata Rastrelo. **Proprietários rurais do Distrito de Martinésia**: viver e permanecer no campo (1964-2005). 143f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp027391.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2017.

SISTEMA de Informações Geográficas do APL de Cal e Calcário do Paraná. Disponível em: http://www.mineropar.pr.gov.br/arquivos/File/3_Acoes_Mineropar/1_Recursos_Minerais/APL_Cal_e_Calcario/Relatorio_MF2_-_SIG_Volume_2.pdf

SOUZA, Paulo Alexandre Lourenço de. Uma proposta da História de Itaiacoca para crianças do Ensino Fundamental. Trabalho de conclusão de Licenciatura em História. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

SZABÓ, Gergely Andres Julio *et al.* **As jazidas de talco no contexto da história metamórfica dos metadolomitos do grupo Itaiacoca**, PR, Geologia USP. Série Científica, v. 5, n. 2, p. 13–31, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Victor M. BALSSOLS, Narciso Barrera. **A memória biocultural – a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1980.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, v.8, n.1, p.113-148, 2002.

WALDMANN, Izolde Maria. **As lendas de Itaiacoca**. Ponta Grossa. Planeta, 2014.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Ediciones Península, 1987 .

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história da literatura**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

FONTES:

ANTUNES, Celso Amadeu de Paula. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Mineração em Itaiacoca: identidades construídas ao viver e trabalhar nos processos de industrialização”** do curso de Mestrado em História UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 19/08/2018, formato MP3, 36 minutos

GOES, J. L.; STOCCO, E. Caracterização Geocartográfica da área distrital de Itaiacoca e principais pontos turísticos. In: SEMANA DE GEOGRAFIA, 23., 2016, Ponta Grossa, PR. **Anais...** Disponível em: <<http://sites.uepg.br/semanadegeografia/wp-content/uploads/2017/04/ANAIS-SEMAGEO-2016-FINAL.compressed.pdf>>. Ponta Grossa: UEPG, 2016. p. 87-90. Acesso em: 1 abr. 2019.

GONÇALVES, Marilei de Fátima Gonçalves. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Mineração em Itaiacoca: identidades construídas ao viver e trabalhar nos processos de industrialização”** do curso de Mestrado em História UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 18/08/2018, formato MP3, 35 minutos.

GLINSKI, José Eliceu. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Modos de trabalhar na mineração pré-industrial em Itaiacoca 1940 – 1970.”** do curso de especialização História, Arte e Cultura UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 10/04/2016, formato MP3, 62 minutos.

MOREIRA, José Divar. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Mineração em Itaiacoca: identidades construídas ao viver e trabalhar nos processos de industrialização”** do curso de Mestrado em História UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 11/12/2016, formato MP3, 57 minutos.

MANDALOZZO, Gustavo Angelo. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Mineração em Itaiacoca: identidades construídas ao viver e trabalhar nos processos de industrialização”** do curso de Mestrado em História UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 30/01/2018, formato MP3, 32 minutos.

NABOZNY, Pedro. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Modos de trabalhar na mineração pré-industrial em Itaiacoca 1940 – 1970.”** do curso de especialização História, Arte e Cultura UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 02/04/2016, formato MP3, 54 minutos.

NABOZNY, Bernardo. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Mineração em Itaiacoca: identidades construídas ao viver e trabalhar nos processos de industrialização”** do curso de Mestrado em História UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 05/08/2017, formato MP3, 1h57min.

LEMES DA SILVA, Francelino. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Mineração em Itaiacoca: identidades construídas ao viver e trabalhar**

nos processos de industrialização” do curso de Mestrado em História UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 06/08/2017, formato MP3, 32min

RODRIGUES, José Alberto. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Mineração em Itaiacoca: identidades construídas ao viver e trabalhar nos processos de industrialização”** do curso de Mestrado em História UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 31/07/2018, formato MP3, 16min

SANTOS, João Maria e SANTOS, Eudisia Maria Iansen. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Mineração em Itaiacoca: identidades construídas ao viver e trabalhar nos processos de industrialização”** do curso de Mestrado em História UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 11/02/2018, formato MP3, 47min

TOCZEK, Vitório. Entrevista concedida a Lucimara Nabozny para o projeto **“Modos de trabalhar na mineração pré-industrial em Itaiacoca 1940 – 1970.”** do curso de especialização História, Arte e Cultura UEPG. Itaiacoca/Ponta Grossa, 09/04/2016, formato MP3, 48 minutos.

ANEXOS

ANEXO A

DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE ENTREVISTAS

Vitório Toczeck, 70 anos foi o primeiro entrevistado. No dia 09/04/2016, numa tarde de sábado, compareci na sua chácara, na localidade de Prudentes, com minha intenção de pesquisa. Seu Vitório, como quase todos entrevistados para esse trabalho, são conhecidos ou amigos da minha família. Meu pai, que também é morador de Itaiacoca desde o nascimento me acompanhou nas entrevistas. O sábado da casa do seu Vitório estava movimentado: família reunida em atividades de lazer. Ele, que atualmente produz uva e vinho colonial (Chácara São Vitor), nos recebeu com muita hospitalidade. Expliquei a ele e às filhas que moram na cidade e que passavam o dia na chácara sobre o objetivo da visita. Autorizada a gravação, sentamos afastados das visitas em um sofá que mantém na sua varanda. Vendo o movimento das pessoas e de frente para uma vista de campo, este iniciou seu relato de memória sobre o processo de queima de cal e sobre como essa atividade era realizada por ele e seu cunhado. Conforme foi compreendendo que meu interesse não estava nas datas e em documentos ditos formais, mas principalmente no significado da experiência para ele, sua família e para o lugar, Vitório ampliou sua fala para relatar também sobre como se configurava a vida “naquele tempo”. Lembranças de trabalho duro que não gerou riquezas para depois. Mas tudo isso dito de maneira bem-humorada, como brincando com um sofrimento que não existe mais. Sua fala retratou comparação entre dois tempos distintos na mineração. Sua análise deixou claro como lê seu próprio modo de minerar e o modo da indústria. Para ele os danos ambientais causados pela forma industrial são muito superiores aos danos da retirada manual, como chama sua antiga prática familiar de extração mineral.

Pedro Nabozny, 70 anos foi entrevistado no dia 10/04/2016. Nesse dia fui até a chácara de Pedro, também acompanhada por meu pai. Eles são primos que não se visitam com frequência, mas que convivem em espaços públicos da região. Pedro é casado com Petronilha. Entre seus filhos, um deles seguiu carreira acadêmica na área de geografia e outro acadêmico de história pela UEPG. O casal é conhecido como Pedrão e Tuna vivem na antiga casa de Valério Nabozny, pai de Pedro, e trabalham com transporte escolar. A casa de madeira, tem a frente um tanque que em uma das faces pode-se ver o antigo forno de barranco, usado para a queima de cal. Hoje o

forno está dentro do tanque, sinalizando seu desuso e sua memória. A memória de Pedro sobre o trabalho da queima de cal foi apresentada de forma muito detalhada, quase como de quem ensina a fazer.

Eliceu Glinski, foi o terceiro entrevistado. Eliceu é meu tio, e tem uma filha que cursou história pela UEPG. Esse entrevistado já conhecia de antemão minha intenção de pesquisa. Fui ter com ele em uma reunião de família, sobre com quem poderia falar sobre esse assunto, e percebi que o mesmo se demonstrou mexido com o tema, me apresentando suas memórias. Tio Eliceu é um contador de causo e suas histórias de lendas, visagens, espíritos, panelas de ouro, jesuítas são muito relacionadas com a natureza de Itaiacoca. Durante a entrevista, em sua casa na localidade de Cerradinho, Eliceu apresentou para além do trabalho nos fornos de cal, também reflexões históricas envolvendo os patrimônios culturais e materiais do lugar. Muitas vezes falando sobre o que “a história não conta” demonstra um interesse em preservação das memórias do lugar. Esse interesse pode ser inclusive pautado em sua realidade presente.

José Divar Moreira foi o quarto entrevistado, e primeiro dessa segunda fase. Divar é vizinho de meus pais, e morou na também vizinha antiga vila operária da Klabin, conhecida como acampamento, na localidade de Biscaia. Esse trabalhador teve uma experiência de 30 anos na mineração. Passou por quase todas as minerações da região, e sua experiência fez com que sempre fosse procurado pelas empresas. Esse trabalho aparece concebido em sua memória como uma via de garantia de emprego digno, aposentadoria, possibilidade de ascensão social. A vida rural, o trabalho na roça tratado como penoso.

Francelino Lemes da Silva, 74 anos, foi o quinto entrevistado. Seu Francinha, que mora na Anta Moura, em uma chácara à beira do Rio Ribeirão, lembra de sua história com a mineração de forma mais conflituosa. Trabalhou “25 anos registradinho”, como diz, no entanto, relata sua tentativa de resistir ao sistema de venda da força de trabalho. Se apresenta como “da roça”, com gosto do trabalho por conta, sujeito que produz o necessário, que caça, que se contenta com a vida do campo, no entanto se sente coagido a se inserir no trabalho formal. Quebrar pedra, cortar talco, cortar lenha... essa tarefa não desejada resultou no tão valorizado direito a aposentadoria.

Bernardo Nabozny, 73 anos, é irmão de Pedro Nabozny. Mora também na localidade de Ribeirão da Cruz. Hoje mantém em sociedade com um dos filhos uma granja de porcos. Quando jovem foi convidado a participar na pesquisa de talco, por conhecer a região. Antes trabalhou na agricultura e no comércio. Aprendeu sobre mineração com cientistas da área. Depois foi gerente de mina. Fez parte do processo de instalação e do pleno funcionamento das novas minas e fábricas de talco. As relações de trabalho fizeram parte de seu dia a dia e são apresentadas de maneira bastante detalhada. Sua fala, no entanto, mostra é um homem do campo, que muito ainda vive de forma que se vive no Itaiacoca rural. Recentemente Bernardo foi subprefeito de Itaiacoca e dessa experiência faz também importantes leituras do tempo presente.

Gustavo Angelo Mandalozo, diferentemente de todos outros entrevistados não é Itaiacocano. Trata-se do proprietário da mineração Itajara. Para conseguir a entrevista, agendei previamente e fui recebida na sede da empresa que fica em Ponta Grossa. Gustavo que também é advogado, formado na primeira turma de direito da UEPG, contou como que por acidente acabou trilhando o caminho da mineração. Depois da entrevista, Gustavo propõe uma reflexão sobre as representações da sociedade sobre a mineração: aquele branco que aparece entre o verde, se pensa: “mineração é o câncer da natureza”, mas e a agricultura, aquele mundo verde que não se vê fim no horizonte, todos acham bonito e não pensam quanto toxico tem ali. Essa entrevista nos mostra um ponto de vista diferenciado, que também envolve uma história de vida muito relacionado com os minérios e com Itaiacoca.

João Maria e Eudósia: Já havendo fontes construídas de proprietários de fornos de barranco, de trabalhadores da mineração de talco, de gerente de mina, e de um proprietário, ainda sentia necessidade de ouvir alguém que tivesse experienciado o trabalho nos fornos contínuos de cal. As primeiras fábricas de cal, eram grandes estruturas. Muitas ainda estão em pé, mesmo que totalmente desativadas e chamam muita atenção. Mas não foi muito fácil saber onde encontrar alguém com essa vivência. Conforme seguia, minha pesquisa foi ficando conhecida na região. E quando finalmente chegou ao meu saber, por meio da minha mãe que trabalha na unidade de saúde, que o seu Janguinho trabalhou na fábrica de cal. Eu não o conhecia. Cheguei na sua casa no domingo do dia 11 de fevereiro de 2018. Fui prontamente acolhida por ele e por sua esposa Eudósia. Janguinho não apenas trabalhou na fábrica de cal, mas

participou da construção. “Aquele terceiro forno ali – apontando para o mesmo, visto da sua casa- foi obra minha”. Neste momento, Eudósia muito contribuiu falando de sua própria experiência relacionada a mineração e aos modos de viver em Itaiacoca, trazendo pela primeira vez uma voz de mulher para este estudo. Ambos fizeram lindas leituras sobre os processos e significados dos fornos contínuos, do trabalho e da vida em suas proximidades.

José Alberto Rodrigues: Esse jovem de 25 anos, desde seus 19 anos é encarregado de produção da fábrica da Fábrica de Talco Cobemil. Morador da localidade de Biscaia fala de seu lugar de exceção, entre os poucos jovens que ainda permanecem no lugar, ao analisar seu desejo de permanência, aponta também o reconhecimento sobre as dificuldades de seus pares em fazer o mesmo. A mineração atual exige estudo, especialização o que é difícil para conseguir sem ir para cidade. Ao mesmo tempo a carência dessa formação cria situação de desemprego ou de empregos menos favoráveis aos que permanecem. José Alberto me recebeu no dia 31 de julho de 2017 no escritório da fábrica. Em uma entrevista de apenas 16 minutos, com sua fala rápida, José Alberto nos trouxe muitas possibilidades de reflexões sobre as perspectivas para se viver em Itaiacoca.

Marilei de Fátima Gonçalves: 38 anos, professora. Mestre em Educação pela Tuiuti-PR. Desde a audiência pública que acompanhei na escola do Cerradinho, senti a necessidade de ouvi-la como representante de uma comunidade que esboça sua resistência frente a mineração. Conheci Marilei se manifestando durante a audiência, e num grito pouco ouvido, contando da existência de uma comunidade tradicional (Faxinal de Sete Saltos de Baixo) que está estabelecido em área próxima ao projeto do complexo mineroindustrial. Marilei pertence a essa comunidade e não vê da mesma forma os benefícios anunciados pela mineração que se aproxima. No dia da audiência, logo após sua fala, sentei próximo a ela e contei o que eu fazia lá, perguntei se aceitaria participar. De pronto me passou se e-mail e WhatsApp. Faxinal Sete Saltos de Baixo fica a 60km da sede urbana de Ponta Grossa. A estrada sem pavimentação e o caminho “para quem conhece”, adiaram um pouco minha chegada até Marilei. Já quase no final da pesquisa, entrei novamente em contato com ela, que me convidou para um evento que aconteceria em sua comunidade. Tratava-se do II Encontro Acadêmico-comunitário da Unitinerante: “saberes geocológicos tradicionais e diversidade socioterritorial”. Então no dia 18/08/18 fui até a comunidade onde o

evento estava ocorrendo. Lá encontrei uma reunião de pessoas que nutrem o mesmo sentimento de Marilei, pelo desejo da manutenção do lugar, e me fez muito sentido o que havia lido e refletido sobre a questão do afeto pelo lugar. Foi em meio a esse evento que esta entrevistada falou sobre como a comunidade se sente de fora da discussão sobre a mineração que está por vir, e sobre como o estudo para o RIMA que não representa a realidade vivida pelos moradores do faxinal.

Celso Amadeu de Paula Antunes: 40 anos de vida, dos quais 17 são dedicados ao trabalho à mineração. A entrevista foi agendada por telefone e também foi prontamente aceita. Procurei Celso pois queria ouvir mais um Itaiacocano em sua experiência no trabalho com a mineração. Em sua casa na localidade de Ribeirão da Cruz, Celso, sua esposa e filha me receberam com café e sonho caseiro. No retrato dado pelas memórias e expectativas sobre viver em Itaiacoca, foram apresentados motivos da permanência. As heranças familiares da mãe parteira e benzedeira e do pai lavrador estão ainda presentes na leitura do lugar e nos modos de vida da família. A busca pela educação da filha perpassa pelo desejo de valores do campo, ao mesmo tempo pelo desejo de oferecer estudo e uma vida melhor na cidade. A tranquilidade, a segurança e o baixo custo de vida são valorizados e geram desejo de ficar, desde que o emprego possa ser mantido. O narrado por Celso mostra discurso coerente com o do trabalhador bem-sucedido na mineração, mas ainda inseguro com o futuro. Precisa estudar mais, aprender sempre mais sobre mineração como forma de garantir sua permanência na empresa.

ANEXO B
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo _____ presente _____ documento, **eu**

RG: _____, domiciliado/residente em:
 _____;

declaro ceder à Pesquisadora Lucimara Nabozny:

CPF: 047.861.619-85 RG: 8.458.482-7 Residente à Rua Brandão Ponce, 198. Uvaranas, Ponta Grossa -PR

Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisadora/entrevistadora aqui referida, na cidade de Ponta Grossa, Paraná, em ____/____/____, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em História, Cultura e Identidades. A pesquisadora acima citada fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor. -----

Ponta Grossa, _____ de _____

 (assinatura do entrevistado/depoente)